



Adair Adams
Letícia de Lemos Perin
Adriana Aparecida de Almeida Marcolin
(Organizadores)

NARRATIVAS SOBRE AÇÃO DOCENTE

PROJETOS DESENVOLVIDOS
NO ÂMBITO ESCOLAR

Adair Adams
Letícia de Lemos Perin
Adriana Aparecida de Almeida Marcolin
(Organizadores)

NARRATIVAS SOBRE AÇÃO DOCENTE

PROJETOS DESENVOLVIDOS NO ÂMBITO ESCOLAR

Editora Metrics
Santo Ângelo – Brasil
2021

Copyright © Editora Metrics

Imagens da capa: Freepik

Revisão: Os autores

CATALOGAÇÃO NA FONTE

N234 Narrativas sobre ação docente [recurso eletrônico] : projetos desenvolvidos no âmbito escolar / organizadores: Adair Adams, Letícia de Lemos Perin, Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. - Santo Ângelo : Metrics, 2021.
137 p. ; il.

ISBN 978-65-89700-09-8

DOI 10.46550/978-65-89700-09-8

1. Educação. 2. Pandemia (COVID-19). 3. Práticas pedagógicas. I. Adams, Adair (org.). II. Perin, Letícia de Lemos (org.). III. Marcolin, Adriana Aparecida de Almeida (org.)

CDU: 37

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720

2021

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora
Metrics

Todos os direitos desta edição reservados pela Editora Metrics

Rua Antunes Ribas, 2045, Centro, Santo Ângelo, CEP 98801-630

E-mail: editora.metrics@gmail.com

<https://editorametrics.com.br>

Conselho Editorial

Dr ^a . Berenice Beatriz Rossner Wbatuba	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr ^a . Célia Zeri de Oliveira	UFPA, Belém, PA, Brasil
Dr. Charley Teixeira Chaves	PUC Minas, Belo Horizonte, MG, Brasil
Dr. Douglas Verbicaro Soares	UFRR, Boa Vista, RR, Brasil
Dr. Eder John Scheid	UZH, Zurique, Suíça
Dr ^a . Egeslaine de Nez	UFMT, Araguaia, MT, Brasil
Dr. Fernando de Oliveira Leão	IFBA, Santo Antônio de Jesus, BA, Brasil
Dr. Glaucio Bezerra Brandão	UFRRN, Natal, RN, Brasil
Dr. Gonzalo Salerno	UNCA, Catamarca, Argentina
Dr ^a . Helena Maria Ferreira	UFLA, Lavras, MG, Brasil
Dr. Jenerton Arlan Schütz	UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil
Dr. Jorge Luis Ordelin Font	CIESS, Cidade do México, México
Dr. Luiz Augusto Passos	UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
Dr. Manuel Becerra Ramirez	UNAM, Cidade do México, México
Dr. Marcio Doro	USJT, São Paulo, SP, Brasil
Dr. Marcio Flávio Ruaro	IFPR, Palmas, PR, Brasil
Dr ^a . Marta Carolina Gimenez Pereira	UFBA, Salvador, BH, Brasil
Dr ^a . Mércia Cardoso de Souza	ESEMEC, Fortaleza, CE, Brasil
Dr. Milton César Gerhardt	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Muriel Figueredo Franco	UZH, Zurique, Suíça
Dr. Ramon de Freitas Santos	IFTO, Araguaína, TO, Brasil
Dr. Rafael J. Pérez Miranda	UAM, Cidade do México, México
Dr. Regilson Maciel Borges	UFLA, Lavras, MG, Brasil
Dr. Ricardo Luis dos Santos	IFRS, Vacaria, RS, Brasil
Dr. Rivetla Edipo Araujo Cruz	UFPA, Belém, PA, Brasil
Dr ^a . Rosângela Angelin	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr ^a . Salete Oro Boff	IMED, Passo Fundo, RS, Brasil
Dr ^a . Vanessa Rocha Ferreira	CESUPA, Belém, PA, Brasil
Dr ^a . Waldimeiry Corrêa da Silva	ULOYOLA, Sevilha, Espanha

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

SUMÁRIO

CONVERSAS PEDAGÓGICAS POR MEIO DE PROJETOS.....	11
Adair Adams	
Letícia de Lemos Perin	
Adriana Aparecida de Almeida Marcolin	
ENSINO HÍBRIDO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS	17
Adriana Aparecida de Almeida Marcolin	
Daniela Corte Real	
Marli Borsoi Pereira	
EDUCAÇÃO ESCOLAR ENTRE OBRIGAÇÕES E DESEJOS: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS	43
Adriana Aparecida de Almeida Marcolin	
Adair Adams	
Geraldo Antônio da Rosa	
ENSINO REMOTO EMERGENCIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19 E O USO DAS TICs NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	61
Márcia Boell	
Paula Marchesini	
A LIMITAÇÃO DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES EM TEMPOS DE PANDEMIA	77
Nilva Michelin	
A CULTURA GAÚCHA NA ESCOLA: COMO ENSINAR OS ESPORTES GAUCHESCOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	107
Letícia Zamban Martins	

PROJETO OLIMPÍADAS E PARAOLIMPÍADAS: CONHECENDO O MUNDO E A HISTÓRIA ATRAVÉS DO ESPORTE.....	117
--	-----

Juliano Gonçalves Fernandes

OLIMPISMO: UMA FILOSOFIA ESPORTIVA NA ESCOLA	123
--	-----

Uilian Maciel de Almeida

METODOLOGIAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA: AULAS PRÁTICAS COM MATERIAIS ALTERNATIVOS.....	131
--	-----

Luciana Aparecida Zelazowski

SUPERMERCADO DO APRENDIZ: O ENSINO ALÉM DA MATEMÁTICA.....	137
--	-----

Márcia de Aguiar Constante

AS CORES A NOSSA VOLTA: UMA PROPOSTA DE EXPERIMENTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	143
--	-----

Fabíola Boff Borges

PROJETO ESPORTES COM TACOS E RAQUETES – UM OLHAR DIFERENCIADO AOS ESPORTES NÃO TRADICIONAIS	157
---	-----

Juliano Gonçalves Fernandes

SOBRE OS AUTORES	161
------------------------	-----

CONVERSAS PEDAGÓGICAS POR MEIO DE PROJETOS

Diante de todas as reflexões, críticas e apologéticas, em torno da educação tem como questão silenciosa: o que seria dos seres humanos sem qualquer educação formal organizada institucionalmente? A história mais remota da humanidade pode apresentar alguns indícios. Por isso, é fundamental conhecer os percursos da sociedade ao longo dos tempos. Se não conseguimos ter claro o que será do futuro, podemos ao menos ter presente as interpretações do já vivido pelas gerações passadas e, com isso, pensar e buscar compreender o que estamos realizando no presente. Algumas respostas para os desafios da atualidade são encontradas na tradição daquilo que somos e podemos ser.

Em qualquer retrospectiva encontramos ações elogiáveis e outras que são detestáveis em termos da dignidade humana. Geralmente, as análises da história da educação tendem apenas para argumentos que a colocam em suspeição, sobretudo por ter como pressuposto um lugar interpretativo da idealidade ainda não vivida. Mas, na compreensão dos contextos, dos jeitos de ser, das culturas e dos desafios de cada época, é possível encontrar ideias que dão o que pensar na atualidade. E colocar as teorias e as práticas sob a exclusividade de uma reflexão ética maniqueísta é limitar o olhar para aquilo que está na base do que nos tornamos. É preciso instigar o pensar não apenas nos termos de julgamentos, mas de quem é essa humanidade que viveu, por que se organizou assim e como legou conhecimentos e uma estrutura de sociedade para as gerações seguintes.

Esse pressuposto histórico com uma questão ontológica indicia outro, o da linguagem como elemento constitutivo do humano e da construção da coletividade. Já em Aristóteles a linguagem é entendida em termos antropológicos, além da lógica, poética e retórica. O ser humano é linguagem. Por meio dela se dá

toda compreensão, interpretação e comunicação das singularidades e pluralidades culturais que permitem construir consensos, acordos, verdades e sentidos em cada época. Na contemporaneidade, ela passa a ser instituída como novo paradigma nas ciências humanas.

A dimensão política está intimamente ligada com o histórico e o linguístico na constituição dos modos de vida em sociedade. Fazer política requer a condição de poder dizer a sua palavra de como quer o mundo a partir daquilo que aprende do legado pela tradição é organizado na forma de currículo base. Assim, o fazer humano está permeado pela linguagem, a história e os modos de se organizar politicamente. Esta, por sua vez, congrega tudo aquilo que faz parte do agir individual e coletivo, o que demanda um diálogo com a educação escolar.

Para o professor José Pedro Bouffleuer, no texto *Do aprender na experiência pedagógica*:

A educação constitui, portanto, essa atividade interativa mediante a qual “homens produzem outros homens em homens”, para nos valermos da linguagem do filósofo Kant. E a questão crucial da educação é que para essa “produção de homens” não existe uma orientação previamente definida, um modelo a ser seguido. Cada geração educa a subsequente a partir do seu entendimento do “humano”. É essa a situação dialética fundamental que constitui a educação. É essa também a sua condicionalidade histórica, já que a cada época e, num certo sentido, a cada geração se implementa uma educação com base no que em seu contexto se elabora como ideal de formação humana

Nesta perspectiva é que os textos que compõem esta obra tem um ponto de conversa. Não obstante a diversidade de temas, propostas, metodologias, resultados, eles são narrativas das ações docentes realizadas no âmbito da escola em diálogo com a tradição por meio da linguagem com finalidades políticas, de pensar e viver na perspectiva do bem comum. O objetivo é ampliar e aprofundar a comunicação entre professores, compartilhando seus projetos que caminham pelas vias da perfectibilidade da escola.

O trabalho docente requer muita reflexão e exercício de propostas educativas que se propõem como adequadas para os fins de introduzir as novas gerações no mundo adulto. As turmas, os alunos, as escolas não são as mesmas, o que cria uma teia de situações, contextos e experiências de aprendizagens que podem dialogar para manifestar a pluralidade dos modos de acesso ao conhecimento.

Na história educacional encontramos diversos fatores que sempre desafiaram os professores, não sendo de hoje a defasagem da educação pública. Na educação é que se decidem as principais apostas sobre as formas de sociedade. Assim, esse descuido com ela não é resultado de possível crise econômica ou outra qualquer, ele é um projeto que visa manter uma estrutura sociocultural. Com a chegada da pandemia, não foi diferente, os educadores mais uma vez, precisaram se reinventar e analisar o seu novo contexto.

Por todas estas razões, o engajamento dos autores no projeto *Compartilhando Saberes Docentes* contribui significativamente para a educação escolar, em diferentes níveis, etapas e modalidades, num movimento que privilegia a diversidade e valoriza a voz e o cotidiano dos protagonistas nas escolas. Sobretudo, emerge a leitura de um cotidiano que expressa pensamentos e constitui conhecimentos, sem se distanciar dos argumentos epistemológicos que sustentam as narrativas dos textos. Desta forma, os docentes compartilham experiências do seu contexto educacional, com lentes que desvelam horizontes e possibilidades, além de vislumbrar o ideal de uma educação qualificada.

As vivências/experiências narradas são manifestações de crença em uma educação de qualidade e de desejos de mudanças para o cenário escolar. Para que isso ocorra, é necessária a reflexão docente, a escrita e o compartilhamento de informações que auxiliam a si e aos demais colegas de profissão nessa jornada pela qualidade do ensino. Diante disso, apresentamos os capítulos através de breves resumos. No primeiro capítulo é possível visualizar a frustração dos docentes em se tratando do ensino híbrido e remoto. A falta de interesse por parte dos alunos em participar, a falta de

apoio governamental – com a instituição de regras mais amenas em relação à assiduidade e desempenho dos alunos –, a solidão que cada educador encontrou no seu trabalho de “formiguinha” e a distância que toda a situação pandêmica ocasionava no ambiente escolar.

No segundo capítulo é possível ver os anseios de uma qualidade de vida melhorada através dos estudos. Algumas famílias compreendem a educação como oportunidade e, por isso, incentivam seus filhos a manterem-se nos estudos, mesmo que existem muitas dificuldades no mantimento das necessidades básicas das residências.

O terceiro e quarto capítulos, também tratam do período pandêmico e das atividades remotas que aconteceram nas escolas. Nos textos é possível perceber a diversificação de ações empreendidas pelas escolas e professores através de aplicativos de redes sociais que se tornaram auxiliares no processo de educação. Além disso, é perceptível a dificuldade no retorno das atividades avaliativas pelos alunos, a participação dos pais e o distanciamento da comunidade com a escola.

Os capítulos cinco, seis e sete são relacionados ao componente curricular de educação física. Esses textos são experiências pedagógicas do período escolar anterior à pandemia, com aulas práticas no ambiente escolar. O quinto capítulo trata dos esportes gauchescos na escola, e da falta de conhecimento por parte de grande parte dos educandos, mesmo que tenham nascido no Rio Grande do Sul. A professora busca através desses esportes tornar a cultura gaúcha um conhecimento ligado à ementa e possível de realizar na escola mesmo com os novos documentos orientadores de ensino. O sexto e sétimo capítulos têm o tema das Olimpíadas como eixo central, sendo um desenvolvido nos anos finais do ensino fundamental e o outro, com o ensino médio, consecutivamente. Esses trabalhos têm uma perspectiva interdisciplinar em termos de abordagem, além das características esportivas, trabalhadas na educação física, questões geográficas e de conhecimento histórico

sobre os esportes. O sétimo capítulo ainda conta com a edição anual do evento e a competição entre as turmas.

O ensino de ciências nos anos finais do ensino fundamental é abordado no oitavo capítulo. O texto apresenta relatos de práticas trabalhadas com materiais alternativos e observações realizadas no pátio da escola, favorecendo a construção do conhecimento e do pensamento reflexivo do estudante.

Os anos iniciais do ensino fundamental é tema do nono capítulo, que narra experiências sobre a construção de um supermercado, interligando diversas áreas do conhecimento. Esse projeto apresenta conhecimento de leis, de educação fiscal e financeira, além da estimulação da criatividade através de textos produzidos pelos alunos.

A educação infantil, colorida por natureza, tem sua presença no décimo capítulo. O projeto desenvolvido pela educadora tem o viés investigativo sobre as cores que circundam o cotidiano, além disso, é exploratório e faz com que as crianças, entre quatro e cinco anos, sejam as protagonistas do seu aprendizado.

No último capítulo, o desafio de trabalhar esportes não convencionais, neste caso os esportes de raquete, é abordado por um professor de educação física atuante nos anos finais do ensino fundamental. A utilização desses desportos gera uma motivação nos alunos para participar mais ativamente das aulas, sobretudo pela a curiosidade trabalhada que possibilita a inclusão e participação efetiva na compreensão e construção das aprendizagens.

Os relatos manifestam uma ideia de educação plural e em diálogo, não apenas entre professores de uma mesma escola, mas entre redes de ensino. Compartilhar os projetos desenvolvidos no formato capítulos de livros tem por finalidades: - valorizar as experiências locais; - tornar conhecido o trabalho desenvolvido nas escolas; - fomentar o registro dessas ações e da publicação em livros ou artigos científicos; - por fim, criar uma rede de interlocutores com a perspectiva de qualificar o ensino na região.

Esse diálogo por meio dos textos manifesta a pluralidade do fazer pedagógico e da própria condição humana envolvida em aprender a ser. Desejamos a todos uma boa leitura e o convite para escrever e publicar seu projeto com uma passagens instigante de Hanna Arendt, da obra *A condição humana*:

Ser diferente não equivale a ser outro - ou seja, não equivale a possuir essa curiosa qualidade de «alteridade», comum a tudo o que existe e que, para a filosofia medieval, é uma das quatro características básicas e universais que transcendem todas as qualidades particulares. A alteridade é, sem dúvida, um aspecto importante da pluralidade; é a razão pela qual todas as nossas definições são distinções e o motivo pelo qual não podemos dizer o que uma coisa é sem a distinguir de outra.

Adair Adams

Letícia de Lemos Perin

Adriana Aparecida de Almeida Marcolin

(Organizadores)

ENSINO HÍBRIDO¹: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Adriana Aparecida de Almeida Marcolin

Daniela Corte Real

Marli Borsoi Pereira

1 Introdução

O ano de 2020 foi desafiador para as instituições de ensino em todos os níveis, da educação infantil ao ensino superior, dada a necessidade de uma readequação às formas de acesso às aulas, em decorrência da crise que se efetivou com a pandemia do novo Coronavírus (Sars-CoV-2² ou COVID-19 como é conhecido), que fez com que as escolas no Brasil e no mundo tivessem que fechar suas portas para seus alunos. Foi (e está sendo ainda) um período de muitos estudos e ajustes para a reorganização escolar, tendo como emergência a proposição de alternativas diferenciadas de trabalho nas escolas, em atenção às recomendações da vigilância sanitária para o distanciamento de pessoas, como forma de evitar o contágio coletivo da Covid-19.

1 O Parecer nº 11/2020 do CNE/CP que traz as orientações educacionais para a realização de aulas e atividades pedagógicas presenciais e não presenciais no contexto da pandemia, utiliza para referir aos modelos de atendimento aos estudantes expressões como: ensino remoto, oferta de atividades presenciais e não presenciais mediadas ou não pelas tecnologias digitais, por exemplo. O ensino híbrido aparece como modelo que articula mais de uma estratégia para o retorno às atividades presenciais a partir de protocolos sanitários (BRASIL, 2020, p. 15 e 20). Neste artigo, adotamos essa terminologia para referir a emergência de uma modalidade de ensino que articula diferentes estratégias de atendimento e que foi colocada em prática, ainda que de forma intuitiva, pela grande maioria das escolas brasileiras em 2020.

2 Conforme Silvello e Garces *apud* Adams *et al* (2020), o vírus que causa o COVID-19 é designado coronavírus relacionado à Síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2).

Por isso foi impossível deixar de fora deste texto a contextualização do momento ímpar que o mundo tem enfrentado por causa da COVID-19 que impactou (e segue impactando) de forma esmagadora as relações humanas exigindo o distanciamento e, em alguns momentos, o isolamento social. E isso se reflete em alterações nas relações de trabalho, nas atividades culturais e sociais, na economia e, de modo perturbador, “[...] nos leva a questionar nosso modo de vida, nossas reais necessidades mascaradas nas alienações da vida cotidiana” (MORIN, 19 de abril, 2020). A Pandemia causada pela disseminação do vírus da COVID-19 está fazendo com que os homens repensem sua forma de ver, ser e estar no mundo e isso se reflete na produção do conhecimento e no educar. Hoje, entendemos que estamos valorizando, com muito mais intensidade, coisas do cotidiano que tratávamos com normalidade, como os abraços, os sorrisos, o contato físico...

Gostamos de trazer para o debate o conceito de ‘perturbação’ sob o qual Morin (2005) se debruçou durante muito tempo, porque é a perturbação dos princípios clássicos (poderíamos escrever: conhecidos) que explicam uma realidade que faz com que sejamos provocados a investigar e fazer novas descobertas (científicas ou não), através de uma revolução que conduz a uma (ou mais) mudanças de paradigmas (enquanto conjunto de princípios de associação/exclusão/inclusão que comandam o pensamento e a teoria). O que, consequentemente, apresenta (e/ou provoca a pensar) em uma ou mais mudanças na visão de mundo.

Aqui nos atrevemos a fazer conversar Freire e Morin porque ambos nos provocam a pensar que: não ignoramos tudo, não sabemos tudo e que aprendemos sempre. Para além disso, os autores nos convocavam a sair do imobilismo (da nossa zona de conforto) de forma inquietante, impaciente, contínua – antes mesmo da Pandemia - e reconhecem na perturbação (ainda que Freire não tenha usado exatamente esta palavra), a possibilidade da construção de mudança. Freire escreve

Ai daqueles que pararem com sua capacidade de sonhar, de injejar sua coragem de anunciar e denunciar. Ai daqueles que,

em lugar de visitar de vez em quando o amanhã pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e o agora, se atrelarem a um passado de exploração e de rotina. (s/ano³). (Grifos nossos)

A acomodação, ao contrário da perturbação, nos coloca em risco porque deixamos de duvidar e de questionar o que fazemos e o que vivemos/expericiamos e pode, como nos apresenta Freire no excerto acima, ao repetir no texto a expressão “*Ai daqueles*”, nos induzir a uma situação de subserviência, exploração e rotina que nos impede de questionar nosso modo de vida e nossas reais necessidades que podem permanecer mascaradas nas alienações da vida cotidiana. Ao fazermos dialogar Morin e Freire nesta parte inicial do artigo, vamos tecendo as primeiras linhas de uma intencionalidade atravessada pela pandemia que influenciou e modificou nossa prática pedagógica enquanto professoras. Tivemos que nos reinventar!

O conhecimento emerge apenas através da invenção e da reinvenção, através da inquietante, impaciente, contínua e esperançosa investigação que os seres humanos buscam no mundo, com o mundo e uns com os outros. (FREIRE, 1968, p. 70).

Freire nos provoca a pensar sobre as possibilidades de produção do conhecimento que estão, invariavelmente, sendo tecidas em um tempo/espço atravessado por fatores externos e internos à escola – enquanto espaço de educar legitimado pelos discursos legais – que faz emergir a necessidade de inventar, reinventar, contínua e esperançosamente, outras possibilidades de formação capazes de contribuir com aquilo que os seres humanos buscam no mundo, com o mundo e uns com os outros (FREIRE, 1968). Contudo, a nova rotina escolar promoveu grande instabilidade nos processos de ensino e aprendizagem, constatada a participação parcial de crianças e jovens em atividades síncronas e, também, assíncronas, reverberando algumas reflexões. Diante disso, este estudo emerge da seguinte problematização: quais os

3 Fonte: https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2011/09/quadro_negro_n170_outubro-2011.pdf Acesso em: 19 dez 2020.

motivos ou fatores que poderiam justificar certa resistência na proposta de ensino híbrido, pelos estudantes da Educação Básica, na rede pública de ensino, no município de Vacaria/RS?

Para responder à questão, utilizamos a metáfora viagem de trem, pensando num itinerário onde o percurso se inicia com o anúncio de uma pausa das aulas presenciais. Essa é a perturbação inicial, conforme Morin (1979). Conjugado a isso, cresce a expectativa sobre os destinos a serem percorridos. Rumo ao desconhecido, gestores educacionais e professores buscam estratégias para a continuidade das atividades escolares na Educação Básica. Entre estas, a inserção do uso das tecnologias digitais, a reelaboração das formas de planejamento das aulas, assim como os meios de interação entre docentes e discentes se constituem em outras possibilidades de ensino.

Contudo, a mudança rápida no contexto educacional, tanto na forma de atuação dos professores, quanto na resposta dos estudantes, propõe algumas paradas nas estações de trem com a finalidade de avaliar o percurso e redefinir as próximas ações. Nestes diferentes locais, os viajantes compartilham suas experiências e procuram realizar uma análise preambular sobre os possíveis fatores que contribuíram para o atual descompasso no aproveitamento escolar.

Nesse meio tempo, os itens de bagagem são remexidos e utilizados, estando entre eles os documentos orientadores e os referenciais teóricos sustentados num estudo de caso que toma Yin (2010) como perspectiva metodológica e na análise textual discursiva a partir de Moraes e Galiazzi (2016). Outrossim, os viajantes contemplam os benefícios e contribuições do ensino híbrido para a Educação Básica, mas também, identificam indícios de fragilidades na proposta, visto que existem passageiros que não estão no mesmo vagão e, por isso, ainda não sabemos se estão usufruindo do pacote de viagem.

Assim, procuramos descobrir onde estariam os demais viajantes e o que os impossibilitou de embarcar no mesmo vagão.

Sabemos que não podemos perder nenhuma pessoa nesta aventura, cabendo uma força-tarefa para aproximá-las e corrigir possíveis falhas que as levaram para outro lugar. Será que alguns passageiros ficaram para trás ou apenas se distraíram diante da inusitada experiência? As respostas a este questionamento poderão nortear novas estratégias de ação para o ensino híbrido e sinalizar novos rumos a lugares onde o conhecimento é o principal evento.

2 Percursos da análise

Em qualquer viagem se somam expectativas e um período de preparo que compreende arrumar a mala, planejar o destino e organizar as paradas, contanto que seja programado ou desejado. Todavia, o ano 2020 nos surpreendeu. Fomos comunicados de um embarque repentino, sem que soubéssemos quanto tempo estaríamos longe e ao certo para onde iríamos. A segunda quinzena do mês de março de 2020 é o período que inicia uma misteriosa viagem.

Viagem orientada por documentos e normativas que diziam como devíamos nos comportar na viagem. Dentre os documentos vigentes destacamos a Portaria nº 343, de 17 de março de 2020 que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por meios digitais enquanto durar a pandemia do novo Coronavírus – COVID-19. A Nota de Esclarecimento do Conselho Nacional de Educação (CNE) publicada no dia 18 de março de 2020 elenca uma série de medidas de segurança e prevenção à propagação do COVID-19 e impacta diretamente nas atividades escolares. O Parecer nº 5/2020, de 28 de abril, que tem como foco a reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento de carga horária mínima, em razão da Pandemia do COVID-19. O Parecer nº 11/2020, de 07 de julho, traz orientações para a realização de aulas e atividades pedagógicas presenciais e não presenciais no contexto da Pandemia. Bem como, a Lei nº 14.040, promulgada no dia 18 de agosto do corrente, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas

durante o *Estado de Calamidade Pública* reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, e altera a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Entendemos que a situação causada pela pandemia da COVID-19 há de ter efeitos e impactos nas falas e nas demandas dos viajantes quando provocados a refletir sobre a atual realidade escolar, as possibilidades de práticas, as mudanças de rumo e as paradas inesperadas. Mas o que isso pode significar quando nosso foco (poderíamos chamar destino) é o ensino híbrido?

Para Pontes (2020), o ensino híbrido, ou *blended learning*⁴, constitui-se numa forte opção para as atividades educativas, possibilitando uma combinação entre o ensino presencial e propostas de ensino online, onde a educação se agrega à tecnologia. Conforme o pesquisador, nessa modalidade as aulas não precisam acontecer em tempo real, e conteúdos assíncronos, podem ser utilizados como recursos didáticos, podendo ser em forma de áudio, vídeo, texto entre outros. Diferente disso é o ensino remoto, que segundo o autor, tem a característica de transmissão das aulas em tempo real, por meio de plataformas de *streaming*. Nesta proposta, professor e alunos interagem nos mesmos horários do modelo presencial, de forma síncrona, ou seja, altera-se o ambiente, que passa a ser virtual e pode ser acessado de diferentes locais, mas mantém-se a rotina de trabalho. O ensino remoto também utiliza os conteúdos assíncronos como uma forma de enriquecer as aulas.

Entre uma modalidade ou outra e a necessidade de analisar o percurso, o método estudo de caso foi considerado apropriado por ter como tarefa principal esclarecer a natureza das questões que mobilizam o estudo, de acordo com Yin (2010). Os movimentos de pesquisa permearam um referencial teórico, articulado às questões potenciais explicitadas no empirismo das conversas informais, registradas em diário de bordo das pesquisadoras, anotações, mensagens em grupos de *WhatsApp*, calendários, correspondências

⁴ Segundo Spinard e Both (2018), o *blended learning* é um conceito de educação que tem como característica a utilização de soluções mistas, fazendo uso de diversos métodos para facilitar o aprendizado”.

eletrônicas, documentos administrativos, avaliações e recortes de notícias na mídia.

De posse dos materiais coletados, buscamos comparar e confrontar os relatos, para identificar e interpretar o conteúdo com isonomia, independente de papel desempenhado, seja aluno, professor, gestor ou pais, a fim de manter a centralidade na resposta para a questão investigada. Neste sentido, a pertinência do caso estaria na resposta a ser encontrada para o problema investigado, em suma, os motivos ou fatores que poderiam justificar certa resistência na proposta de ensino híbrido, pelos estudantes da Educação Básica, na rede pública de ensino, no município de Vacaria, RS.

Nesta investigação, também consideramos o processo de análise textual discursiva de Moraes e Galiuzzi (2016, p.158), por destacar que desta forma se expressam “[...] novos modos de compreender fenômenos ou discursos [...] no próprio processo de análise e escrita efetivam-se aprendizagens, constroem-se compreensões”. Para isso, recorremos a uma breve narrativa do percurso que motivou a pesquisa.

Representantes do poder executivo manifestam suas preocupações com a possibilidade de um contágio avassalador provocado pelo novo Coronavírus e determinam uma pausa de 15 dias nas atividades escolares presenciais, a contar de 19 de março⁵, de 2020. A medida seguiu as recomendações do Ministério da Saúde, frente à crise sanitária provocada pela pandemia. Alternativas como o distanciamento entre as pessoas e em casos de contaminação, o isolamento, constituíram-se em ações possíveis para conter o avanço da doença, já que não havia tratamento ou vacina para a

5 Segundo Silvello e Garces *apud* Adams (2020, p. 94), “as primeiras ações de isolamento social no Brasil, mais precisamente no Rio Grande do Sul tiveram início em março de 2020, após a observação da consequência deste novo vírus em países como Itália e Espanha. Estes países não realizaram com antecedência um isolamento preventivo de sua população, e viram os casos de infecção crescerem de forma espantosa. Assim, o decreto nº 55.118 do dia 16 de março de 2020, estabeleceu que no dia 19 do mesmo mês, como medida preventiva no estado do Rio Grande do Sul, os serviços públicos e particulares de educação básica seriam suspensos.”

prevenção. Estávamos diante de um vírus com grande potencial de contaminação e um histórico internacional de letalidade.

O governo do estado manteve a paralisação e antecipou o recesso escolar de inverno, que aconteceria em julho, para o mês de maio, sendo assim, as duas últimas semanas de maio os professores e alunos estavam “oficialmente” em recesso escolar. De tal modo, chega o parecer do Conselho Nacional de Educação, publicado no dia 28 de abril de 2020, quarenta dias após o início do isolamento social no estado, orientando os sistemas estaduais e municipais a como deveriam ocorrer as aulas nesta pandemia. (SILVELLO; GARCES *apud* ADAMS, 2020, p. 95-96)

Deste momento em diante, as incertezas estão presentes. Face a isto, começa a temporada das *lives*, espaços virtuais de formação docente e estudos regimentais para a melhor readequação da rotina escolar. A preocupação inicial foi a recuperação das aulas suspensas, mas depois, com a continuidade do distanciamento, iniciaram-se os movimentos para reprogramar o planejamento pedagógico das escolas, buscando novas alternativas e estratégias de interação com os estudantes, sem a centralidade na efetivação da aprendizagem, mas na manutenção de vínculos.

Estudantes ou responsáveis foram chamados a visitar páginas institucionais do *Facebook*, para acessarem tarefas remotas. No entanto, frente à baixa adesão, justificada pela limitação no acesso a internet, ou mesmo pela falta de equipamentos, os docentes apresentam novas estratégias. Prepararam blocos de tarefas impressos (textos e exercícios) com a finalidade de tornar acessível os materiais de ensino. Os professores, também, colocam-se à disposição de seus alunos, por meio de contato telefônico, mensagens pelo aplicativo *WhatsApp*, *e-mail* e vídeo. Neste ano letivo de 2020, consolida-se o ensino híbrido.

Falar em educação híbrida significa partir do pressuposto de que não há uma única forma de aprender e, por consequência, não há uma única forma de ensinar. Existem diferentes maneiras de aprender e ensinar. O trabalho colaborativo pode estar aliado ao uso das tecnologias digitais e propiciar momentos de aprendizagem e troca que ultrapassam as barreiras da sala de

aula. Aprender com os pares torna-se ainda mais significativo quando há um objetivo comum a ser alcançado pelo grupo. (BACICH & MORAN; 2015, p. 45)

Desta forma, “o cenário da educação brasileira em meio a pandemia de COVID-19 está sendo um meio de promover pela primeira vez a utilização massiva das tecnologias digitais da informação e comunicação⁶ pela escola básica brasileira, segundo Silvello e Garces *apud* Adams (2020, p. 97). Igualmente, o Rio Grande do Sul manteve as estratégias adotadas em âmbito nacional e iniciou “o seu plano de aulas remotas⁷ no dia 1º de junho de 2020, por meio das plataformas do *Google Classroom*⁸, cerca de dois meses após o início do isolamento social (2020, p. 98).

Decorrente disso, no mês de junho, a rede estadual de ensino mudou o itinerário para alguns viajantes. Neste período da pandemia, todos receberam um ticket para ingressar no *G Suite for Education*, por meio do e-mail institucional *educar.rs.gov.br*. Todavia, parte destes passageiros precisaram seguir o itinerário anterior, porque declararam não ter um acessório fundamental para o novo destino, ou seja, a falta de dispositivos para acessar à rede virtual, assim como internet. Do mesmo modo, passageiros que aderiram ao novo itinerário, relataram dificuldades na conexão pelo pacote pessoal de dados móveis, necessitando retomar o percurso anterior. Acreditamos que não existe tema mais adequado à constatação de que as estratégias propostas não davam conta de

6 “Tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC)”, segundo Valente (2014, p. 79). Ainda, o autor refere que “[...] a integração das TDIC nas atividades da sala de aula tem proporcionado o que é conhecido como *blended learning* ou ensino híbrido” (2014, p. 82).

7 “Os ambientes de educação remotos vêm aumentando em razão da pandemia do COVID-19 que interrompeu as aulas presenciais em todas as instituições de ensino no país. Fato que possibilitou o cumprimento das aulas serem organizadas através de plataformas digitais como o *Google Classroom* e salas de reunião por meio do *Google Meet*.” (SILVA *et al*, 2020, p. 4)

8 “O *Google Classroom* é um sistema que gerencia os conteúdos para escolas e profissionais da educação como forma de criar atividades de ensino, bem como formas diversificadas de avaliação [...] se tornou um dos principais instrumentos de atividades acadêmicas de assessoramento aos professores.” SILVA *et al* (2020, p. 5)

todos por uma série de fatores do que a significação crítica do ator de ensinar.

É que não existe (pra mim) ensinar sem aprender (FREIRE, 1993, p. 27). Trata-se de descobrir as incertezas, os acertos e equívocos. Trata-se de reconhecer aquilo que faz lembrar (que permanece e significa) e de se deixar surpreender por aquilo que não se sabia antes. Trata-se de um processo que transforma, modifica, provoca, rompe... a necessidade de ajuste do curso da viagem, do rumo.

Veja, não é algo simples, não é algo novo. Não é uma incursão ao empreendedorismo. Tampouco, uma velha receita de bolo. É algo que se encontra entre as múltiplas cores de Maimará e as paletas acinzentadas de um pintor de palavras. É algo que não se pretende esgotado, preciso, aquartelado, mas que permite a continuidade do debate sem que seja necessário deixar para trás tudo aquilo que já foi visto antes. Lê-se primeiro - o mundo! E o mundo de nossos alunos/viajantes não é igual para todos.

Da escuta atenta surge o reconhecimento de que não é possível despregar o pensamento. Há que se reconhecer a condição de homem como aquele que enfrenta obstáculos e encontra a natureza que lhe é própria. Delimitam-se situações de conhecer e de dar-se a conhecer. Apresentam-se as bagagens. Desnadam-se os conflitos e não é mais possível, deixar tudo como está.

Em meio ao conflito, em âmbito municipal, as escolas da rede municipal de ensino de Vacaria, apresentam como possibilidade de trabalho à Educação Básica de crianças e adolescentes matriculadas na pré-escola ao 9º ano do Ensino Fundamental, a oferta de atividades não-presenciais, assim denominadas pelo Conselho Municipal de Educação e mantenedora, por meio do acesso às contas institucionais de *Facebook*, ou mesmo, pela entrega física de materiais impressos, que por vezes, não eram retirados nas escolas, pelos estudantes ou seus familiares. Neste sentido, direção, supervisão e professores iniciaram a busca dos alunos por meio de telefone, *Facebook* e, até mesmo, *in lócus*, nos endereços informados

no cadastro. Alguns não foram localizados, outros sustentaram justificativas sobre a impossibilidade no acesso, e também, houve quem ignorou qualquer contato ou chamamento.

Configurava-se um quadro de abandono escolar, de descaso com a oferta de ensino, mesmo que em condições adversas. Houve quem criticasse as instituições escolares, ou mesmo sugerisse que os professores estariam ociosos e onerando o poder público, o que promoveu algumas manifestações de repúdio, já que o serviço estava comprovadamente exaustivo, burocratizado e ocupando o tempo integral dos educadores, porque queriam atender os contatos pessoais de todos os chamados dos estudantes e orientar as tarefas propostas.

Ademais, os viajantes da rede municipal de ensino continuaram utilizando predominantemente as atividades impressas, dada a impossibilidade de se conectarem às tecnologias digitais. Também, estendeu-se o prazo para a retirada e devolutiva das tarefas, que era quinzenalmente e passou a ter periodicidade mensal, com a finalidade de evitar aglomeração de pessoas nas escolas, assim como, constitui-se numa tentativa de elevar os índices de participação em atividades assíncronas.

Por tudo isso, 2020 foi considerado um ano letivo atípico. O ensino híbrido foi uma alternativa que ganhou força, frente à necessidade de distanciamento para evitar o contágio da Covid-19. Docentes e discentes se adaptaram a uma nova rotina escolar, valendo-se das especificidades de cada instituição de ensino. Outro aspecto relevante neste contexto, foi a dificuldade no acesso às tecnologias digitais, assim como a entrega das tarefas propostas, mesmo sendo disponibilizadas no formato impresso. Os relatos registrados em diário de campo são analisados neste estudo, à luz de referencial teórico, para compreendermos os possíveis fatores que justificariam a resistência dos estudantes da Educação Básica, na rede pública de Vacaria/RS.

3 Ensino híbrido: desafios e perspectivas

Eventos registrados pela história são marcados por uma linha de tempo que propõe referir os principais fatos, conflitos e avanços tecnológicos, enfim, uma linha que esboça marcos, fontes e períodos, oportunizando uma viagem a outros tempos e contextos de vida. E para que serve a história, senão para ensinar? Que reflexões emergem de situações como as que estamos vivendo? Houve outras pandemias, mas quais foram as ações em favor da educação em outros períodos? E agora, quais movimentos poderão balizar uma educação que corresponda aos desafios trazidos pelo Covid-19? Que perspectivas são sustentadas?

São muitos questionamentos que evocam respostas. No entanto, o maquinista da locomotiva que transporta os passageiros desta viagem, ainda não sinaliza a estação de destino, tão pouco, o tempo de viagem. Por isso, os viajantes manifestam constantemente seus desejos pelo plano de rota, a fim de evitar a continuidade das incertezas e fragilidades. Frente a isso, Rohden (2013, p. 22) contribui para a análise ao referir que “se o homem não tem direção certa, se nada sabe de sua verdadeira natureza, do seu destino humano, da sua finalidade real, não adianta correr muito, voar com velocidade supersônica”. Contudo, parece-nos que estamos fazendo e desfazendo rotas o tempo todo, às pressas, sem uma direção definida ou um guia.

Vivenciamos uma educação não-presencial, mas ficamos limitados à oferta, sem a possibilidade de garantir o acesso efetivo ao conhecimento, ou melhor, sem sabermos se houve ou não a aprendizagem. Ao encontro disso, profissionais da educação tiveram sua rotina de trabalho potencialmente burocratizada, por meio de planilhas, relatórios, planos e tarefas, evidenciando-se, segundo relatos, um grande distanciamento entre professores e estudantes, e em alguns casos, até o isolamento que se sustenta em hipóteses, a serem levantadas a partir do diálogo de alguns professores do Ensino Médio, em grupo de *WhatsApp*, no dia 17 de novembro de 2020:

Professor A: “[...] hoje, tive 4 alunos, e no primeiro ano A é a terceira sexta-feira que os alunos não entram na turma. Eu notei uma redução enorme dos alunos. Como eu gravo as aulas e compartilho o link da gravação, eles assistem quando querem. Hoje mandei mensagem para quase todos os alunos que não estão entregando, especialmente, para aqueles que deixaram de fazer, implorando para retornarem. A minha colocação é pela falta de alunos nas aulas.”

Professor B: “Penso que estão todos saturados.”

Professor C: “No primeiro ano B do Ensino Médio, apenas o João entra na sala.”

Professor B: “Na minha também.”

Professor D: “Bah, frequência e participação em aula, muito baixa.”

Professor E: “Alguém sabe informar se o aluno Q, do primeiro ano, está com problemas de acesso? Faz quatro semanas que não acessa o Meet e nem responde as atividades. Era o único que participava de todas as minhas aulas até então.”

Professora A: Conversei com ele a respeito disso. Inicialmente, disse-me que é problema de conexão com a internet. As minhas atividades também não estão sendo entregues, e a última aula do Meet, que ele assistiu, há umas três semanas atrás, ele ficava entrando e saindo. Essa semana pedi para a vice-diretora entrar em contato com ele. Ele ficou de retornar a entregar as atividades. Porém as minhas permanecem em atraso.”

Professor F: “Pois é, fiquei muito preocupado, porque é um ótimo aluno.”

Professora A: “Queres falar com ele? Eu senti que ele desmotivou quando voltamos para a escola, presencialmente”

Resposta do aluno Q ao professor E: “Desculpe não ter comparecido nas aulas, prof. Comecei a trabalhar e desde então não tenho muito tempo para fazer as atividades da escola, ou participar das aulas. Estou planejando um cronograma pra fazer cada atividade de cada disciplina e assim colocar tudo em dia.”

Professora A: “Foi praticamente o que ele me disse... Mas foi bom você entrar em contato com ele, para que ele possa ver

que a gente sente a falta e quer que ele retorne.”

Professor G: “E hoje só eu e Deus na aula.”

Professora A (regente da turma): “Mandeí mensagem para a turma (grupo de WhatsApp)” -

Professora A para a turma: “Boa noite! Pessoal o professor “G” está na aula sozinho??? O que está acontecendo com vcs?”

Aluno L: “Desculpa prof, estou com um problema de família n vou poder participar hoje...”

Professora A: “Ok. Obrigada por avisar.”

Professora “G”: “Apenas a aluna T entrou na aula, às 19h20min.

Gestor: “São vários alunos que não entraram. É bem preocupante né?”

Professor H: “Aula terminando e só eu online. Alunos não frequentaram a aula.”

Professor B: “No 1º ano A, não tenho alunos.”

Professor B: “Na turma 1º ano B também não entrou nenhum aluno. Fui fazer um jogo com o 2º ano A, campo minado, saíram da aula, os dois que estavam assistindo.”

“Nossa, a gente leva um tempão preparando atividades para eles!”

Professor D: “1º período, da turma 1º B, sem aluno, 3º período, 2 alunas”

Professor J: Eu fiz revisão com dois alunos, no 1º A, e 1ºB, nada até agora.”

Professora F: “Meu horário no 3º A, é das 19h30min às 20h. Semana passada uma aluna entrou às 19h35min, escreveu um boa noite prof... expliquei tudo, perguntei se tinha dúvidas, só ela não se manifestou, encerrei a aula, todos saíram e ela ficou...deixei para ver, ela saiu do *Meet* 20h14min.”

Professor B: “Sim, eles acessam, não ficam ali, ou se ficam não querem interagir na aula.”

Professor R: “Vamos fazer nossa parte, mas praticamente os alunos sumiram do *class*.”

Todas estas expressões demonstraram a preocupação dos docentes diante da baixa adesão à participação de aulas remotas síncronas. Contudo, parece-nos que a grande maioria dos estudantes não está comprometida com a nova modalidade de ensino, deixando de aproveitar as alternativas possíveis até o momento. Outro ponto que destacamos e nos faz refletir é o fato de que a crise na Educação Básica, no ano de 2020, foi desigual aos alunos da rede pública, em comparação com à rede privada, considerando as condições para o acesso ao ensino remoto e híbrido, já que os estudantes das escolas particulares estavam tendo todo o aporte tecnológico e a assessoria da família, enquanto nas escolas públicas, frequentemente justificavam as dificuldades no acesso às tarefas.

As expectativas de uma boa educação para os filhos das famílias pobres e de renda média são muito mais sombrias que a dos filhos dos ricos. A renda dos pais está se tornando cada vez mais importante, à medida que os custos das anuidades crescem muito mais depressa que os rendimentos. Com as pessoas do meio e da base lutando para levar a vida, ... as famílias precisam fazer ajustes, entre eles, o menor investimento em seus filhos. (BAUMAN e RAUD, 2018, p. 156)

Confirmando esta tese, trazemos registros de diário de bordo, a partir de diálogo em grupo de *WhatsApp*, no dia 22 de novembro:

Aluna X (Ensino Médio): “Eu gostaria de pedir um favor, eu estou sem internet em casa e com problemas no meu celular. Estou apenas com a internet do celular e não consigo entrar nas chamadas de aula. Estou sem internet em casa já faz uma semana. Gostaria de saber se podem repassar isso aos professores. Eu estou fazendo as atividades propostas, só não consigo assistir as aulas.”

Gestora: “Repassando para vocês colegas, outra aluna em situação difícil. Obrigada”

Professor E: “Ontem ela estava na aula de biologia. Boa aluna.”

Neste excerto, foi perceptível a preocupação de diferentes segmentos da comunidade escolar, acerca da situação da estudante, reconhecendo que não faltou interesse, mas os entraves estavam sendo

predominantes neste período. Diante disso, alunos, professores e gestores articulavam várias possibilidades para favorecer o acesso ao material de aula, coexistindo a grande preocupação acerca dos resultados da aprendizagem, ou quem sabe a ausência dela. Com isso, emergiram reflexões sobre as experiências vivenciadas em escolas municipais e estaduais, já que sinalizavam para um percurso formativo fragilizado, de poucas relações e pouco efetivo para a aprendizagem, conforme destacaram Marcolin *et al apud* Adams *et al* (2020, p. 80).

Em 27 de novembro, registramos outros diálogos em que as situações apresentadas se repetem e corroboram a análise, conforme apresentamos a seguir:

Diálogo 1 - entre funcionário da escola e aluno Y:

Aluno: “Eu queria tirar uma dúvida? Se eu optasse por ir na escola e pegar os trabalhos imprimidos pra fazer em casa teria como?”

Funcionário: “Boa noite! Você está com dificuldade de acessar as aulas?”

Aluno: “Eu n tenho internet em casa.”

Funcionário: “Você nunca acessou?”

Aluno: “Já sim”

Funcionário: “Você pode pegar os trabalhos lá na empresa Z (xérox). E depois de prontos entrega na escola.”

Aluno: “Então tá bom. Pra mim será muito melhor assim.”

Funcionário: “Estão todos na empresa Z. Chega lá e fala a turma.”

Aluno: “Ok então. Obrigada”

Funcionário: “Mas não deixa de fazer tá?”

Aluno: “Com certeza”

(Transcrição literal da conversa)

Diálogo 2 - entre aluno L e professora B:

Aluno: “Oi. Gostaria de saber. Acabei não fazendo nem 50% de todos os trabalhos da quarentena, tava trabalhando bastante e ainda estou daí fiquei muito desanimado dos trabalhos escolares pq estavam me consumindo e nn tava com mt tempo pra outras coisas. Se eu voltar a fazer ainda tenho chance de passar de ano?”

Professora: “Oi. Faça tudo o que você puder e manda na plataforma. Você consegue acessar?”

Aluno: “Me manda o link se tiver”

(Transcrição literal da conversa)

Diálogo 3: entre o professor H e a aluna J (3º ano do Ensino Médio):

Aluna J: Boa noite, professor. Eu não consigo acessar o Classroom, primeiro apareceu que as opções estavam desatualizadas e tal. Aí reiniciei e agora diz que não possuo conta, então logo com a do educar e ainda assim fica tudo em branco. Vou tentar consertar, mas se não aparecer na aula foi por isso, não sei o que aconteceu. Aliás, eu tinha postado o trabalho em que faltei a apresentação, a senhora pode descontar nota, achei que era pra dezembro, mas reconheço meu erro. Porém vou encaminhar quando conseguir consertar a conta com a ajuda do professor D.

Professor H ao grupo de professores: “Dei um ok pra ela. E pedi para ir na escola e solucionar seu problema. Entendo bem, cada caso é um caso. Pedi pra me enviar no whats se possível!! Sei os problemas que estão enfrentando e pra mim esse momento é de compreensão. Chega o que estamos passando com esse vírus. Famílias doentes, com coronavírus em casa.”

O olhar compreensivo dos profissionais frente às solicitações dos jovens viajantes e a busca incessante por alternativas que aproximasse docente e discente, tornou-se uma rotina. Prova disso, foi o permanente interesse dos profissionais da educação pela busca de soluções para aproximar educadores e educandos. De outro modo, a população das regiões mais periféricas da cidade, predominantemente matriculadas na rede municipal de

ensino, Educação Infantil ou Ensino Fundamental, traziam suas falas em emissoras de rádio local e *Facebook*, sobre a preocupação predominantemente voltada à oferta de merenda escolar, e também, a necessidade de deixar as crianças para serem cuidadas em algum local, por ocasião de seus compromissos laborais, tornando implícito o papel do professor como mero cuidador e, ainda, tirando a centralidade da importância do conhecimento para a vida.

[...] desde o plano da política educacional até o trabalho de sala de aula, passando pelo da difusão de pedagogias que postulam para a escola quase todas as funções, menos a de transmissão sistemática do conhecimento - entravam de todas as formas possíveis a constituição de um sistema nacional de educação pública que permita às crianças, adolescentes e jovens da classe trabalhadora o acesso ao saber erudito. O sistema escolar estrutura-se de forma fragmentada, reproduzindo a divisão social do trabalho e a lógica do mercado. (SAVIANI & DUARTE, 2015, p. 02)

Para completar o caos na Educação Básica, os docentes foram acometidos de uma carga horária de trabalho muito maior, e com o reconhecimento de seus esforços, muito menor. Saviani e Duarte (2015, p. 03) expressam que “pelo lado dos professores, o adoecimento torna-se quase que um aspecto inerente ao exercício da profissão.” Neste caso, não se referiram ao adoecimento pelo vírus da pandemia, mas a uma patologia coletiva que expôs os docentes à própria sorte, sem a assessoria adequada e a compreensão das limitações vividas. Cada vez mais os docentes manifestavam exaustão diante do desgaste enorme pelo excesso de tarefas impostas, na maioria das vezes, com prazos muito restritos, e balizados em mecanismos bastante burocratizados, em meio a planilhas, relatórios, planos, reuniões, etc. Foi um permanente ir e vir a locais desconhecidos, deixando-os perdidos ou obscurecidos, tentando retornar ao ponto de partida.

A história conhece muitos períodos de tempos sombrios, em que o âmbito público se obscureceu e o mundo se tornou tão dúbio que as pessoas deixaram de pedir qualquer coisa à política além de que mostre a devida consideração pelos seus interesses

vitais e de liberdade pessoal. Os que viveram em tempos tais, e neles se formaram, provavelmente se inclinaram a desprezar o mundo e o âmbito público, a ignorá-los o máximo possível ou mesmo a ultrapassá-los e, por assim dizer, procurar por trás deles - como se o mundo fosse apenas uma fachada por trás da qual as pessoas pudessem se esconder. (ARENDT, 2008, p. 18)

Parece-nos que vivemos os tempos sombrios descritos por Arendt (2008). Abruptamente, os profissionais da educação e estudantes foram obrigados a ingressar nos espaços virtuais, com ou sem habilidade, onde até aquele momento era proibido pela maioria das instituições educacionais, gestores e professores. Para Silva et al (2020, p. 3), “[...] os espaços virtuais se tornaram um dos caminhos necessários para a continuação da educação no Brasil”, assim como, as instituições deveriam buscar soluções para a promoção do aprendizado, em meio a crise sanitária mundial. No entanto, os professores deveriam prover de recursos tecnológicos digitais e buscar competências para atuarem na nova modalidade.

os sistemas escolares analisam com os profissionais de educação as melhores estratégias de ensino como forma de utilizar atividades síncronas e assíncronas tornando as aulas híbridas⁹ e proporcionando o ensino completo aos estudantes com e sem acesso à internet. Além disso, as instituições precisam garantir o auxílio tecnológico a todos os alunos, inclusive, aos que não têm disponibilidade dessa tecnologia. Por isso, cada docente precisaria organizar seu material didático a partir de materiais impressos, livros digitais, PDF, pen drive ou outros meios a fim de contemplar todos. (SILVA *et al*, 2020, p. 4)

Percebemos, com isso, que estamos viajando em territórios desconhecidos. Neste sentido, Bauman e Raud (2018, p. 64) nos alertam que “[...] habitamos hoje dois universos, o on-line e o off-line, cada qual com suas regras, seus códigos de comportamento e conjuntos de opções, mutuamente contraditórias e inconciliáveis em mais de um aspecto”, e o ritmo frenético da viagem requer a

9 Conforme Bacich e Moran (2015), “híbrido” significa misturado, mesclado, *blended*. A educação sempre foi misturada, híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos. Agora esse processo, com a mobilidade e a conectividade, é muito mais perceptível, amplo e profundo.”

passagem diária entre um universo e outro, tornando os passageiros fatigados e frequentemente isolados.

Enquanto profissionais da saúde fazem o enfrentamento do vírus, apesar das inúmeras adversidades, os profissionais da educação, assistem à gravíssima enfermidade do segmento educacional escolar, sem possibilidade ou condições de intervir efetivamente em curto ou médio prazo. Este cenário, provocado pela pandemia do COVID-19, tem mobilizado a sociedade a pensar nas diferenças do acesso ao conhecimento aos estudantes da escola pública e da escola privada, apontando a importância da instrução e, também, a necessidade de um olhar atencioso à precarização do ensino e do acesso ao conhecimento. Essa precariedade está para além da infraestrutura necessária para as atividades pedagógicas na escola, mas da realidade de vida dos estudantes em seus lares. (MARCOLIN *et al* apud ADAMS *et al*, 2020, p. 79)

Face ao exposto, versamos sobre uma “nova educação escolar” (*grifo meu*), uma educação que nasce com a pandemia, mas que deverá marcar o funcionamento das instituições de ensino, pós-pandemia. Foram emitidos tickets a uma grande quantidade de passageiros, para uma viagem não planejada, mas obrigatória, onde alguns não conseguiram ingressar no vagão, embora ainda tenham a licença para isto, outros iniciaram o percurso, mas se perderam no caminho e temos os que estão à frente e na janela, contemplando as os benefícios desta experiência.

Neste engodo, as escolas e mantenedoras de ensino organizam-se e passam a investir em formação de professores e altas tecnologias. Contudo, sabemos que os investimentos ainda estão aquém do necessário, para o atendimento da demanda. Pasini e outros (2020, p. 8) acreditam que está se configurando a educação do novo milênio, permeada por entrelaçamentos culturais e um maior hibridismo da educação presencial. Assim, resta-nos aguardar os próximos destinos e não perder o foco da função da escola, isto é, permitir o acesso ao conhecimento da ciência, valorizando os aspectos culturais.

4 Considerações finais

Ao realizar uma viagem vivemos momentos idealizados, planejados ou não, nos deparamos com situações inesperadas, precisamos nos adequar à nova rotina e, acima de tudo, precisamos usufruir dos locais de aprendizagens e das novas vivências. O ano 2020 pode ser considerado um marco transitório para a educação em todos os seus níveis. Estado, unidades federativas e municípios foram desafiados diante dos impactos da crise ocasionada pelo Covid-19.

O distanciamento, medida adotada para prevenir o contágio da doença, mobilizou gestores, conselheiros e órgãos públicos na proposição de meios alternativos para a continuidade das atividades escolares. No entanto, o novo cotidiano trouxe questionamentos sobre os possíveis fatores que justificariam certa resistência para aderir à modalidade de ensino híbrido nas escolas de Educação Básica, na rede pública de ensino, município de Vacaria, RS, considerando o fato de muitos estudantes não acessarem às atividades remotas e nem buscarem os materiais impressos disponibilizados pelos professores, a quem tivesse dificuldade para acessar o ambiente virtual.

Buscando dados que pudessem exprimir respostas, recorremos aos relatos e manifestações dos atores envolvidos, por meio dos grupos de *WhatsApp*, reuniões, mensagens e telefone, registradas em diário de bordo. Procedemos a análise da questão num estudo de caso, considerando as diferentes vozes dos segmentos da comunidade escolar, compreendendo gestores, professores, funcionários, alunos e pais. Em princípio, a baixa adesão às propostas de ensino não-presencial, remoto ou híbrido traziam a hipótese de desinteresse de estudantes e pais. No entanto, os dados demonstraram outra situação.

A nova rotina suscita uma estrutura tecnológica digital mínima (dispositivo móvel ou computador e internet), indisponível no momento da pesquisa (outubro a dezembro de 2020), ou com acesso limitado em boa parte das famílias. O fato de terem

acesso à plataforma *G Suite* não garantia o acesso, porque os dados móveis de internet eram restritos ao pacote de dados limitado, e em algumas casas, havia vários alunos para um único aparelho, no mesmo horário de aula. Outro fator apontado foi a dificuldade para conciliar trabalho e tarefas escolares, priorizando-se o labor pela necessidade de sobrevivência.

Referindo à metáfora viagem de trem, percebemos que os passageiros que estão usufruindo dos benefícios deste percurso são os estudantes em melhores condições socioeconômicas e com o apoio e assessoria dos genitores ou responsáveis, visto que ao contrário, diante de uma precariedade nos bens de acesso ou a indisponibilidade de tempo para atender a demanda, tem sido grande empecilho para os estudos e contribuído para desmotivar os viajantes, pois sentem a desvantagem de não conseguir acessar todas as atrações disponíveis. Para Santos (2019, p. 46), estamos vivendo num tempo e espaço onde as desigualdades condicionam o modo de vida das pessoas e permeiam as oportunidades ou falta delas, já que “a dominação moderna é um modo global de articulação das exclusões abissais¹⁰ e não-abissais, uma articulação que é, por um lado, desigual, uma vez que varia conforme as sociedades e os contextos, e, por outro lado, ao nível global, combinada.”

Outra perspectiva não apontada inicialmente, mas que emergiu neste estudo é o trabalho de professores e gestores no resgate dos passageiros ao grupo de viagem. Buscam inúmeras alternativas, mantêm contatos frequentes, são solidários, mas não estão tendo o devido reconhecimento da sociedade. Além disso, estão demonstrando exaustão pelo serviço extremamente burocratizado. Deste modo, vale repensar as formas de tratamento a estes profissionais e no delineamento das novas tarefas, para evitar

10 Conforme Santos (2019, p. 46), “a diferença crucial entre exclusão abissal e não-abissal reside no fato de a primeira assentar na ideia de que a vítima, ou o alvo, sofre por ser um tipo de ser humano fatalmente degradado. Considera-se por isso inaceitável, ou mesmo inimaginável que a mesma vítima, ou alvo, possa ser tratada como um ser humano como “nós”.

o risco de um adoecimento em massa, e não estamos referindo ao novo Coronavírus.

A pausa nas atividades presenciais não significou menos tarefas, ao contrário, exigiu investimentos num incremento tecnológico digital, mais horas de planejamento, de interação, reuniões e formações em dedicação integral. Muitas vezes, a própria família está ficando à margem do trabalho e o desgaste tem corroborado para repensar a profissão. É inegável que a educação está numa crise sem precedentes.

Face ao exposto, estamos perdendo passageiros alunos, passageiros professores, passageiros gestores e passageiros funcionários. Desembarcam em algumas estações e não estão querendo validar o ticket para a viagem, desmotivados pela precariedade dos recursos e serviços, além da falta de incentivos. Outros, perdem a saída do trem e buscam alternativas para alcançar o grupo de viagem, seja por uma carona ou pela aceleração da velocidade de outra locomotiva. Sobre quem chegará ao destino e de que forma, caberá acompanhar. O certo é que estamos num percurso onde o plano de rota não está bem definido e os contrapontos deverão ser avaliados.

Referências

ADAMS, Adair; JUNGES, Fábio César; PUHL, Mário José; BRUTTI, Tiago Anderson. **Educação em Tempos de Pandemia: experiências, desafios e perspectivas**. Cruz Alta: Ilustração, 2020.

ARENDT, Hannah. **Homens em Tempos Sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Aprender e ensinar com foco na educação híbrida**. Revista Pátio, nº 25, junho de 2015, p. 45-47. Disponível em: <http://www.grupoa.com.br/revistapatio/artigo/11551/aprender-e-ensinar-com-foco-na-educacao-hibrida.aspx>. Acesso em 20 dez. 2020.

BAUMAN, Zygmunt; RAUD, Rein. **A individualidade numa época de incertezas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 58 ed. ver. atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. 3ª ed. rev. ampl. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016.

PASINI, Carlos Giovanni Develati & outros. **A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações**. Textos para Discussão 09. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria RS, 20 jun 2020. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/820/2020/06/Textos-para-Discussao-09-Educacao-Hibrida-em-Tempos-de-Pandemia.pdf>. Acessado em: 18.12.20.

PONTES, Walber. O que é o Ensino Híbrido e no que difere do Ensino Remoto. Portal *EaD Para Você*. 17 agosto, 2020. Disponível em: <https://eadparavc.dinte.ufma.br/?p=3863>. Acesso em 12 dez 2020.

ROHDEN, Huberto. **Educação do homem integral**. 2 reimpressão. São Paulo: Martin Claret, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do Império Cognitivo: A afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2012.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

SILVA, Douglas dos Santos; ANDRADE, Leandro Amaral Paz; SANTOS, Silvana Maria Pantoja dos. **Alternativas de ensino em tempo de pandemia**. Research, Society and Development, v. 9, n.9, e 424997177, 2020 (CC BY 4.0) |ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7177>. Disponível em: <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/>

view/7177/6592. Acesso em 20 dez. 2020.

SPINARDI, Janine Donato; BOTH, Ivo José. **Blended Learning**: o ensino híbrido e a avaliação da aprendizagem no Ensino Superior. B. Téc. Senac, Rio de Janeiro, v. 44, n. 1, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.bts.senac.br/bts/article/view/648/562>. Acesso em 20 dez 2020.

VALENTE, José Armando. **Blended learning e as mudanças no ensino superior**: a proposta da sala de aula invertida. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 4/2014, p. 79-97. Editora UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/nspe4/0101-4358-er-esp-04-00079>. Acesso em 20 dez 2020.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. 4 ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

EDUCAÇÃO ESCOLAR ENTRE OBRIGAÇÕES E DESEJOS: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

Adriana Aparecida de Almeida Marcolin

Adair Adams

Geraldo Antônio da Rosa

1 Considerações iniciais

Desde crianças ouvimos relatos de nossos pais e avós sobre as dificuldades que tiveram para estudar, ou ainda, sobre o desejo de ir à escola para ter uma vida melhor, já que geralmente viviam entre adversidades e privações. Estas vozes ecoavam constantemente, fomentando uma vontade de um futuro melhor e diferente das gerações anteriores. Para isso, tornava-se necessário estudar para “vencer”, a fim de superar obstáculos culturalmente consolidados, tais como, “faculdade é para rico” ou “não existe pobre doutor” (*Grifos nossos*).

Diante deste quadro, levantamos a hipótese de que a educação era inacessível a todos, porque as políticas públicas educacionais anteriores não favoreciam o acesso à educação formal de crianças e jovens, e por conseguinte, os adultos em sua maioria, ficavam suscetíveis ao sistema. Outrossim, os indicadores chamavam a atenção para o grande percentual de pessoas analfabetas ou com pouquíssima instrução, fato que começa a mudar a partir da obrigatoriedade de matrícula escolar, por meio de políticas de universalização do ensino, garantidos pelo Art. 208 da Constituição Federal, art. 4º e 6º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9.394/96, com a proteção jurídica do Art. 22 do ECA e Art. 246 do Código Penal.

Face a isso, buscamos um breve resgate dos aspectos históricos e constitucionais balizados em leis anteriores. A Lei

4.024/61 alicerçava o direito de apenas 4 anos de escolarização obrigatória, podendo se estender complementarmente até os 6 anos, com o ensino de técnicas aplicadas, adequadas ao gênero e idade. Nesta década, o ensino poderia ser ministrado no lar ou na escola, de acordo com a opção da família, e ainda poderiam se isentar, caso comprovassem estado de pobreza, tivessem doença ou anomalia grave, matrícula encerrada ou houvesse insuficiência de escolas. Nestas condições, o ensino ficava restrito a poucos e a qualidade era duvidosa, já que qualquer pessoa que manifestasse interesse poderia ensinar, independente de capacitação para a docência. Apesar disso, tornava-se um privilégio ser aluno, mesmo frente a precariedade da proposta.

Promovendo algumas melhorias, a Lei 5692/71 apresenta a extensão da obrigatoriedade escolar do Ensino de 1º grau de 8 anos, além da oferta do ensino de 2º grau (opcional), em escolas públicas. Contudo, ainda estava arraigada a cultura de que estudar era um luxo para poucos privilegiados, especialmente se não precisasse trabalhar. As famílias eram grandes e a necessidade de sobreviver tornava-se maior que o desejo de estudar. De outra forma, não havia mecanismos de fiscalização efetivos que pudessem dar aporte à legislação e aos infantes que quisessem ir para à escola. Outro fator a ser considerado eram as multirepetências, já que a aprendizagem não era uma preocupação, por considerarem que bastava a integração por meio da matrícula, tão somente.

Neste sentido, o presente estudo procura reconhecer os principais avanços legais que alicerçam a Educação Básica e compreender os motivos que levam os indivíduos a manifestarem desejo pela aprendizagem escolar, assim como, levantar as causas do desinteresse de aprender e frequentar as etapas e níveis mais avançados de ensino. Para isso, são considerados os registros em diário de bordo, por meio de um estudo de caso sustentado por Yin (2010), a partir de relatos de pais, professores e estudantes, e na análise textual discursiva orientada por Moraes e Galiazzi (2016), para responder a seguinte questão: a educação escolar é um desejo ou uma obrigação?

Os resultados poderão servir para subsidiar novos estudos que proponham investigar como a escola é vista pela sociedade e que perspectivas esta instituição representa na vida de cada pessoa, ou seja, vem sendo meio para o desenvolvimento de projetos de vida ou é um mecanismo institucional de cuidado e atenção às crianças para os pais trabalharem? Qual o seu devido valor: a aprendizagem para uma vida melhor ou um espaço para a ocupação do tempo ocioso de infantes e jovens, com o dever de cuidar e o poder de vigiar? Estas questões iniciais nortearão a análise que propõe compreender o porquê um espaço tão importante não tem tido o devido crédito e reconhecimento.

2 Percursos metodológicos

Para a análise das questões levantadas realizamos um estudo de caso, apoiado em Yin (2010). Optamos por esta abordagem com o interesse de buscar dados e interpretar o fenômeno investigado, num contexto de vida real. Para a pesquisa, são considerados as fontes de evidências, por meio da coleta e análise de dados, bem como das proposições teóricas que balizam o estudo. Para isso, adotamos como estratégia a observação direta, registrando os comportamentos relevantes do contexto ambiental, assim como, a observação participante, como membro da equipe de trabalho de instituição educacional. De acordo com Yin (2010, p. 139), por meio da observação participante é possível produzir um “retrato preciso do fenômeno do estudo de caso”, frente às condições favoráveis de acesso aos registros de arquivos e entrevistas, numa “variedade maior de situações com o objetivo de coletar dados”.

Neste sentido, sistematizamos um percurso com a finalidade de buscar pontos de vista de diferentes atores sobre o significado da escola para a vida e as possíveis causas do desinteresse escolar. Para isso, recorreremos a entrevistas com cinco pessoas com vínculo direto nas escolas públicas municipais da periferia de Vacaria. Destas, um jovem aluno de 15 anos na data da entrevista, denominado “S”, no 7º ano do Ensino Fundamental, com histórico de frequência

irregular; um pai de 41 anos, o qual chamaremos de “V”, que estudou até a 4ª série, têm 5 filhos, sendo três destes, estudantes do Ensino Fundamental e os outros dois, casados; uma mãe de 37 anos, referenciada por “T”, que concluiu a 8ª série, têm 6 filhos estudando, dos quais, o primogênito de 20 anos, cursa o nível superior, e os demais estão no Ensino Médio e Fundamental; uma professora, a qual chamaremos de “D” com 15 anos de docência; e uma ex-aluna da rede municipal e atual estudante do Ensino Médio, na rede estadual de ensino, sendo referida por “Q”.

Os contatos com os entrevistados atenderam os protocolos da vigilância sanitária, por ocasião do COVID-19, enquanto procuraram a escola para regularizar a situação escolar dos filhos ou a retirada de tarefas não presenciais impressas. Para isso, os critérios utilizados estiveram condicionados a encontros não programados, de acordo com a concordância e disponibilidade dos entrevistados. No caso da professora entrevistada, houve um diálogo por meio do aplicativo *WhatsApp*, e quanto ao aluno, utilizou-se o registro pessoal da diretora de uma escola municipal, a partir das anotações feitas durante uma conversa, com o devido consentimento do jovem e sua mãe, na primeira quinzena do mês de março de 2020. Todos os participantes manifestaram interesse em contribuir com esta pesquisa e permanecem à disposição para outras conversas, caso haja interesse.

Os discursos presentes nas entrevistas versaram sobre o desejo de estudar ou de oportunizar aos filhos condições de acesso ao ensino para terem um futuro digno. Sobre os fatores que motivaram o abandono ou a infrequência à escola, fez-se referência à falta de engajamento com a aprendizagem, além das baixas expectativas acerca da educação escolar como possibilidade de uma vida melhor, além da necessidade de trabalhar precocemente. Fraser e Gondim (2004) *apud* Guerra (2010) explicitam que uma entrevista favorece a relação intersubjetiva, por meio de trocas verbais e não verbais, além de permitir compreender melhor situações e vivências pessoais, considerando os valores e opiniões com maior profundidade.

Outrossim, Moraes e Galiazzi (2016), destacam que a construção da realidade do sujeito está diretamente relacionada à linguagem, pela capacidade de expressar e explicitar diferentes percepções dos fenômenos. Desta forma, estudar os fenômenos considerando a forma como se manifestam nos sujeitos, faz emergir a experiência original do mundo vivido, com a possibilidade de traduzir a essência do ser. Posto isso, a análise textual discursiva torna-se um recurso de análise relevante nesta investigação, já que possibilita examinar as manifestações extrínsecas e intrínsecas presentes nas falas dos entrevistados, contribuindo para o estabelecimento de relações nos discursos e a busca de respostas para os fenômenos investigados.

3 Educação escolar entre obrigações e desejos: relatos de experiências

Para responder ao problema da pesquisa recorreremos a alguns movimentos de investigação empírica, apoiados em relatos de experiências, estudos e publicações. Neste intento, tornou-se imprescindível analisar os elementos constitutivos do percurso, considerando que “a educação é uma prática social humana; é um processo histórico, inconcluso, que emerge da dialética entre homem, mundo, história e circunstâncias”, conforme Ghedin e Franco (2011, p. 40). À vista disso, destacamos os principais marcos que constituíram a educação escolar na contemporaneidade

Destarte, as incertezas acerca do acesso à educação escolar, seja mobilizado pelo desejo ou pela obrigação, faz-nos referenciar Cambi (1999, p. 627) ao afirmar que a escola é “submetida a uma dupla instância: por um lado difundir a cultura desinteressada, que forma e nutre a inteligência e a pessoa; por outro, criar perfis profissionais.” Com isso, partimos de posições ambíguas, das quais obscurece o sentido do ensino, ora democratizado. Pela perspectiva apresentada, a escola tem instâncias conflitantes, já que supõe soluções diferentes ou híbridas, ou seja, profissionalizar e também,

difundir uma cultura de base sólida e rica, fato que não tem se efetivado.

Consequentemente, verificamos um engodo nos papéis da escola. Assim sendo, Cambi (1999, p. 626-627) contribui para o nosso trajeto de análise ao referir que a escola teve como principal papel contribuir para o desenvolvimento socioeconômico das sociedades industrializadas, objetivando a formação de mão-de-obra operária, suficientemente aculturada para o desempenho de funções servis. Contudo, a ampliação da obrigatoriedade escolar não veio apenas dos políticos, mas dos industriais e economistas, para melhorar o desempenho da força de trabalho. Portanto, pressupõe que a oferta da educação escolar sustenta uma intencionalidade específica, ou seja, preparar a grande massa para o desempenho de funções laborais, sem o devido compromisso com a cultura e a ciência.

Diante deste contexto que se consolidou historicamente, emergem movimentos de resistência na década de 70, no século passado, em defesa da formação de cidadãos mais conscientes e capazes de participar do exercício público, por meio de discussões e práticas de diálogo. No entanto, as minorias e as diferenças continuaram sem a chance de representar um protagonismo. Por conseguinte, a escola se configurava num perfil próprio das sociedades industriais, com problemas estruturais que contraditoriamente colocavam-se em oposição:

[...] escola de massa e escola de elite entre escola de todos e escola seletiva; a oposição entre escola de cultura (desinteressada) e escola profissionalizante (orientada para um objetivo); a oposição entre escola livre (caracterizada pela liberdade de ensino, como quer uma instância de verdadeira cultura na escola) e escola conformativa (a papéis sociais, a papéis produtivos). (CAMBI, 1999, p. 628)

Desta maneira, a cultura veiculada pelos *mass media*, principalmente por meio televisivo, de acordo com Cambi (1999, p. 631), agia com profundidade na percepção de crianças e jovens, marcando coletivamente a formação do imaginário e

contribuindo para a ativação de processos cognitivos diferentes do passado, regulados pelas leis mercadológicas, segundo os interesses da ideologia das classes dominantes. Assim, as formas persuasivas promoviam uma consciência persuasiva pelo desejo de um modelo de vida impregnado de mitos e experiências provedoras de lazer, amor e felicidade, distanciando a juventude do mundo real e promovendo sentimentos de estagnação e apatia frente às vivências do cotidiano.

Comprovam isso, as falas de “S”, 15 anos, 7º ano do Ensino Fundamental, estudante com frequência bastante irregular, numa escola municipal, de Vacaria, RS. Logo, para justificar o grande número de faltas ou desinteresse pela escola à diretora, expõe a necessidade de dedicar seu tempo ao labor, mesmo sem a idade própria, já que o valor recebido diariamente, trás maior satisfação que a escola. Também, sustenta a convicção de que o seu destino está fadado a este tipo de trabalho, e, por isso, não vê motivo para protelar a sua contratação em lavouras, sendo portanto, uma obrigação ir para a escola, a fim de não causar mais problemas a sua mãe, que já tem uma vida muito difícil.

Falto aula, às vezes, para trabalhar. Sábado, domingo, feriado e férias, também trabalho. Sempre como diarista. Compensa, porque recebo R\$1,25 (hum real e vinte e cinco centavos) por caixa. Tenho agilidade, levo 3 minutos cada caixa. Consigo encher 70 caixas num dia. Isto dá R\$120,00. Se for trabalhar no carregamento, pagam R\$75,00 a hora, chegando até R\$400,00 no dia. Já trabalhei na colheita da cenoura, beterraba, alface, couve-flor, brócolis, no alho (um pouco) e no pomar, também.”

Estas questões nos remetem ao estudo de França *apud* Rosa *et al* (2018) ao propor uma reflexão sobre o papel da educação para superar uma barbárie que se consolida na manutenção de uma violência velada, marcada pelo reducionismo intelectual, onde se privilegiam conceitos e valores dominantes da sociedade, apesar de vivermos num Estado democrático de direito. O sistema deveria promover a redução das desigualdades e todas as formas de discriminação, ao invés de reforçá-las. No entanto, a barbárie se

efetiva pela manutenção das mazelas sociais que intencionalmente são reproduzidas no cotidiano das pessoas, podendo projetar tensões que podem repercutir em desfavor de projetos de vida.

A apreensão de “S” está sustentada num misto de obrigações e na busca de soluções rápidas para as questões do cotidiano. Frequentar a escola, não faz sentido, mas mesmo desinteressado, comparece irregularmente para evitar problemas com a justiça, ao passo que trabalhar tem significado retorno imediato no recebimento de dinheiro, o qual serve para subsidiar as necessidades primeiras, além dos desejos motivados pela indústria mercadológica, já que consumir é necessário para fazer parte do círculo social, segundo concepção ideológica do capital. “S” é enfático ao afirmar que a escola não tem importância em sua vida, estando convicto que é uma perda de tempo.

Acerca disso, Santos *apud* Santos e Chauí (2013, p. 42) destaca que “a hegemonia dos direitos humanos como dignidade humana é hoje incontestável”. No entanto, os grupos sociais ainda vivem oprimidos frente à linha abissal que produz exclusões radicais. Trata-se de um colonialismo histórico que privilegia o individualismo burguês e coloniza as minorias, que são a maioria. Igualmente, Freire (2014, p. 84) pontua que há “uma ação social de caráter paternalista, em que os oprimidos recebem o nome simpático de *assistidos*. São casos individuais, meros marginalizados, que discrepam da fisionomia geral da sociedade”. Sendo assim, os oprimidos estão à margem de uma sociedade sadia, cabendo o papel de integrar-se a uma estrutura rígida opressora.

Por consequência, estas minorias marginalizadas recebem auxílios por meio de programas que não fazem sentido na educação, para a aprendizagem. Segundo “S”, sua mãe sempre diz que sendo obrigado a frequentar, “os professores deveriam se preocupar em providenciar médico e psicólogo, fornecer alimentos, dar o material necessário, arrumar vaga aos irmãos para participar de projeto no turno inverso, entre outros”. Nesta visão, a escola torna-se um posto de assistencialismo aos “assistidos”, o qual não é valorizada pela relevância do seu real papel.

Para superar este estigma, em que a educação se resume ao fracasso de boa parte dos alunos e vive o descaso da sociedade, num estado permanente de crise, a escola deveria cumprir missões para atender as demandas com ênfase ao direito de aprender, no que é devido de sua função, de acordo com as afirmações de Savater (2012). Para o autor (2012, p. 116) é urgente o entendimento de que “o principal é abrir o apetite de conhecimento do aluno, e não o oprimir ou o impressionar. Se sua vocação o atrair para esse caminho, ele terá tempo de aprofundar esse aprendizado, inteirar-se das descobertas mais recentes e até descobrir por si mesmo.”

A partir dessa ideia, Arendt (2019, p. 222) complementa e garante que a crise é uma oportunidade “de explorar e investigar a essência da questão em tudo aquilo que foi posto a nu, e a essência da educação é a natalidade, o fato de que seres *nascem* para o mundo”:

Uma crise nos obriga a voltar às questões mesmas e exige respostas novas ou velhas, mas de qualquer modo julgamentos diretos. Uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos. Uma atitude dessas não apenas aguça a crise como nos priva da experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão. (ARENDT, 2019, p. 223)

Nesta direção, os relatos registrados a partir da entrevista com “T”, 37 anos, mãe de 6 filhos, demonstram que a genitora acredita na educação escolar como a melhor alternativa para um futuro bem sucedido, superar a crise atual, consolidada pela falta de escolarização. Neste caso, “T” manifesta que as experiências passadas imprimiram dificuldades para a continuidade dos estudos, assim como, restringiram as possibilidades financeiras da família e, conseqüentemente, os sonhos. Apesar disso, as dificuldades serviram para mobilizar os filhos a sonhar com uma vida melhor, desejar estudar e, portanto, todos deveriam investir toda a energia e renda familiar na subsistência básica, priorizando a formação escolar e acadêmica do maior bem, os filhos:

Tenho 37 anos e trabalho como embaladora. Meu marido

é apicultor. Nossa renda familiar está em torno de 3 mil reais. Estudei até a 8ª série e depois não quis mais, já que não era obrigatório. O fato é que comecei trabalhar como doméstica aos 15 anos, cuidando de casa e crianças. Precisava de dinheiro. Hoje, tenho 6 filhos, estando o mais velho com 20 anos, estudante de engenharia civil. Duas filhas estão no Ensino Médio. Uma delas está concluindo o terceiro ano e quer fazer faculdade de Educação Física em 2021. A outra está concluindo o 2º ano e quer fazer medicina veterinária. Os outros filhos ainda estão no Ensino Fundamental, uma filha no 8º ano e os gêmeos, no 5º ano. Estes não sabem que faculdade querem fazer, mas faço questão que todos tenham faculdade. Para isso, nenhum filho trabalha, sendo sempre incentivados a se dedicarem aos estudos. Mesmo passando por dificuldades, o estudo compensa depois. Todos sempre gostaram da escola. Ensinei que a escola é o melhor caminho para realizar os sonhos.

Diante da relevância deste depoimento, Libâneo (2014, p. 80-81) corrobora por fazer referência sobre a necessidade de ampliar as oportunidades educacionais, com o principal objetivo de elevar a cultura e a ciência das camadas populares, ao passo que respondem às suas aspirações e necessidades imediatas, como projeto de vida melhor. Desta forma, poder-se-ia tornar o ensino obrigatório um desejo latente, frente aos possíveis benefícios provenientes da garantia de igualdade a todos, por meio de uma escola verdadeiramente democrática, que cumpre a “função que lhe é própria: a transmissão/assimilação ativa do saber elaborado”, indo além da transmissão de conteúdos, mas concebendo o conhecimento como parte da prática social, fundamentalmente articulada ao saber crítico.

Com efeito, o senhor “V”, 41 anos, pai de 5 filhos, sendo 2 casados e os outros 3 estudando no 1º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, apresenta suas manifestações sobre a falta de igualdade de oportunidades no acesso à escola, comprovado pelo desejo frustrado de estudar na infância, conforme o registro:

Desisti por causa do serviço, quando tinha 12 ou 13 anos. Fui trabalhar numa colônia, tirar leite, cortar pasto. Tinha vontade de estudar, mas precisava de dinheiro. Sempre digo para meus

filhos, carregava o material num saco de arroz de 5 quilos. Lembro que naquela época tinha muita disciplina, castigo, como ficar parado na parede. Se a professora chamasse, vinha pai e mãe e o pau pegava em casa. Hoje, vejo tudo diferente. Tem falta de respeito com os professores na escola. Eu nunca apoiei erro de filho. Digo a eles, colocou o pé pra dentro, quem manda é a professora e a diretora. Hoje em dia as crianças têm muito pouca vontade de estudar.

Tal manifestação, de forma tão espontânea, representa o valor atribuído à escola, mas também, os contra valores verificados atualmente. Um espaço onde deveria prevalecer o desejo de aprender, tem indícios de práticas pouco efetivas no que se refere à aprendizagem (não estamos analisando o ensino). Posto isso, qual seriam os motivos para a falta de interesse de estudar?

Para “V”, as tecnologias digitais estão distraindo os infantes, conforme declara:

Esses celulares, eu sou contra. Tira muito a visão das crianças. Usam só pra procurar coisa à toa. Claro que se saber trabalhar é uma ferramenta pra ti, ajuda em qualquer setor, mas não sabem usar. Falta repreender. Eu acho que a escola está fazendo a sua parte, mas não adianta proibir na escola e em casa não fazem nada. Fica roupa, fica casa, trabalho da escola e o celular direto.

Contudo, são vários fatores que precisam ser considerados, de acordo com seu ponto de vista:

Vejo que aluno que abandona a escola ou não tem interesse, tem um monte de fatores: família desorganizada, não se dedica, não fica sem trabalhar, porque precisa de serviço. A família deveria tirar um tempo para o colégio, ver as tarefas, como estão indo. Hoje tem aluno que pega férias e vai lembrar de um caderno ou de um livro, quando tá perto da escola. Não lê, não estuda, não sabe nada. Eu acho que pra mudar a educação tem que começar dentro de casa. Vir organizado de casa para o colégio. Vocês (*referindo aos profissionais da escola*) sozinhos não vão conseguir nada. Sobre os projetos que a escola faz, podem ajudar. Veja que tem tudo isso, tem aula, projeto, isso e aquilo e a maioria não tá nem aí. Não é a escola que está errada, mas as próprias pessoas.

“V”, ainda complementa com uma importante análise sobre todo este contexto:

Hoje em dia não vê as crianças dizerem que sonham com isso ou aquilo, não tenho nem ideia o porquê isso acontece. Acho que um pouco é pela necessidade – não vou dar bola pros estudos porque não vou conseguir fazer outra coisa do que já está destinado – e também porque não quer mesmo. Vocês colocam uma criança de manhã, explicam, explicam, explicam, saem do portão pra fora e não sabem nada mais. Não prestam atenção no que é explicado.

Em suma, as declarações do senhor “V” contribuem para refletir que a educação escolar não está reclusa dentro de uma mera infraestrutura, um prédio, mas depende de uma série de fatores e de pessoas, que poderão ressignificar ou não a existência e a participação cidadã e de direito de cada estudante. Outrossim, para ele não se trata de obrigação, mas de incentivos para desejar uma oportunidade de vida melhor, mais digna. Todos são responsáveis pela educação, a família não pode se eximir disso, e a crise existente não poderá ser solucionada pelos profissionais da educação, tão somente.

Ao contrário disso, trata-se de uma cultura meramente integrativa e alienante, além de vulgarizar o comportamento e irracionalizar a “cultura crítica, criativa, artística ou filosófica”, contribuindo para que as pessoas se desestimulem cada vez mais para a busca de um futuro melhor, menosprezando com isso o papel da escola. Este empobrecimento cognitivo, segundo Cambi (1999, p. 632) regula a busca do imediatismo pelo trabalho remunerado precoce, no intento de emergir no universo do consumo. Neste caso, as consequências são avassaladoras, já que o mecanismo prevê o empoderamento a quem detém o poder e subjuga o operário, mantendo-o no controle da servidão perpétua.

Com o propósito de fugir destas amarras ideológicas, “Q”, 16 anos, filha de “T”, neste estudo, relata que cursou o Ensino Fundamental em escola municipal e atualmente é estudante do Ensino Médio, fazendo as seguintes declarações:

Sem estudo, não se chega a lugar nenhum. Tenho sonhos. Bastante. Se falar sobre todos os meus sonhos, Nossa Senhora, vai umas três folhas. Resumindo, quero uma fazenda, terminar a faculdade, ter meus livros e materiais, construir uma família e resumidamente é isso. Vejo que hoje em dia, muitos alunos param de ir para a escola, para ir para o lado errado, drogas, acham que não é preciso escola. Eles se perdem e deixam de enxergar que o trabalho dos professores é muito bom, fazem tudo o que podem. Posso dizer que antigamente queria ser professora, agora não, são muito desvalorizadas. Quero ser veterinária. É um sonho.

Por todas essas razões, e em de esclarecimento sobre os contrapontos que se refere à educação escolar, seja como desejo, seja como obrigação, fazemos uma volta ao tempo e buscamos analisar o percurso histórico da educação brasileira, nos últimos tempos. Para isso, Veiga (2007, p. 290) propõe pensar a educação, ao referir como exemplo a primeira LDB (Lei de Diretrizes e Bases), 1961, a qual beneficiava a iniciativa privada, ao mesmo tempo que não criava condições para o favorecimento de uma educação qualificada para toda a população. Da mesma forma, Saviani (2013, p. 86) chama a atenção para uma pseudoliberalidade sustentada por princípios abstratos em favor do “*modus vivendi* da sociedade burguesa”. Consolida-se, com isso, uma contradição no plano moral que rege os princípios de igualdade, democracia e solidariedade humana.

Além disso, Saviani (2013, p. 127), assevera que embora aprovadas as primeiras leis que definiam a educação como direito de todos, havia limitações e isenções de responsabilidades sobre o cumprimento da obrigatoriedade escolar, inviabilizando a democratização do acesso, e, por conseguinte, reforçando os mecanismos que privilegiavam o ensino para a elite e subordinavam a população ao ensino profissional, “destinado ao exercício das funções subalternas”. Nesta perspectiva, a escola privilegiava a educação da minoria dominante e a maioria dominada deveria produzir seus meios de sobrevivência, restando-lhe o trabalho.

Com o tempo, as reivindicações sociais favoreceram a democratização da escola, embora o acesso ainda não garanta a democratização do ensino, com a mesma formação às camadas mais pobres da população, segundo Libâneo (2014):

Democratizar o ensino é ajudar os alunos a se expressarem bem, a se comunicarem de diversas formas, a desenvolver o gosto pelo estudo, a dominarem o saber escolar; é ajudá-los na formação de sua personalidade social, na sua organização enquanto coletividade. Trata-se enfim, de proporcionar-lhes o saber e o saber-fazer críticos como pré-condição para sua participação em outras instâncias da vida social, inclusive para melhoria de suas condições de vida. (LIBÂNEO, 2014, p. 12)

Definitivamente, reconhecemos que a educação brasileira tem um amparo legal que garante a democratização do acesso ao ensino, mas não tem oportunizado mecanismos eficazes que possam garantir também, o desejo à aprendizagem, como forma de superar os estigmas da servidão. Para explicitar, Aristóteles (2012, p, 125) destaca que “a sabedoria deve ser uma combinação da razão intuitiva com o conhecimento científico”, cabendo pensar a escola como meio para se encantar pelo conhecimento. Neste sentido, a professora “D” tem algumas impressões com base na sua experiência docente e apresenta seu ponto de vista:

Eu sempre considero, que o desinteresse dos alunos vem de casa mesmo, os próprios pais não valorizam a escola e passam isso para os filhos... eles chegam desmotivados. O único momento de estudo é na sala de aula. Não fazem tarefas, a grande maioria, nem material trazem quando solicitamos. Mesmo que não seja material comprado, uma simples garrafa pet, para um trabalho simples... sinto que não existe empenho por parte dos responsáveis em dar apoio, orientar, estabelecer rotina nos estudos dos filhos. Matriculam os filhos e a escola deve disponibilizar material escolar, educar, ensinar, cuidar... A responsabilidade, geralmente, é da escola. Por exemplo, quando são encaminhados para atendimento especializado, fora da escola, mesmo não sendo papel da educação, perdem a vaga porque não levam os filhos. A criança acaba ficando somente com o atendimento prestado na escola, quando tem...

Por vezes, pode parecer melúria as queixas dos docentes acerca do trabalho não correspondido com os alunos. Não obstante, somam-se justificativas de diferentes atores sociais para os problemas que permeiam as contradições na educação. No entanto, precisamos compreender o contexto de vida, de trabalho, atender a legislação, mobilizar e vigiar. Tantas tarefas, mas vemos recair responsabilidades e apontamentos, na maioria das vezes à escola, sem considerar que a família, gestores públicos, legisladores e juristas também desempenham um importante papel na formação humana. Não seria o momento de repensar as responsabilidades unilaterais e tornar a escola um espaço respeitado a ser desejado para a busca de um protagonismo atuante?

4 Considerações finais

Os questionamentos que emergiram neste estudo levantaram hipóteses e suscitaram inquietações acerca da educação escolar nas escolas. Temos conhecimento dos avanços e amparos legais que oferecem a garantia do acesso à educação escolar, tornando-a obrigatória. Todavia, constatamos que boa parte dos alunos e seus familiares não entende isso como um apoio, mas como um meio de vigiar e protelar o labor precoce, necessário para consumir as demandas impostas pelo mercado.

Com efeito, declarações são unânimes acerca dos esforços das instituições, mas os fatores para a falta de desejo pela escola discorrem sobre os valores truncados que são balizados nas famílias, a falta de seriedade com o papel da instituição escolar, assim como na satisfação imediata, seja pelo lazer, dinheiro ou drogas, tornando distante as possibilidades que o ensino e a aprendizagem escolar podem proporcionar.

Em outras palavras, verificamos que não basta matricular um filho na escola, mas subjaz acompanhar, incentivar, cobrar resultados, fazer compreender que a educação é o melhor caminho para uma vida autônoma. De outro modo, verificamos também

que a escola se ocupa de tarefas que desviam a atenção de sua real função, contribuindo para confundir os papéis que lhes são devidos.

Em todas estas situações cabe um investimento moral e um aporte familiar e institucional, a fim de que o desejo que era identificado enquanto a escola não era obrigatória, se tornasse um desejo latente, hoje. Parece que estamos sempre na contramão. Caso não fosse obrigação, será que infantes e juventude manifestariam o desejo pela educação escolar? Sabemos que isso já acontece em alguns casos, mas percebemos que não é maioria.

Posto isso, o que precisaríamos fazer para mobilizar as pessoas numa educação qualificada? Sabemos que os registros e protocolos não expressam necessariamente a aprendizagem, mas servem como um meio de formalizar uma prestação de contas dúbia à sociedade. Aprovação não tem significado conhecimento, ao contrário, tem expressado o reconhecimento dos esforços compreendidos no processo, seja este, qualificado ou não.

O presente estudo de caso contribuiu para levantar que o desejo e a obrigação estão relacionados aos estímulos e incentivos dos pais. De outra forma, por mais que haja mecanismos de cobrança para o estudo, o desinteresse se escora em inúmeras justificativas que expressam relações de assujeitamento a um sistema de servidão e consumo. Sendo assim, precisamos lutar contra esta cultura que “estudo” é privilégio de poucos que detém o dinheiro e defender a ideia de que os esforços poderão ser recompensados há quem tiver a ciência ao seu lado.

Referências

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 8 ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Martin Claret, 2012.

BRASIL. Presidência da República. Jusbrasil. **Código Penal** -

Decreto-lei 2848/40: Decreto-lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91614/codigo-penal-decreto-lei-2848-40#art-246>. Acesso em 04 jan. 2021.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em 04 jan. 2021.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei Nº 4024, de 20 de dezembro de 1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4024.htm. Acesso em 05 jan. 2021.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus: Lei Nº 5692, de 11 de agosto de 1971. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm. Acesso em 05 jan. 2021.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 04 jan. 2021.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia.** Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 58 ed. ver. atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GUERRA, João Henrique Lopes. **Proposta de um protocolo para o estudo de caso em pesquisas qualitativas.** XXX Encontro Nacional de Engenharia de Produção Maturidade e desafios da Engenharia de Produção: competitividade das empresas, condições de trabalho, meio ambiente. São Carlos, SP, Brasil, 12 a 15 de outubro de 2010. Disponível em: http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2010_TN_STO_133_848_14839.pdf.

Acesso em: 06 jan. 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 28ª edição. São Paulo: Loyola, 2014.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 3ª ed. rev. ampl. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016.

ROSA, Geraldo Antônio da; TREVISAN, Amarildo Luiz; SGRÓ, Margarita; SOAVE, Cláudia; REAL, Daniela Corte. **Formação de professores na educação latino-Americana: biopolítica, migração e alteridade**. Caxias do Sul: EDUCS, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa; CHAUI, Marilena. **Direitos humanos, democracia e desenvolvimento**. São Paulo: Cortez Editora, 2018.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Aberturas para a história da educação: do debate teórico-metodológico no campo da história ao debate sobre a construção do sistema nacional de educação no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SENADO FEDERAL. Secretaria Especial de Informática. **Constituição Federal** (Texto compilado até a Emenda Constitucional nº 19 de 04/06/1998). Brasília. Disponível em http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_04.06.1998/CON1988.pdf. Acesso em 04 jan. 2021.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da educação**. São Paulo: Ática, 2007.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ENSINO REMOTO EMERGENCIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19 E O USO DAS TICs NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Márcia Boell
Paula Marchesini

1 Introdução

O presente trabalho objetiva compreender a relação com o saber no contexto da pandemia da Covid-19, em uma realidade de transição do aprendizado na escola para um modelo em distanciamento social, em que o professor e os estudantes estão em suas casas, além de refletir sobre os desafios e perspectivas do ensino básico na escola municipal do município de Nova Prata-RS.

Esta pesquisa classifica-se qualitativa, com aporte teórico nas contribuições de Bernard Charlot. Os dados foram obtidos por meio de questionário respondido pelos familiares dos alunos da escola em questão, entre os meses de maio e julho de 2020, em entrevista não-estruturada com a diretora da escola.

De acordo com Laville e Dionne (1999, p. 190), nas entrevistas não-estruturadas o “pesquisador mantém o controle das direções tomadas nas interações: às vezes, ele partilha esse controle, ao passo que, nos casos extremos, ele o abandona ao entrevistado, somente incentivando-o a se expressar livremente”. Esse instrumento de coleta de informação foi utilizado em uma sondagem, posto que, assim, a escola obteve a escuta da comunidade escolar.

De acordo com dados da UNESCO (2020), no ápice da pandemia, em torno de 1,6 bilhão de estudantes em 190 países deixaram as salas de aula, representando mais de 90% dos estudantes no mundo todo. Um cenário que marca a maior ruptura educacional da história.

Para as instituições de ensino básico, uma recomendação comum foi a possibilidade de não se cancelarem as atividades, mas fazer com que professores e estudantes trabalhassem de forma conjunta, utilizando recursos digitais. São circunstâncias muito heterogêneas que exigem ações adequadas para cada situação vivenciada no cotidiano dos estudantes, e evitar a exclusão e a ampla desigualdade de acesso, já que muitos estudantes não possuem acesso à internet ou dispositivo para o estudo.

Para tanto, Paulo Freire aponta-nos que o mundo não é. Ele está sendo no trajeto que está em curso, considerando o tempo e o espaço nos quais o sujeito está inserido. A escola, por sua vez, lhe concerne o movimento constante de acolhida e inclusão das famílias. O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) destaca ser vital que os estudantes continuem seu aprendizado de casa, utilizando todos os canais possíveis, rádio, televisão, internet e telefones celulares (UNICEF, 2020).

2 Cultura digital

A cultura digital expressa o conjunto de práticas, costumes e formas de interação social, as quais são realizadas a partir dos recursos da tecnologia digital, como a internet e as tecnologias de informação e comunicação (TICs), que também pode ser entendida como cibercultura, palavra constituída por Lévy (1999) para designar a cultura que emerge no contexto que ele chamou de ciberespaço. Esse conceito está relacionado às novas possibilidades para sua inscrição no mundo, sua socialização, a partir da presença dos dispositivos digitais em nossa sociedade.

Essa realidade impõe ruptura nas fronteiras de limites de espaços temporais, permitindo o surgimento de novas formas de se comunicar e de ser no mundo, o que, por sua vez, propicia formas diferentes de ser e de estar no mundo. Possibilitam-se, pois, maiores interações pedagógicas e interpessoais, as quais transformam as práticas educativas, sociais e culturais.

Assim, podemos entender a cultura digital como o modo contemporâneo das comunidades humanas viverem, conviverem, se relacionarem e produzirem conhecimento vinculado a meios de comunicação que se revestem de materialidade digital. Nesse cenário, os sujeitos constituem-se não apenas como receptores, mas, também, como produtores de informação. Pela sua configuração em rede e construção de relacionamentos, revestem-se de criação, colaboração e compartilhamento, de modo que os sujeitos crescem e se organizam a partir de um diálogo mediado pela tecnologia digital, em uma nova forma de se comunicar e de agir no cotidiano humano nas diferentes dimensões do ser.

Para tanto, a expressão letramento digital significa a habilidade ou competência de o sujeito acessar, interagir, processar, localizar, filtrar e avaliar criticamente informação disponibilizada eletronicamente, bem como ter familiaridade com as normas que regem a comunicação com outras pessoas através dos sistemas computacionais, que permeia os estudos do tema em foco.

Diz respeito ao uso de tecnologias digitais de modo crítico e consciente, com competência específica, compreendendo seus limites e suas potencialidades no contexto de práticas sociais e educacionais. Isso implica que tal uso precisa ocorrer de tal forma que a prática se torne significativa em seu domínio de ação. Assim, a ideia de letramento digital ultrapassa a materialidade das técnicas materiais e intelectuais, das atitudes, dos modos de pensar e dos valores que se desenvolvem com o crescimento do ciberespaço. Está em relação direta ao modo como esse conjunto articula-se para permitir a emergência de novas subjetividades e sentidos.

Lévy (1993) argumenta que a linguagem da informática e seus recursos podem intervir nos processos de subjetivação individuais e coletivos, interferindo na inteligência e criando o que ele chama de “ecologia cognitiva”. A constituição de tal subjetividade é explicitada por Lévy (1993) quando este destaca as três formas de gestão social do conhecimento ligadas à história das tecnologias da inteligência – oralidade, escrita e informática.

De acordo com a UNESCO (2020), o cenário de Pandemia de Covid-19 evidencia a importância da cultura digital, isto é, da competência digital por parte dos educadores, da gestão escolar e dos estudantes, o que pressupõe acesso de qualidade à internet como possibilidade para a educação, a informação, a saúde e a cultura, dentre outras questões importantes relacionadas à vida das pessoas. Nas circunstâncias atuais, e de pós-pandemia, pode-se apontar para uma responsabilidade coletiva de respeito aos direitos humanos e, assim, questiona-se como assegurar o direito prescrito no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Art. 4º):

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Todavia, o acesso à tecnologia digital não é a realidade da maioria. Diante dessa desigualdade de acesso, os sistemas de ensino e as escolas, inseridos nesta realidade, sentiram a necessidade de flexibilizar as formas de manutenção do ensino remoto.

3 Ensino remoto emergencial na educação básica em Nova Prata-RS

O regime remoto é, por sua vez, uma medida emergencial temporária organizada para cumprir a necessidade do distanciamento social. Nesse tipo de regime, a coordenação pedagógica e os professores interagem com os estudantes pela internet. Uma das alternativas encontradas foi a aula on-line, na qual professores e estudantes precisam se conectar ao mesmo tempo (sincronicamente), nos mesmos dias e horários das aulas presenciais. Embora pareça simplesmente uma mudança de “local”, o ensino remoto cria a necessidade de ferramentas que auxiliem no processo de ensino e aprendizagem e na promoção da apropriação tecnológica para professores e estudantes. Em vista disso, muitos

ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) foram disponibilizados, tais como *Blackboard*, *Canvas*, *Moodle*, *Google Classroom*, como também recursos de comunicação síncrona para videoconferências, como o *Google Hangouts*, *Meet*, *Zoom*, *Skype* entre outros.

Nos ambientes virtuais de aprendizagens estão disponíveis diversos canais de comunicação, tais como correio eletrônico (*e-mail*), salas de bate-papo (*chats*) e grupos de discussão (*bulletin boards*). A interface desses meios é diferente em cada um dos ambientes, embora preservem suas funcionalidades. Nesses ambientes são oferecidos artefatos que viabilizam múltiplas formas de interação. No ensino remoto, as tarefas envolvem a proatividade, a reflexão/ação e a elaboração de novos conceitos.

A relação pedagógica é um momento, isto é, um conjunto de percepções, de representações, de projetos atuais que se inscrevem em uma apropriação dos passados individuais e das projeções, que cada um constrói, do futuro (CHARLOT, 2000, p. 68). Esta narrativa de experiência vivida descreve o contexto do ensino em isolamento social da Escola para oferecer oportunidades de acesso ao ensino e o protagonismo dos estudantes.

Para mapear o cenário, recorreu-se aos documentos oficiais emitidos pelo Município de Nova Prata, diagnóstico da realidade informado no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e levantamento junto às famílias sobre a disponibilidade de aparelhos com conexão à Internet, bem como as formas de conexão. Os dados foram obtidos no período de 20 de maio a 12 de julho de 2020. Para tanto, o artigo 14 do decreto nº 8.009, de 19 de março de 2020, dispõe sobre as medidas de prevenção ao contágio pelo novo Coronavírus no âmbito do município de Nova Prata, o qual orienta sobre a suspensão das aulas e o repasse de atividades à distância aos alunos (NOVA PRATA, 2020). O artigo 8º da portaria nº 229, de 24 de abril de 2020, regulamenta as atividades na Rede Municipal de Ensino de Nova Prata no período de pandemia da Covid-19, o qual denomina “atividades orientadas” as atividades a distância previstas nos decretos municipais, com base em orientações do Conselho Nacional de Educação, como forma de convalidação dos

trabalhos elaborados pelos professores e proporcionados aos alunos no período de suspensão das aulas (NOVA PRATA, 2020).

A Escola atende 353 alunos distribuídos em 20 turmas de pré a 9º ano, além de uma turma de EJA multisseriada. Conforme o diagnóstico da realidade apresentado no PPP da escola, por intermédio do aspecto socioeconômico é possível identificar que há muitas famílias de baixa renda residentes no bairro onde se localiza a escola, caracterizando-o como o bairro mais carente do município, quando comparado a outros bairros. Com base no diagnóstico, percebe-se, também, em relação à ocupação do público feminino, que a maioria das mães trabalha como diarista ou auxiliar de cozinha. Muitas, ainda, ocupam-se apenas com os cuidados da casa e dos filhos. Em relação ao público masculino, a maioria trabalha na construção civil ou em indústrias do município. Não foram identificadas profissões que exigissem formação de ensino superior. Quanto ao grau de escolarização das famílias, em torno da metade de pais e mães dos alunos da escola possui o Ensino Fundamental Incompleto. Pouco mais de 90% das famílias não possui plano de assistência à saúde, sendo dependentes do Sistema Único de Saúde (SUS). Quanto ao conjunto de indivíduos que compõem o núcleo familiar, percebem-se diversas formas de configuração.

Considerando a realidade local que abrange muitas famílias com inúmeras vulnerabilidades, de baixa renda, o educandário iniciou a distribuição de atividades impressas, a cada duas semanas, passando somente as instruções via *WhatsApp*. No mês de maio, o município concluiu o processo de obtenção de licença e fez a adesão à Plataforma *Google Classroom*, sendo distribuídos aos alunos e professores usuários vinculados ao domínio liberado para o município de Nova Prata.

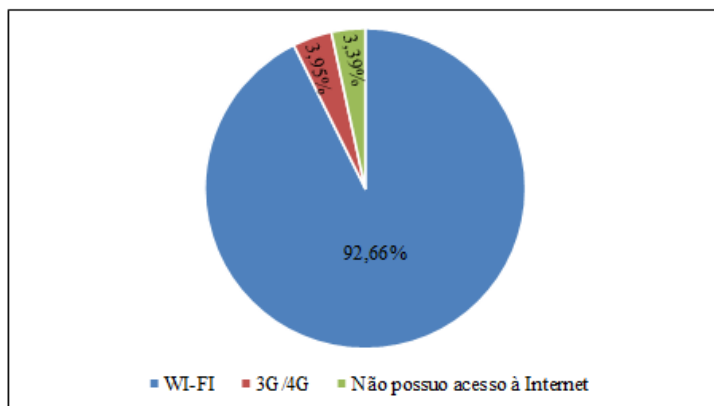
No diagnóstico da escola, sinalizaram que a nova ferramenta adotada não substituiria o uso do *WhatsApp* e a entrega de atividades impressas de imediato. Dessa forma, com a implantação da Plataforma, sentiu-se a necessidade de fazer o mapeamento sobre a disponibilidade de aparelhos com conexão à internet, bem como as formas de conexão. Decisões que se baseiam em dados podem

ser muito mais estratégicas, permitindo uma tomada de decisão mais precisa, por possibilitarem melhor visibilidade da realidade.

Os dados foram gerados através de questionário do *Google Forms* enviado às famílias via grupos de *WhatsApp*. De um total de 353 alunos, 177 responderam ao questionário, correspondendo a 50,1% do total de alunos da escola. As famílias foram questionadas quanto à forma de acesso à internet, se dispunham de dispositivos como computador ou *notebook*, celular e *tablet* e se esses dispositivos possuíam acesso à internet.

De acordo com o gráfico ilustrado no Gráfico 1, em relação à forma de acesso à internet, 92,66% dos respondentes acessam via *Wi-Fi*; 3,95%, via dados móveis e 3,39% não possuem acesso à Internet.

Gráfico 1 - Formas de acesso à internet

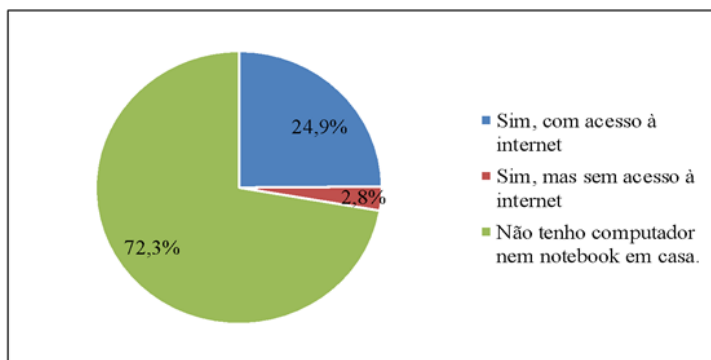


Fonte: As autoras (2020).

Para tanto, 27,7% possuem computador ou *notebook* em casa, pode ser verificado no Gráfico 2, sendo 24,9% com acesso à internet e 2,8% sem acesso à internet. A maioria, 72,3%, não possui computador ou *notebook*.

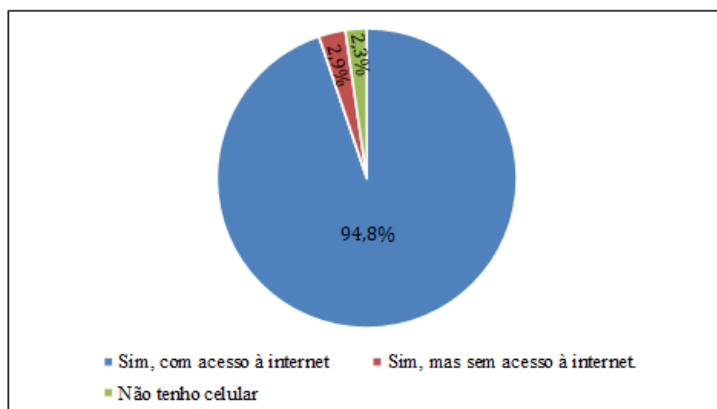
Quanto ao aparelho celular, conforme Gráfico 3, 94,8% dos respondentes possuem celular com acesso à Internet, 2,9% possuem o aparelho, mas sem acesso à Internet e 2,3% não o possuem.

Gráfico 2 - Disponibilidade de computador ou notebook



Fonte: As autoras (2020).

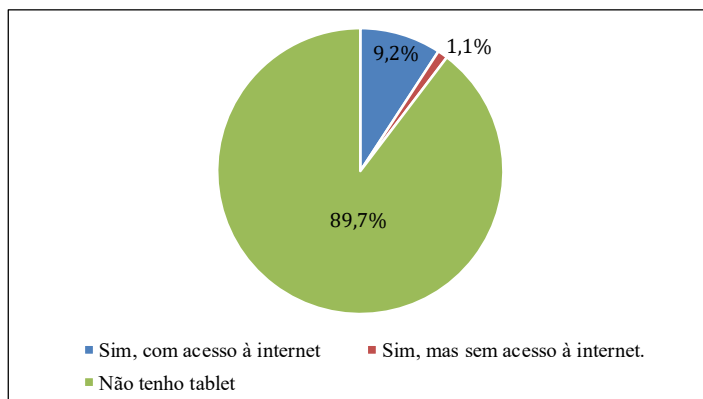
Gráfico 3 - Disponibilidade de aparelho celular com Android



Fonte: As autoras (2020).

Em relação ao *tablet*, conforme no Gráfico 4, representa 89,7% dos alunos não disponibilizam desse recurso em casa, conforme se observa no gráfico a seguir (Gráfico 4):

Gráfico 4 - Disponibilidade do dispositivo tablet



Fonte: As autoras (2020).

Pelo fato de 49,9% dos alunos não terem respondido ao questionário, não foi possível identificar se tal fato ocorreu pela falta de conexão com a internet, mas é uma porcentagem que preocupa. Com base nesses dados, a escola evidenciou que a entrega de atividades impressas é o modelo que mais está se ajustando à realidade, considerando o contexto atual e por abranger uma maior quantidade de alunos. Os grupos de *WhatsApp* proporcionam o contato, a interação entre a escola, a gestão da escola, professores e famílias, a partir de um olhar sensível e flexível para alcançar a verdadeira necessidade das famílias no diálogo. Além disso, são enviadas orientações e vídeos explicativos e, utilizando desse mesmo recurso, os estudantes e suas famílias contatam os professores em caso de dúvidas. Os diálogos são enviados no horário das aulas, mas destaca-se que muitos pais e mães estão no trabalho durante o dia. Assim, são passadas orientações às famílias para que organizem o tempo de forma a incluir na rotina diária um momento dedicado aos estudos. Encontros síncronos, por meio de reuniões virtuais através de recurso disponibilizado pela plataforma foram utilizados para conversas com os pais e/ou responsáveis, bem como foram realizadas aulas-teste com os estudantes. Pelo levantamento da

escola, a participação girou em torno de 20%; todavia, está se organizando para novas tentativas.

Durante a entrevista com a diretora da escola, ela destacou em sua narrativa que a permissão para uso do celular não era uma prática da escola antes da suspensão das aulas presenciais.

(R1) A gente tinha uma questão lá na escola que, por exemplo, a gente ainda não se permitia por questão até de maturidade às vezes e tudo mais de usar o celular em si por que a gente já teve situações que, quando foi liberado, a gente teve problemas, né. E também pensando na questão da interação entre eles. A partir do momento que se nós liberarmos por exemplo um celular, numa escola, num recreio, numa sala de aula, [...] a gente não ia mais ter aquelas crianças jogando futebol, jogando carta na hora do recreio, interagindo entre eles, conversando... A gente sabe pelas nossas casas que todo mundo tem o seu aparelho. E se tu não bota um limite, quando tu vê tá cada um num lado da casa com o seu aparelho e é o que aconteceria na escola. Então, de repente veio isso tudo, que eles dependem do seu aparelho para ter as atividades na casa. Então, assim, no começo a gente teve uma reação, até dos alunos a gente se surpreendeu porque a gente viu que eles tinham uma certa maturidade para poder lidar com tudo isso, os pais também.

Na fala da diretora evidencia-se uma preocupação quanto ao uso do aparelho na instituição, posto que relata que em outros momentos a escola enfrentou problemas quando o uso foi liberado. Outra preocupação relaciona-se à diminuição da interação entre os alunos caso o celular fosse liberado no recreio.

Sobre a criação dos grupos de *WhatsApp* e disponibilização dos números de telefone particulares da equipe diretiva e dos professores, a diretora relatou o que segue:

(R2) A gente não teve problemas, claro assim um aluno chamando, mas no começo a gente enfrentou até uma questão de uma resistência em dar o número pessoal da gente, do professor, para alunos. Porque a gente não sabia o que viria depois. Mas até então está tudo bem tranquilo, agora todo mundo tem o número de todo mundo, [...], os pais chamam a gente, então que acho que dessa forma eu acho que até teve uma contribuição, teve, não dá para dizer que até teve porque a

gente viu que essa parte que talvez a gente nunca tinha tentado a gente conseguiu e não tivemos problemas, né.

De acordo com a diretora, a disponibilização dos contatos telefônicos pessoais da equipe diretiva e dos docentes também não era uma prática da escola, uma vez que o educandário não havia tentado criar grupos de *WhatsApp* em momentos anteriores.

A diretora também mencionou a pouca adesão à plataforma *Google Classroom* e a forma de disponibilização das atividades aos alunos: “[...] a gente está imprimindo, na verdade, todas elas porque inicialmente a plataforma que foi implantada, para nossa realidade, ela não teve muita adesão. Então [...], percebemos que a gente tinha que entregar as atividades”.

A diretora também destacou a importância de manter o diálogo com os docentes para uma tomada de decisões coletivas em reuniões virtuais semanais e como forma de apoio e acolhimento com os profissionais que trabalham no educandário. Diante de uma situação nova para todos, buscou-se uma forma de organização que fosse melhor para todos, incluindo os alunos e seus familiares:

(R3) [...] a gente sempre faz uma reunião. Uma das coisas que nós sempre fizemos na escola desde o início, que de repente algumas outras demoraram um pouquinho mais para fazer, é de conversarmos com os profes praticamente todas as semanas, né. A gente simplesmente não largou a situação assim “ó gurias, tem que fazer de tal jeito e tal jeito”. Não! Tal dia nós vamos marcar um encontro para a gente ver tal situação. Então sempre se deu um amparo também para eles, né. [...] A gente precisa se apoiar nessa situação toda.

Durante a entrevista, a diretora mencionou, ainda, quais dificuldades existem por ser uma situação nova e que, inicialmente, todos mantinham a esperança de que as aulas presenciais fossem retomadas em breve:

(R4) E dificuldades a gente também tem tido, porque eu acho que o novo é para todo mundo né. No começo quando foi lá os primeiros dias a gente pensou: “bah são 15 dias, logo, logo vamos voltar, lá no dia primeiro de abril”. Daí veio aquela notícia: não, não vai retornar em abril. Tá, então tá. Até maio

vai normalizar tudo. Eu acho que o desespero maior começou a bater depois de maio em diante, quando a gente realmente se deu conta que, poxa vida, não vai ser tão simples assim. A noção que a gente teve sempre é que a pandemia ela veio para ficar, [...], mas a gente tinha esperança de que não iria demorar tanto.

Além disso, mencionou que em vários momentos foi preciso acolher as famílias dos alunos, considerando as reações em relação às atividades enviadas, como descrito, a seguir:

(R5) [...] ali no início teve os maiores que as mães começaram “não porque estão dando muita coisa, porque eles não estão entendendo”, aí [...] a gente chamava, já entrava direto no particular, chamava esse responsável para amenizar, porque sabe como é que é grupo né, dá um efeito dominó. Se um diz “ela não tá conseguindo fazer, não vai mais fazer”, os outros vão indo, né. Então se tentava amenizar nesse sentido, tu acalmava muitos pais que já estavam explodindo naquele momento e que não queriam mais saber.

Por isso, destacou mais uma vez que, enquanto gestora, quem sempre procurou e procura “incentivar, [...], incentivar os professores também, [...], então esse diálogo, essa organização, sempre se buscou ter porque a gente viu que parar não dá, né”. Sobre as reuniões realizadas com pais e alunos via *Google Meet*, recurso também disponível por intermédio da Plataforma *Google Classroom*, relatou:

(R6) Nós fizemos várias vezes, até marcamos com as crianças, como os pais também. Fizemos a primeira tentativa com turmas maiores e eu percebi que eles, às vezes, eles têm um pouco de receio de se expor nessa questão assim quando eles estão todos via online eles ficavam com receio contanto que poucos entraram, né.

Sobre a decisão de enviar as atividades de forma impressa aos alunos, foi uma forma de facilitar a sua realização pelos alunos, já que as famílias não dispõem de impressora em casa: “a gente sabe que nem todo mundo tem, como é que essas crianças vão copiar?” Mais uma vez evidencia-se a questão do acolhimento para com esses estudantes e familiares.

(R7) Chegar em casa de noite numa casa pequena com aquela lâmpada amarelinha sabe, que tem pouca claridade, tu ter que copiar um texto, uma atividade do WhatsApp de um aparelho de telefone pequeno. Daí a gente se coloca no lugar e pensa: “não, não é por aí, para nossa realidade não é por aí”. Os pais cansados, daqui a pouco na segunda vez estão desistindo. Primeiro faz um (filho), depois faz o outro, depois faz o outro, daqui a pouco nem todo mundo tem um ambiente propício para fazer um tema, um lugar reservado, porque a gente sabe que as casas elas não são tão grandes e às vezes o número de pessoas que habitam nela são de 4 a 8 ou 9 pessoas, dependendo da família.

O educandário tem procurado uma articulação com os órgãos públicos para ampliar a condição do atendimento e garantia do direito à Educação. Assim, com a Secretaria Municipal de Educação, vem buscando estratégias de promover a inclusão dos estudantes à Plataforma *Google Classroom*, já que as interações nesse ambiente virtual possibilitam o acesso a uma maior quantidade de recursos, podendo contribuir para um melhor desempenho escolar. Por enquanto, a interação virtual, com maior intensidade, está acontecendo via grupos de *WhatsApp*, mas o acesso a esse recurso também depende da conectividade à internet e, como já evidenciado, esse acesso não é a realidade da maioria.

Recentemente, a rede estadual do Rio Grande do Sul disponibilizou um plano de internet para acesso às aulas remotas através do cadastro de *smartphones* de alunos e professores, permitindo somente o acesso aos conteúdos educacionais da plataforma *Google Classroom*, a mesma plataforma adotada pela Rede Municipal de Nova Prata, mas ainda não há resultados da adoção dessa medida.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), por sua vez, no capítulo IV do direito à Educação, em seu artigo Art. 53, remete-nos ao fato de que as crianças “[...] têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania [...], assegurando-se-lhes” e, ademais,

conforme o inciso I, garante-se que é de direito a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola.

Nesse sentido, aprender a dominar uma relação é tornar-se capaz de regular essa relação e encontrar a distância conveniente entre si e os outros, entre si e si mesmo, e isso, em situação” (CHARLOT, 2000, p. 70). É evidente que a internet tem sido uma grande aliada nas relações humanas neste período de pandemia da Covid-19 e está possibilitando a continuidade do ensino. Como é evidente que esta não é a realidade da maioria, salienta-se que os dados aqui apresentados possam desencadear ações futuras quanto à inclusão digital.

4 Considerações finais

É importante destacar como fundante o olhar humanizador da escola, de acolhida das famílias, com o objetivo de incluir a todos na manutenção do ensino no contexto da pandemia. Propõe-se que se busquem estratégias de engajamento com toda comunidade, para possibilitar o maior número de incluídos no processo de aprendizagem. E o acolhimento, por sua vez, só é possível quando se considera a realidade social na tomada de decisões e no planejamento de ações. Confiança, apoio mútuo e colaboração são estratégias que fortalecem o entrelaçamento da comunidade escolar.

Em suma, diante dessas reflexões, são fundamentais diálogos e trocas de experiências entre pesquisadores, estudantes, professores e demais sujeitos em estudos transdisciplinares, sobre as relações entre a Educação e as relações da cultura tecnológica com diferentes dimensões do ser, sejam elas ontológicas, éticas, epistemológicas ou estéticas. Nesse sentido, pensar na amplitude e na complexidade de seu escopo. Oportunizam-se, portanto, reflexões por uma Educação emancipatória e transformadora, que envolvam os múltiplos atores sociais.

Referências

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. **ECA** - Estatuto da Criança e do Adolescente, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber:** manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: UFMQ, 1999.

LÉVY, P. **A Inteligência coletiva:** Para uma Antropologia do Ciberespaço. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: 34, 1999.

NOVA PRATA. Decreto nº 8.009 de 19 de março de 2020. **Dispõe sobre as medidas de prevenção ao contágio pelo novo Coronavírus (Covid-19) no âmbito do município de Nova Prata.** Nova Prata: Gabinete do Prefeito, 2020.

NOVA PRATA. Portaria nº 299 de 24 de abril de 2020. **Regulamenta atividades na Rede Municipal de Ensino de Nova Prata no período de pandemia do novo Coronavírus - Covid-19.** Nova Prata: Secretaria Municipal de Educação, 2020.

NOVA PRATA. **Proposta Político-Pedagógica (PPP).** Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Josué Bardin, 2020.

UNESCO. **Covid-19:** como a Coalizão Global de Educação da UNESCO está lidando com a maior interrupção da aprendizagem da história. UNESCO, 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/covid-19-como-coalizao-global-educacao-da-unesco-esta-lidando-com-maior-interruptao-da>. Acesso em: 10 nov. 2020.

A LIMITAÇÃO DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES EM TEMPOS DE PANDEMIA

Nilva Michelon

1 Introdução

A escola sempre foi um espaço de interação entre estudantes, professores e familiares. No entanto, ao longo dos anos, as famílias estão se afastando do ambiente educacional por inúmeros motivos, seja por falta de tempo ou prioridade para acompanhar a aprendizagem dos filhos, seja porque a escola está sendo vista como um ambiente que requer a presença dos pais somente quando precisam alertar sobre o comportamento do estudante. Essa ausência vem sendo sentida e vivenciada em todas as escolas do País. Com a chegada da pandemia foi possível visualizar um novo cenário em que, aos poucos, as famílias retomam o espaço escolar, buscando orientações, colaborando, mantendo contato com os professores bem como com a equipe gestora.

O objetivo desse relato de experiência é identificar o lugar da família na aprendizagem dos estudantes bem como as limitações, referenciando acontecimentos em tempos de pandemia. Pretende-se, além disso, reconhecer a importância da presença dos pais no acompanhamento dos filhos e na participação das atividades escolares e compreender os anseios e expectativas dos mesmos com relação à escola.

A presença constante dos pais na escola é de suma importância, pois é no diálogo com os professores e gestores que os mesmos entenderão as reais necessidades dos filhos e é nessa troca que o estudante supera dificuldades, cresce e se desenvolve. Contudo, a ausência dos pais na escola vem crescendo e nos

questionamos como envolver os pais no processo educativo dos estudantes durante a pandemia do novo Coronavírus se as escolas enfrentam dificuldades de conversar com os pais em período normais?

Crepaldi (2017, p. 1738) reforça que

A integração da escola com a família e de toda a comunidade, por meio de diálogos, é fundamental, uma vez que a escola é compreendida como um elemento de mediação entre o (a) aluno (a) e a família. Alguns (as) professores (as) conhecem mais sobre o (a) aluno (a) que a própria família que, em muitos casos, surpreende-se ao ser chamada na escola para ouvir certos comentários em relação ao (à) filho (a).

Este relato narra as ações realizadas em uma escola pública do município de Vacaria, envolvendo as famílias dos estudantes da Educação Infantil, Pré II, e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, 1º ao 5º ano. Os principais pontos contemplados no texto são os desafios, as dificuldades e as conquistas durante o período de pandemia, período esse, que consumiu em torno de noventa por cento (90%) das atividades presenciais do ano letivo de 2020. Outrossim, momento que exigiu e ainda exige de cada profissional da educação o ato de reinventar-se e integrar-se em uma rede de colaboração entre professor e famílias através de recursos escassos a fim de cumprir com um calendário de atividades não presenciais e ensino remoto.

2 A onda do novo Coronavírus

A pandemia denominada como COVID19 teve seu início no final de 2019 e em menos de 90 dias se propagou por todos os continentes, chegando ao Brasil com o primeiro caso em meados de fevereiro de 2020. Por se tratar de um problema de impacto mundial, inesperado e severo, com referência à saúde da população foi necessário adotar medidas extremas a fim de impedir o avanço do vírus, aplicando o isolamento horizontal, o que veio mudar drasticamente todos os setores, entre eles citamos a vida das

famílias, o ambiente escolar, a rotina das empresas e principalmente o convívio social. Com as fronteiras fechadas, as relações entre países ficaram estremecidas e um certo grau de ansiedade e pânico passou a fazer parte do dia a dia de todas as pessoas.

A partir desse momento, nenhum ser humano estaria imune, protegido ou poderia escolher se isolar ou não, apesar de sua condição financeira. Todos estão frágeis, todos estão propensos a serem contaminados não importando a condição social, raça, cor, idade ou escolha religiosa. Por um momento e durante toda a pandemia a humanidade se tornou “igual”, uma condição que deveria ser respeitada em todos os momentos da vida. E, assim, as escolas de todo o Brasil foram fechadas em meados de março de 2020, com prazo indefinido para o retorno de suas atividades presenciais.

3 A escola e seus colaboradores durante a pandemia

O relato de experiências trata da condição de uma escola pública municipal durante os nove meses de atividades não presenciais no ano de 2020. A equipe gestora da escola comunicou a interrupção das suas atividades em 18 de março de 2020 à comunidade escolar, sendo este o último dia de aulas presenciais com estudantes e professores respeitando o Decreto Nº 55.117, de 14 de março de 2020 que altera o Decreto nº 48.198, de 29 de julho de 2011, que institui o Núcleo Regional de Integração da Faixa de Fronteira do Estado do Rio Grande do Sul – Núcleo/RS e determina para as instituições de ensino a suspensão das aulas presenciais em seu artigo 5º:

Art. 5º - Ficam suspensas, a contar de 19 de março de 2020, pelo prazo de quinze dias, prorrogáveis, as aulas presenciais no âmbito do Sistema Estadual de Ensino, devendo a Secretaria da Educação, estabelecer plano de ensino e adotar as medidas necessárias para o cumprimento das medidas de prevenção da transmissão do COVID-19 (novo Coronavírus) determinadas neste Decreto.

Ao mesmo tempo, considerando o Decreto Nº 37/2020 que dispõe sobre medidas temporárias de prevenção ao contágio pelo novo Coronavírus (COVID – 19), no Município de Vacaria, determina:

Art. 3º Ficam suspensas, pelo prazo de 30 (trinta) dias, podendo ser prorrogáveis por nova norma municipal, as seguintes atividades:

I – aulas escolares na rede municipal de ensino (educação infantil e ensino fundamental) a partir de 19 de março de 2020 (quinta-feira);

Nesse primeiro momento havia uma expectativa de que entre quinze a trinta dias as atividades voltariam ao curso normal. No entanto, não foi possível e os decretos foram substituídos mês a mês, sendo necessário, a partir de abril, contatar as famílias a fim de manter os vínculos com os estudantes e, a partir de maio, as atividades não presenciais passaram a serem impressas. Nesse intuito, contatou-se as famílias a partir de ligações via telefone celular, um a um, com a finalidade de criar grupos utilizando diferentes meios, sendo eles: *Facebook*, *WhatsApp*, *e-mails*, *Google meet*.

Cada setor passou a colaborar intensivamente dialogando com seus pares mesmo à distância. A equipe gestora refez seu plano de ação, as supervisoras planejaram as ações que os professores deveriam organizar. Os professores, por sua vez, criaram os grupos de contato com as famílias e nesse espaço eram dadas as primeiras “orientações de cuidados” com a saúde, a prevenção e como seriam as aulas a partir desse momento, sendo utilizados vídeos, planilhas, informes, infográficos, texto e os denominados “pacotinhos de atividades”.

Não foi uma tarefa fácil, pois há uma série de adventos que atrapalham o andamento e o pleno sucesso das atividades previstas dentre eles citam-se:

- A dificuldade de compreensão por parte de algumas famílias da importância de acompanhar as atividades dos filhos;
- A negligência de algumas famílias na priorização da aprendizagem dos filhos, deixando esse compromisso como última opção, o qual é sempre definido pelo chavão “não tenho tempo”;
- O fato de trocarem o número do celular constantemente, sem a preocupação de informar a secretaria da escola, não sendo possível contatar os mesmos;
- O advento de que para algumas famílias a aprendizagem dos filhos não é prioridade;
- O alto número de estudantes em vulnerabilidade, não tendo muitas vezes o mínimo para seu alimento diário e sua higiene;
- A deficiência na aprendizagem dos pais por não terem frequentado a escola na idade certa, evasão na infância ou adolescência, alguns analfabetos funcionais ou semianalfabetos e que não compreendem as atividades enviadas pelos professores e assim não conseguem auxiliar esses estudantes;
- Destaca-se ainda, por parte de algumas famílias, a falta de paciência e tolerância para suportar a presença dos filhos em tempo integral em casa, sobrecarregando os pais;
- E, por fim, o que mais prejudicou a comunicação de pais, estudantes e professores foi o fato de muitas famílias estarem desprovidos de um bom aparelho celular com boa memória e internet em alta velocidade.

Dellagnelo (2020, s/p.) aponta que,

Para alguns pais a tarefa de fazer os filhos acessarem o conteúdo disponibilizado, prestarem atenção nas aulas online e executar as tarefas propostas pelos professores é desafiadora. Pior ainda quando são solicitados a esclarecer dúvidas sobre conteúdos curriculares dos quais não se lembram ou não aprenderam.

Agravam-se assim os efeitos perversos das desigualdades de nível socioeconômico e grau de escolaridade entre pais de escolas públicas e privadas.

Nesse cenário é importante a atuação da equipe gestora e dos professores para estimular continuamente as famílias em vulnerabilidade social. Uma vez que são sujeitos que fazem parte de um grupo excluído socialmente, muitas são as dificuldades, pois no que se refere a gêneros de primeira necessidade como alimentação, higiene, saúde, cultura e lazer são extremamente precários. Nesse sentido, não há como cobrar das famílias ferramentas tecnológicas para a aprendizagem dos estudantes.

4 Metodologia

O Coronavírus invalidou o modelo tradicional de ensino na educação básica que perdurava há anos, o presencial, e a escola buscou, então, estratégias para que a aprendizagem continuasse acontecendo, mesmo que a distância. A crise do Coronavírus terá efeitos perenes sobre a forma de aprender. O isolamento está criando novos hábitos e comportamentos, tanto nas famílias, quanto nas instituições de ensino que estão revendo uma série de processos, estruturas e metodologias. Nesse sentido, a educação passa a ser reinventada e repensada com um olhar atento ao planejamento coerente das aulas pelos professores, o cuidado com o atendimento ao estudante e o diálogo com os pais, além disso, por vivenciarmos um tempo onde milhões de pessoas estão infectadas no mundo todo, é preciso pensar em ações de acolhimento acompanhando sensações e emoções gerados pelos efeitos da pandemia, como medo, ansiedade, estresse.

O Parecer CNE/CP Nº:15/2020 (Conselho Nacional de Educação) aponta que, “é consabido o grande esforço de todos esses atores, bem como estudantes e seus familiares, para viabilizar, rapidamente, essas atividades, novas e difíceis para muitos deles” BRASIL (2020, p. 2). Um cenário de tanta volatilidade e mudança rápida de decisões nos obriga a ter um plano de ação paralelo. A

mudança abrupta promovida pelo novo Coronavírus exigiu um novo planejamento, por isso foi desenhado à forma metodológica de atendimento aos estudantes de forma remota a contar de abril de 2020. A metodologia utilizada para entrega e devolutiva das atividades pedagógicas não presenciais foi definida da seguinte forma:

- Criação de grupos por ano e turma no aplicativo *WhatsApp* com a participação dos pais e/ou estudantes;
- Aulas planejadas por ano ou componente curricular e enviadas via *WhatsApp*;
- Entrega de caderno de atividades denominados “Pacotinhos de Atividades” impresso por ano/turma para cada estudante na escola. Respeitando cronograma mensal de entrega para evitar aglomeração e com todos os cuidados necessários;
- Treinamento dos professores para uso do *Google meet* para aulas síncronas, além de oferecer atividades assíncronas para os estudantes;
- Controle em planilha do número de estudante envolvidos que recebiam atividades impressas ou via *on-line*.

5 Ações desenvolvidas

Um ano letivo atípico interrompido pela pandemia demanda uma série de tarefas novas, incluindo revisão do calendário escolar, criação do cronograma de reposição, controle da carga horária realizada remotamente, formação dos educadores para esse novo panorama, entre outros. Para isso, a escola se mobilizou da seguinte forma:

5.1 Professor

A supervisão escolar passou a organizar reuniões *on-line* via *Google meet* com seus professores, a fim de encontrar meios de disponibilizar acesso às atividades escolares a todos os estudantes.

O objetivo central foi a manutenção do processo de aprendizagem qualificado e garantir a equidade do ensino para os diferentes contextos de estudos em casa vivenciados pelos estudantes, por isso buscou-se:

- Acolher os professores a partir de reuniões motivadoras e instrutivas;
- Promover a colaboração e inovação de práticas pedagógicas entre os educadores;
- Implementar gestão do ensino remoto, proporcionando orientações e cronogramas de entrega de documento e atividades mensais;
- Motivar os professores para que mantenham o foco em um trabalho pedagógico estruturado e coletivo;
- Orientar os professores quanto à responsabilidade de preencher a documentação correta;
- Elaborar cronograma de reposição de horas/aula;
- Definir conteúdos essenciais, fundamentais e indispensáveis (pré-requisitos para o próximo ano);
- Assegurar a segurança e saúde de colaboradores de suporte, professores e estudantes no retorno às aulas presenciais;
- Estimular os professores na realização de cursos e treinamentos para sua formação continuada;
- Organizar reuniões mensais via *Google meet*.

5.2 Estudantes

A escola, através da equipe gestora e os professores, manteve contato periodicamente com os estudantes ou familiares, com as instruções necessárias para a realização das atividades não presenciais via telefone, *WhatsApp* e *Facebook*. Em alguns casos, foi feito contato de forma presencial, respeitando as normas e cuidados quando era necessária a entrega das atividades pedagógicas denominada “pacotinho de atividades”. Além disso, organizou-se

quinzenalmente uma aula síncrona, via *Google meet* com os alunos que possuíam os recursos nos celulares da família ou computadores.

5.3 Comunidade escolar

A escola estabeleceu uma comunicação ativa, ética e transparente com familiares e responsáveis desenvolvendo campanhas de comunicação a serem implantadas nas redes sociais (*posts*, vídeos, infográficos, animações) e na escola (cartazes e orientações gerais). Dessa maneira, era possível fazer relacionar os procedimentos a serem adotados e seguidos por todos, adotando uma linguagem e conteúdo motivadores, estimulantes e que passavam confiança a toda a comunidade escolar ajudando-a na conscientização de todos para o enfrentamento da crise. O parecer 05 do CNE sugere que

Neste período de afastamento presencial, recomenda-se que as escolas orientem alunos e famílias a fazer um planejamento de estudos, com o acompanhamento do cumprimento das atividades pedagógicas não presenciais por mediadores familiares. O planejamento de estudos é também importante como registro e instrumento de constituição da memória de estudos, como um portfólio de atividades realizadas que podem contribuir na reconstituição de um fluxo sequenciado de trabalhos realizados pelos estudantes. BRASIL (2020, p.06)

Assim estabeleceram-se os contatos:

- Via telefônico, a partir de cadastros de matrículas, organizando uma lista de contatos. Sendo que a equipe gestora realizou nesse período, ligações periódicas, um a um, comunicando os procedimentos tomados para manter o vínculo com os estudantes e dando as devidas orientações;
- A mesma lista foi repassada aos professores, os quais criaram os grupos de *WhatsApp*, onde orientavam as famílias e/ou estudantes de como seria feita a entrega e retorno das atividades enquanto o isolamento persistir;

- Utiliza-se também o perfil do *Facebook* da escola para a comunicação com a comunidade escolar. No aplicativo foram postados recados, avisos, cronogramas e trabalhos que apresentaram aprendizagem significativa. Esses trabalhos podem ser visitados no perfil da escola.

6 Resultados

Os resultados de um ano letivo interrompido por uma pandemia, pela primeira vez depois da gripe espanhola em 1918, pode trazer resultados catastróficos para a aprendizagem dos estudantes. No entanto, apesar do sistema educacional não estar preparado para uma mudança drástica, tivemos a favor da escola ferramentas tecnológicas de informação e comunicação capazes de reverter o quadro da última pandemia no século passado.

É sabido que a carga horária do professor aumentou consideravelmente e o profissional da educação precisou aprender a manejar as ferramentas, utilizar a criatividade e se comprometer com pais e estudantes. As famílias por sua vez, também precisaram resgatar o papel de responsáveis presentes na escola, seja buscando informações e revisando cada novo objeto de conhecimento ensinado ou visitando a escola para retirada de materiais de estudo.

Não é possível afirmar que todos os pais assumiram seus papéis, até porque nesse momento é imprescindível o acolhimento, a compreensão de cada caso individualmente, sem julgamentos, pois muitas dessas famílias além de conviver com o medo da doença, enfrentam o desemprego e a escassez das necessidades básicas de alimentação, higiene e saúde. No entanto, a partir da pandemia passa a existir uma nova relação entre escola e família.

É preciso destacar que nesse ano atípico todos estão aprendendo e se reinventando. Seria irresponsável dizer que os sistemas educacionais sabem falar com certeza o que deve ser feito. Por isso, o CNE recomenda algumas ações que os estados e municípios podem estar fazendo para viabilizar esse aprendizado,

lembrando que essas diretrizes sempre devem estar firmadas por documentos elaborados pelo CEE (Conselho Estadual de Educação) e/ou CME (Conselhos Municipais de Educação). Dito isso, qual seria o papel da família segundo o CNE? No dia 28 de abril de 2020, o CNE publicou o parecer nº 5, para orientar sobre a reorganização do Calendário Escolar e a possibilidade de computar as atividades não presenciais para cumprir a carga horária mínima anual devido à pandemia do Coronavírus orientando que:

Na Educação Infantil os gestores busquem uma aproximação virtual dos professores com as famílias, de modo a estreitar vínculos e fazer sugestões de atividades às crianças e aos pais e responsáveis. As soluções propostas pelas escolas e redes de ensino devem considerar que as crianças pequenas aprendem e se desenvolvem brincando prioritariamente;

No Ensino Fundamental Anos Iniciais as redes de ensino e escolas orientam as famílias com roteiros práticos e estruturados para acompanharem a resolução de atividades pelas crianças. No entanto, as soluções propostas pelas redes não devem pressupor que os “mediadores familiares” substituam a atividade do professor. As atividades não presenciais propostas devem delimitar o papel dos adultos que convivem com os alunos em casa e orientá-los a organizar uma rotina diária;

No Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio – A supervisão de um adulto para realização de atividades pode ser feita por meio de orientações e acompanhamentos com o apoio de planejamentos, metas, horários de estudo presencial ou on-line, já que nesta etapa há mais autonomia por parte dos estudantes. Neste caso, a orientação é que as atividades pedagógicas não presenciais tenham mais espaço. Entre as sugestões de atividades, está a distribuição de vídeos educativos;

Na Educação Especial as atividades pedagógicas não presenciais devem incluir os estudantes com deficiência, transtorno de espectro autista e altas habilidades/superdotação. Devem ser adotadas medidas de acessibilidade, com organização e regulação definidas por estados e municípios, mas existem outros cuidados a serem observados, principalmente quanto à mediação. Junto às atividades, deve ser assegurado o atendimento educacional especializado, que envolve

parceria entre profissionais especializados e professores, para desempenhar suas funções na adequação de materiais, além de dar orientações e apoios necessários a pais e responsáveis. Como a atenção é redobrada para cada aluno, os profissionais do atendimento educacional especializado devem dar suporte às escolas na elaboração de planos de estudo individualizados, que levem em conta a situação de cada estudante. As famílias são, sempre, parte importante do processo. (BRASIL, 2020)

6.1 A limitação do papel da família na aprendizagem dos filhos

No Parecer Nº 05/2020 o CNE orientava que a família assumisse o papel de mediadora, aquela que serve como um elo entre o professor e o estudante, jamais substituir o papel do professor. Para Piaget (2007, p. 50),

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades.

A escola aqui descrita, relatará apenas os processos da educação infantil Pré II e anos iniciais, como foi orientado as famílias a acompanhar as atividades dos filhos tendo como compromisso de:

- Retirar o caderno de atividades, livros didáticos e outros materiais necessários na escola a partir do mês de junho (quinzenalmente) e a partir do mês de setembro (mensalmente), cumprindo o dever de apresentar a devolutiva em cada nova retirada;
- Acompanhar as instruções dos professores nos grupos de *WhatsApp* bem como no caderno de atividades e repassar as informações para os filhos;
- Preparar um espaço adequado na casa, primando pelo silêncio e a organização para o momento de estudo dos filhos;

- Estabelecer uma rotina diária, primando por realizar somente as atividades do dia, alertando os estudantes que igualmente as atividades presenciais e não presenciais devem ser realizadas conforme o cronograma diário, jamais fazer todas as tarefas em um único dia;
- Fazer a leitura das atividades para os estudantes que ainda não estão alfabetizados;
- Contatar o professor sempre que o(s) filhos tiverem dúvidas;
- Estimular os filhos a realizar as atividades com organização e capricho. Revisando se os mesmos não deixaram atividades em branco, sendo que ao apresentarem dificuldades devem solicitar ao professor nova orientação seja por áudio ou vídeo;
- Organizar o ambiente para as aulas *on-line* bem como a ferramenta adequada (celular ou computador) proporcionando aos filhos a oportunidade de participar dos encontros.

No início do processo, tanto escola (equipe gestora e professores) e estudantes (pais e filhos) encontraram muitas dificuldades de adaptação, uma vez que a pandemia foi algo inesperado e não havia preparo para tal evento. Foi necessário retomar o diálogo com as famílias, uma vez que grande parte delas haviam se afastado do ambiente escolar, não atendendo a chamados, não participando de reuniões, palestras e eventos. Esse diálogo, que há muito tempo vinha sendo adiado, foi retomado e construiu-se um novo elo entre escola e família.

Um segundo aspecto e bastante importante é que as ferramentas tecnológicas principalmente os *smartphones*, e as redes sociais, que antes eram apenas utilizadas como instrumento de comunicação para outros fins, passaram a ser utilizados para a educação dos filhos. Muitas famílias e professores precisaram se instrumentalizar desses equipamentos e aprender a manuseá-los como ferramenta pedagógica. Escola e família se uniram em um só

propósito: o de promover da melhor forma possível o aprendizado dos estudantes.

Pais, mães, irmãos, avós, tios, primos ou vizinhos passaram a se comprometer com o aprendizado da criança e num esforço coletivo e mútuo passaram a frequentar a escola pelo menos duas vezes por mês com a finalidade de buscar informações e solicitar o “pacotinho de atividades”. Foi nesse diálogo que a escola percebeu o interesse das famílias em manter o vínculo e construir um aprendizado, mesmo que torpe e manter o contato sistemático com os professores, além de que algumas famílias demonstravam orgulho no progresso dos filhos, sentindo-se gratificados em enviar os resultados a partir de vídeos e imagens bem como fazer a devolutiva das atividades não presenciais.

Aos poucos o grupo foi se harmonizando e através do diálogo constante foram superados os obstáculos e conflitos que podem ser comprovados através dos gráficos a seguir.

No mês de junho a escola obteve a seguinte adesão:

Tabela 1: Participação dos alunos em junho

Anos Iniciais	Nº de alunos	Nº de alunos que retiraram as atividades	Nº de alunos que retornaram as atividades	Alunos que realizam as atividades online	Percentual % que devolveram
Pré – II	93	61	46	18	68,81%
1º ano	44	40	28	03	70,45%
2º ano	66	52	50	05	83,33%
3º ano	72	40	34	04	52,78%
4º ano	58	27	24	12	62,1%
5º ano	49	29	27	06	67,35%

Durante o mês de junho, pelo gráfico, foi possível perceber que a maior adesão se concentrou no 2º ano e o quadro apresentava um número maior de famílias que retiravam as atividades. No entanto, o número de devolutivas era sempre menor que o número de retiradas. Foi possível perceber que os pais ainda não conseguiam seguir uma rotina diária e no momento da entrega do “pacotinho de atividades” os estudantes não haviam cumprido todas as tarefas.

Foi nessa etapa que a escola, através da cooperação da secretaria escolar, da supervisora e dos professores, tomou medidas

de retomar os contatos de cada família individualmente, tecendo elogios aos que cumpriam com as obrigações escolares e estimulando os que ainda não haviam conseguido acompanhar o processo de mudança.

Finalmente e somente no mês de novembro a partir de muito diálogo a escola conseguiu atingir um número considerável de estudantes participantes ativos.

A adesão dos estudantes nas atividades foi possível a partir de muito diálogo, estímulos e comprometimento da supervisão escolar, dos professores e da conscientização das famílias.

Tabela 2: Participação dos alunos em novembro

Anos Iniciais	Nº de alunos	Nº de alunos que retiraram as atividades (soma de devolução mais online)	Percentual %	Nº de alunos que retornaram as atividades (soma de devolução mais online)	Percentual %
Pré – II	92	80	96,95	80	96,95
1º ano	65	56	86,15	56	86,15
2º ano	69	62	89,85	62	89,85
3º ano	71	60	84,50	60	84,50
4º ano	60	53	88,33	53	88,33
5º ano	47	39	82,97	39	82,97

6.2 As dificuldades encontradas

No primeiro momento, a maior dificuldade da escola e das famílias foi o afastamento e o medo de enfrentar um vírus desconhecido e silencioso. Em seguida, a expectativa de voltar que perdurou todo o ano letivo de 2020, o que não ocorreu, e posterior a isso houve a necessidade de encontrar formas de levar o aprendizado aos alunos, principalmente àqueles que estavam em processo de alfabetização.

Posterior a esse primeiro impacto a escola esbarra na questão de que um número considerável de pais tem como rotina trocar o número do celular constantemente, sem a preocupação de comunicar a escola. Alguns desses não foram encontrados durante

todo o ano letivo, outros tantos atendendo aos chamamentos pelas redes sociais, por anúncios nas rádios locais ou através de recados de outros familiares, amigos ou vizinhos retomaram a comunicação com a escola. Esse processo foi constante de abril a dezembro.

Cabe ressaltar que alguns poucas famílias, representadas pelas mães, mostraram-se alheias ao processo e por vezes debochadas e agressivas. Essas foram as famílias que vestiram uma armadura e se colocaram contra as ações da escola, tecendo críticas negativas nas redes sociais ou não tornado possível um diálogo aberto e respeitoso.

Por fim a maior dificuldade foram as ferramentas (celulares) com pouca memória, a escassez de ferramentas em famílias maiores e internet lenta ou a falta dela, o que não atingiu somente as famílias mas também os professores. Aquino (2020, s/p) aponta que um dos maiores problemas enfrentados pela escola durante a pandemia foi a

Dificuldade em lidar com as novas tecnologias, computadores e equipamentos de filmagem obsoletos ou a ausência deles, dificuldade de acesso à internet por parte dos alunos e a falta do contato direto com os discentes são apontados como maiores desafios no trabalho dos professores no período de afastamento social.

As políticas educacionais vem falhando com a sociedade há muito tempo no que se refere a oferecer uma educação com qualidade e equidade, respeitando as necessidades de cada estudante brasileiro. É preciso portanto, nesse momento muito mais políticas que promovam a aprendizagem não só na escola como também em casos de pandemia. Realmente o País não estava preparado para uma pandemia. Falhou na saúde, na economia e principalmente na educação.

6.3 A aprendizagem

A pandemia assolou o planeta com inúmeros problemas. Dentre eles, a incapacidade e falta de preparo da escola para

o enfrentamento da crise. No entanto, com o esforço coletivo da gestão, professores e famílias foi possível sinalizar algumas conquistas. É claro que se a escola e famílias estivessem conectadas com recursos tecnológicos e conexões eficientes os resultados seriam melhores. Dellagnelo (2020, s/p) aponta que

Uma Escola Conectada é aquela que tem uma visão clara e estratégica do uso da tecnologia para aprendizagem, expressa no seu currículo e nas práticas pedagógicas adotadas por seus professores. Gestores e professores devem possuir competências digitais que englobam habilidades pedagógicas, de cidadania digital e de desenvolvimento profissional. A escola deve possuir um repertório de recursos digitais selecionados alinhados ao currículo, e disponibilizar infraestrutura adequada ao uso pedagógico da tecnologia, tanto em termos de equipamentos quanto de conectividade.

A escassez desses recursos na escola e nas famílias, a incapacidade ou falta de hábito dos professores e estudantes de utilizar essas tecnologias a seu favor prejudicaram o desenvolvimento da aprendizagem. Um dos tópicos observados tanto nos professores como nos estudantes foi a dificuldade de utilizar a câmera e o microfone para as aulas ou reuniões *on-line*, o que mostra que a insegurança e a timidez embaraçam o processo ativo de participação dos mesmos.

O esforço coletivo entre supervisão escolar, professores e familiares ativos, computou resultados positivos no que se refere ao desenvolvimento da aprendizagem da maioria dos estudantes. Muitos destes conseguiram expressar-se formando conceitos conforme nos mostra a “Aluna E” do 4º ano, através do vídeo “O que é ter Paciência”¹ desenvolvido pela professora de Filosofia, no projeto “Série Virtudes”. O caso da “Aluna A” do Pré 2 que cumpriu a tarefa de fazer “Uma receita diferente”² estimulada pela sua professora. A interpretação oral realizada pela “Estudante S” do Pré II que

1 <https://www.facebook.com/marialuci.benvenutti/videos/2107806699351213>

2 <https://www.facebook.com/nabor.m.a/videos/1282367045449112>

interpretou com eficiência o texto “O Dentinho”³. A “Aluna”⁴ do 1º ano que além de produzir um texto de sua autoria faz a leitura com eficiência. A mãe auxiliando na alfabetização da filha⁵ estudante do 1º ano⁶ ou ainda a alegria de presenciar nos vídeos dos alunos do 1º ano que, mesmo à distância, o esforço contínuo da professora e das famílias conseguem ler textos ou palavras com desenvoltura.

Inúmeras são as atividades cumpridas com dedicação e eficiência pelos estudantes orientados pelos professores e acompanhadas pelas famílias, as quais comprovam que a cooperação entre escola e família pode superar obstáculos, vencer desafios e conquistar o aprendizado almejado por todos.

Podemos destacar ainda, a partir de imagens (disponíveis no perfil do *Facebook* da escola, citado anteriormente) algumas produções artísticas, atividades de educação física, produção textual e escrita, interpretação, entre outros e que demonstraram o engajamento dos professores, estudantes e suas famílias.

As tecnologias favoreceram na entrega das atividades enquanto praticamos o distanciamento social. Os vídeos trouxeram notícias das crianças, amenizando a saudade e serviram como parâmetro para a avaliação, mostrando o quanto foi possível avançar no aprendizado. Não é possível dimensionar o quanto essa pandemia trouxe prejuízo a aprendizagem dos estudantes, no entanto, a escola com o auxílio das famílias apresentou êxito em muitos casos, o que podemos observar no endereço dos vídeos abaixo:

Aponte a câmera para o *QR Code* para visualizar o desenvolvimento da leitura de alguns estudantes.

3 <https://www.facebook.com/nabor.m.a/videos/1192008434484974>

4 <https://www.facebook.com/nabor.m.a/videos/1319872065031943>

5 <https://www.facebook.com/100010274866293/videos/pcb.1319882275030922/1319882178364265/>

6 <https://www.facebook.com/100010274866293/videos/pcb.1319879611697855/1319878971697919>



A estudante E do 4º ano demonstra claramente que desenvolveu com competência a habilidade de interpretar e formar conceitos de valores e virtudes. Conforme a BNCC (2017), habilidades são (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores que devem ser desenvolvidas na escola para que o estudante possa “resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA).

Destaca-se nessa experiência de educação remota que algumas professoras viajaram na aventura de promover aulas no *Google meet*, o que foi muito elogiado pelas famílias dos estudantes que participaram ativamente. Porém a falta de recursos mais modernos ou banda larga de boa qualidade privou muitos estudantes de participar das aulas síncronas causando frustração nas crianças e suas famílias.

Observou-se que em primeiro momento os professores não se sentiam seguros para utilizar essa ferramenta sendo esse o maior desafio dos supervisores da escola. Não havendo obrigatoriedade na utilização de aulas síncronas, houve apenas a adesão de quatro professores, o que equivale apenas 16% dos docentes que atuam na educação infantil, Pré II, e anos iniciais. A participação dos estudantes também foi pequena (10% a 30%) o que se deve além da insegurança dos pais, celulares com pouca memória e baixa banda de internet.

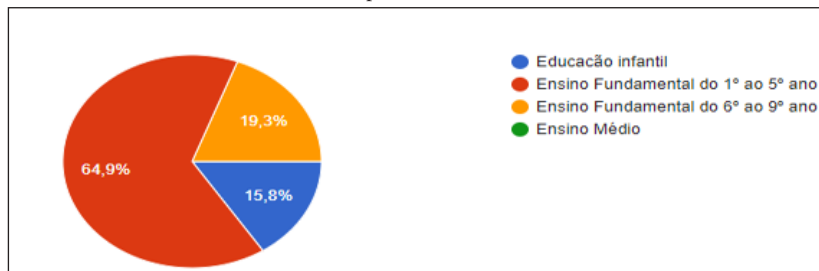
Destacamos que tanto professores como estudantes e famílias avaliaram as aulas *on-line* como positivas pois perceberam que não é uma ação difícil de ser executada e sentiram-se à vontade para participar ativamente, matar a saudade da professora e vice-versa além de também puderam rever colegas e conversar sobre as novidades e é claro de participar da aula.

7 Um olhar das famílias sobre a pandemia e a escola

Foi realizada uma pesquisa com as famílias dos estudantes do Pré II e anos iniciais do ensino fundamental, para saber como estavam se sentindo durante o ano letivo de 2020 com a pandemia. Os participantes da pesquisa somam em torno de 380 estudantes, sendo que a maioria das famílias possui de 2 a 3 filhos nessas duas etapas da educação básica.

O que chama a atenção é que as famílias não conheciam a ferramenta formulário do *Google*, pois a escola não utilizava esse meio de controle. A primeira vez que as famílias utilizaram o formulário foi através da pesquisa delineada pela Secretaria Municipal de Educação de Vacaria para investigar quantos estudantes retornariam à escola caso o ano letivo fosse retomado. A segunda pesquisa foi para o relato dessa experiência e surpreendentemente 114 sujeitos participaram da pesquisa, o que podemos definir que seguramente mais de 50% das famílias participaram ativamente. A escola iniciou a pesquisa pelo levantamento de dados referente a etapa da educação básica que os filhos se enquadravam e obteve o seguinte gráfico.

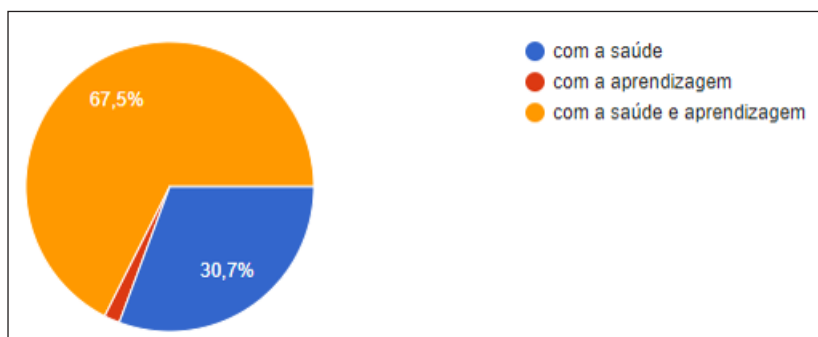
Gráfico 1: Etapa educacional dos filhos



Conforme citado anteriormente, as famílias que fazem parte da comunidade escolar aqui referenciada possuem em média dois ou mais filhos e na mesma família há estudantes das três etapas da educação básica, porém traremos apenas dos estudantes do Pré II e anos iniciais.

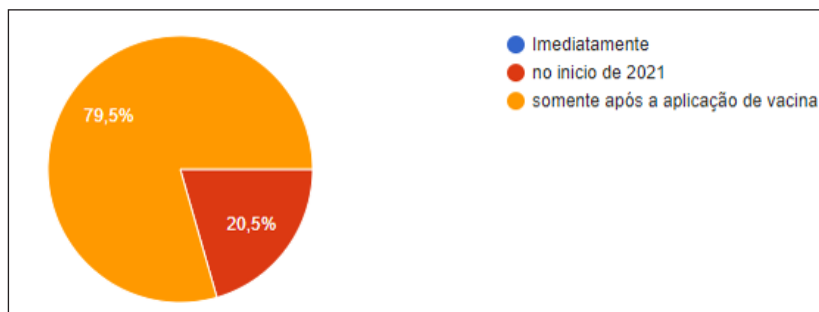
Questionou-se também qual foi a maior preocupação durante a pandemia. Apenas dois participantes responderam que se preocuparam apenas com a aprendizagem, 35 participantes se preocupam com a saúde e a grande maioria, 77 participantes se preocupam com ambas, saúde e aprendizagem. É possível observar nessa questão que ambos os segmentos devem ser preservados, e ambos (saúde e educação) são importantes para o desenvolvimento do estudante.

Gráfico 2: Preocupação dos pais e/ou responsáveis.



O retorno às aulas presenciais ainda é uma incógnita e sem uma vacinação segura as famílias realmente temem pela vida de seus filhos. Nem mesmo os responsáveis pela educação do País podem afirmar categoricamente a data da volta às aulas, uma vez que cada família tem o direito de preservar os seus. Ao questionar sobre o retorno das aulas, obteve-se o seguinte posicionamento das famílias:

Gráfico 3: Quando você é a favor do retorno as aulas?



A pandemia trouxe a humanidade, incertezas, medo, insegurança e todos esses sentimentos vieram acompanhados de desafios para as famílias que possuem filhos em idade escolar, principalmente aqueles que estão nos anos iniciais do ensino fundamental, especialmente nos três primeiros anos.

Os participantes da pesquisa definem as maiores dificuldades encontradas para auxiliar os estudantes nas atividades não presenciais. Dos 114 participantes apenas 14 manifestaram não ter tido nenhuma dificuldade, conforme relata a participante C “Todas as atividades realizadas, tiveram suporte dos professores, não encontramos nenhum contratempo ao realizá-las”, outros tantos colocaram como dificuldade conciliar o tempo para trabalhar e auxiliar os filhos nas atividades conforme relata a participante F “Foi muito complicado. Nós não paramos de trabalhar com a pandemia então acumulou mais as atividades das crianças. Ensinar, para quem não estava preparado, é muito difícil ainda mais quando são duas crianças em anos diferentes e com dificuldade diferentes”.

Outros participantes relataram que algumas atividades não haviam sido ministradas para os estudantes, outros citam a falta de paciência, pois as crianças estão agitadas e não querem realizar as atividades. Entretanto, o que mais foi apontado pelos pesquisados como dificuldade, foi não possuir o conhecimento necessários para ensinar os filhos, pois muitos estudaram apenas os primeiros anos do ensino fundamental, como aponta a participante M “Na aprendizagem e na dificuldade de ensinar... Nós fazemos o que

podemos, mas não somos o professor e nem estamos capacitados para ensinar, fazemos nossa parte para que nossos filhos aprendam algo”. Ou a fala da participante P: “O Enzo (nome fictício) diz que não é como a professora ensina, aí tem dificuldade em realizar as tarefas e eu de ensiná-lo”.

Contudo a fala da participante D expressa o quanto as famílias se esforçaram para auxiliar os filhos ao declarar que: “A dificuldade foi que em algumas matérias eu tinha pouco conhecimento mas no fim acabamos aprendendo e relembando juntos, o que deixou de ser uma dificuldade e nos tornou mais unidos”.

Quanto a postura da escola, apenas dois participantes demonstraram não estar satisfeitos durante a pandemia citando que os estudantes recebem muitas tarefas e conteúdos que ainda não tinham conhecimento, conforme detalha a participante B: “A escola se comportou de acordo com as orientações, no entanto alguns professores estão trabalhando conteúdos muito além daqueles previstos no currículo mínimo exigido, em plena época de pandemia”.

No entanto 112 participantes teceram elogios a gestão e professores descrevendo-a como uma escola preocupada com o bem estar de todos, comprometida com a aprendizagem, acolhedora, cuidadosa, positiva, eficiente, competente, prestativa, responsável e atenciosa. A participante S comenta que a escola “Procurou manter os alunos ocupados e desenvolver atividades onde as famílias pudessem auxiliar” e a participante L diz que a escola “Manteve comprometimento com a aprendizagem dos alunos e a responsabilidade dos pais mesmo à distância com excelente acolhimento tanto com as famílias quanto com os alunos”, já a participante G comenta que “No começo ficamos preocupados porque nem todos têm acesso à internet, depois a escola resolveu o problema entregando as atividades impressas na escola”.

O diálogo entre família e professores foi destacado pelos participantes da pesquisa como muito bom, com exceção a dois

participantes que apontam a ausência de alguns dos docentes. Os demais participante da pesquisa esclarecem que esse diálogo é essencial para a evolução da aprendizagem das crianças conforme dito pela mãe do estudante G “A professora é ótima, queria muito que ela tivesse podido dar aula presencial o ano todo, ela é muito esforçada, dá gosto de ver alguém que gosta de fazer o que faz (ensinar) me inspirou a dar o melhor no aprendizado para meu filho” e a participante T defende “A professora foi sempre muito atenciosa, responsável e disponível para qualquer dúvida”.

Cubero (1995, p. 253) afirma que

A escola é junto com a família, a instituição social que maiores repercussões têm para a criança. Tanto nos fins explícitos que perseguem expressos no currículo acadêmico, como em outros não planejados, a escola será determinante para o desenvolvimento cognitivo e social da criança e, portanto, para o curso posterior da vida.

A aprendizagem dos estudantes tem sido o foco principal da escola e da maioria das famílias. Dos 114 pesquisados pelo menos 21,05% dos entrevistados apontam que a aprendizagem dos filhos encontra-se limitada, fraca e ruim e que a pandemia causou grandes prejuízos conforme relata a mãe E “a aprendizagem da minha filha está mais ou menos, é que nós, pais, não temos paciência de ensinar como a professora dele”. Nessa fala foi possível perceber o quanto o professor é importante no contexto da aprendizagem dos estudantes.

Alguns pais relatam também que em casa os filhos encontram desculpas para não realizar as atividades e o “novo” compromisso de auxiliar nas tarefas acarretou acúmulo de afazeres às famílias que precisam dar conta do trabalho fora de casa, das tarefas do lar e ainda orientar os estudantes, estimulando-os a desenvolver os trabalhos com eficiência e organização.

Por isso, Sforzi (2004, p.94) destaca que

A atividade de aprendizagem na escola diferencia-se exatamente por ter no processo de aquisição do conhecimento seu motivo. [...] Os conceitos, quando são abordados nessa perspectiva, são

considerados meio de realização de ações mentais complexas, como potencializadoras do desenvolvimento humano.

Apesar de todo o transtorno causado pela pandemia, 78,95% dos pesquisados responderam que a aprendizagem dos filhos vem se desenvolvendo de forma progressiva e contínua, apontam também que a pandemia aproximou pais e filhos e que durante a realização das atividades não presenciais foram incentivados a sentar juntos, dialogar, rever conteúdos, aprender e reaprender conforme cita a participante J quando diz “Sinto muito orgulho do meu filho, ele aprendeu a escrever emendado, a ler melhor, faz muito bem as contas, está com uma letra bem bonita, estamos trabalhando para acabar com a preguiça no entanto ele evoluiu muito”.

Esse relato vem provar que quando a família acompanha o desenvolvimento escolar dos filhos o progresso é maior, pois os estudantes se sentem acolhidos em seus lares. Libâneo (1994, p.29) reforça que “o processo de ensino é uma atividade conjunta de professores e alunos, organizado sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções”, contudo com as restrições forçadas na pandemia os professores precisaram contar com a ajuda das famílias.

A escola, através do apoio pedagógico, orientou os familiares quanto a responsabilidade que cada um possuía no processo de desenvolvimento de habilidades e competências nos anos iniciais, dos objetivos de aprendizagem e de desenvolvimento com as crianças pequenas do Pré II, norteando a função de cada um no que se refere as atividades. Jamais colocando a responsabilidade de ensinar, mas orientando que a família deve ser um guia para orientar os estudantes, promovendo um espaço digno e acessível para os estudos, lendo a ordem dos exercícios, e em caso de dúvida sempre recorrer ao professor via atendimento *on-line*.

Com isso é possível apontar que houve um trabalho contínuo, colaborativo e de intensa cooperação entre famílias e professores o que implicou em um resultado eficiente na aprendizagem da maioria dos estudantes, conforme relato da participante R

Do nosso jeito tentamos juntos aprender e ensinar. Mas sem sombra de dúvidas nada se compara ao professor ensinando. Mas de uma forma geral está indo bem. Vi uma grande evolução, pois no início pude perceber grande dificuldade na escrita, leitura e na matemática, hoje posso ver que a letra dele está linda, lê muito bem e tem poucas dificuldades ainda com a matemática e a interpretação de texto, mas junto com a professora estamos trabalhando nisso.

Por fim, a escola levantou os dados a fim de verificar as necessidades das famílias para o desafio do próximo ano letivo, pois a gestão escolar precisa estar preparada para todo e qualquer evento que possa acontecer nos próximos anos. A participante B aponta “Penso que a escola tem que se adequar para o retorno as aulas, fizemos o que podíamos, mas as crianças precisam retornar o seu aprendizado com pessoas preparadas, a família é parte desse processo mas não é a única, necessita do trabalho conjunto”. E a participante L recomenda:

Sabemos o quanto é importante o aprendizado das nossas crianças, mas também a saúde deles é importante nesse momento não seria o certo voltar as aulas sabemos que hoje em dia os adultos são mais irresponsáveis do que as crianças, nessa questão de cuidados. Devemos zelar por nossas crianças, pois muitos deles não sabem o perigo dessa doença e nem tem noção do quanto é importante o cuidado redobrado, porque criança adora brincar e estar perto dos amiguinhos não seria fácil para os professores ter um controle de cuidados com todas as crianças.

As famílias participantes da pesquisa demonstraram resiliência e empatia pela escola e pelo trabalho desenvolvido no ano letivo e 98% deles mostraram-se gratos pelo trabalho conforme o exposto pela participante T “Obrigada por todo esforço que vocês tem feito para não perder o vínculo com os alunos, nenhuma mudança é fácil, mas juntos, vamos nos reinventando” ou igualmente pelo recado da participante B

Quero agradecer o esforço e apoio de todos, com esse tempo que meu filho esteve fora da sala de aula, pude perceber dificuldades que antes não via, passei a dedicar mais tempo a ele e as suas dificuldades e percebi que ele tem muita dificuldade

de concentração e crises de ansiedade quando não consegue entender ou realizar o exercício proposto, fica extremamente nervoso quando se sente pressionado e percebendo isso tive que mudar o meu modo de falar com ele procurando uma maneira mais calma possível para realizar as atividades, procurei deixar ele mais à vontade e sem fazer pressão e cobrança para fazer as atividades, e está dando certo, hoje ele consegue fazer os exercícios sozinho e com tranquilidade, sem choro e sem nervosismo, agradeço muito por esse tempo que estou passando com ele, pois com a correria do nosso dia a dia, sempre sem tempo, fazendo tudo correndo, não percebemos que nossos pequenos precisam de mais atenção do que temos dado.

O depoimento dessa participante (mãe) vem confirmar o quanto a presença da família é importante no contexto escolar para o desenvolvimento integral dos estudantes. Os adultos, por vezes, na ânsia de promover o conforto e o bem estar da família buscam através do trabalho fora de casa os recursos financeiros para tal objetivo, no entanto esquecem que os filhos precisam da presença, do toque, do afeto, do abraço e do tempo que muitas vezes passou e não há mais como recuperar.

Para encerrar, a pandemia do Coronavírus deve trazer a “Grande Lição” a de parar e refletir sobre nossos atos e suas consequências e que possamos preservar a família e o planeta e valorizar a escola, para que as futuras gerações não precisem de uma nova pandemia para compreender o significado de “estar perto”.

8 Considerações finais

A escola, na composição de seus membros como comunidade escolar (gestão, supervisão, professores, estudantes, funcionários e famílias), é uma instituição indispensável à sociedade. Por mais que a sociedade tente denegrir a imagem da escola é nela que a família busca o apoio, o acolhimento e a solução para inúmeros conflitos. Por mais que tenhamos governos que apontem que o ensino possa ser realizado no seio familiar, a escola é o espaço onde a família busca o desenvolvimento integral dos seus filhos/

estudantes. Nesse sentido, precisamos encontrar formas para que famílias e estudantes valorizem a educação como um meio eficaz de libertação, de crescimento e de evolução, assim será possível construir uma sociedade humanizada e justa.

Esse relato aponta que muitos estudantes conseguiram desenvolver o aprendizado básico e necessário para o ano letivo de 2020 e os resultados positivos foram conquistados somente por que houve a parceria com a gestão escolar, os professores, os estudantes e as famílias. As atividades escolares foram realizadas em cooperação a partir de um diálogo franco e aberto, onde as famílias sentiam confiança em buscar suporte dos professores sempre que necessário. A gestão escolar precisou também buscar alternativas que estimulassem pais e estudantes na realização das atividades. Os resultados alcançados não foram totais, no entanto, houve um número expressivo de estudantes com resultados positivos.

Resultados positivos são conquistados quando há a colaboração e cooperação de todos os envolvidos e seguramente podemos afirmar que a escola, aqui relatada, aos poucos conquistou famílias e estudantes, emocionou professores e gestores e encerrou o ano letivo de 2020 com a certeza que a pandemia não acabou e que o próximo ano letivo será de desafios e que precisamos estar atentos às necessidades da comunidade escolar. Cada um fazendo a sua parte é possível superar essa etapa difícil para toda a humanidade.

Referências

- AQUINO, Celso. **Aulas à distância em tempos de quarentena trazem desafios para professores e alunos**. Ceará, 2020.
Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/04/aulas-a-distancia-em-tempos-de-quarentena-trazem-desafios-para-professores-e-alunos>. Acesso em Nov. 2020
- BRASIL. **Parecer CNE/CP Nº: 15/2020**. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. Brasília, 2020.
Disponível em <http://portal.mec.gov.br/docman/outubro-2020->

pdf/160391-pcp015-20/file. Acesso em Nov. 2020

BRASIL. Proposta de parecer sobre reorganização dos calendários escolares e realização de atividades pedagógicas não presenciais durante o período de pandemia da Covid-19. Brasília, 2020.

Disponível em <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2020-pdf/144511-texto-referencia-reorganizacao-dos-calendarios-escolares-pandemia-da-covid-19/file>. Acesso em Nov. 2020.

CREPALDI, Elaise Mara Ferreira. **A importância da família na escola para a construção do desenvolvimento do aluno.**

UNESPAR Eixo – Políticas Públicas e Gestão da educação.

Educare. Formação de professores: Contextos, sentidos e práticas. 2017. ISSN 2176-1396, disponível em https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25972_13983.pdf . Acesso Dez. 2020.

CUBERO, R. **Relações sociais nos anos escolares:** família, escola, companheiros. In; COLL, C. Desenvolvimento psicológico e educação. V. 1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

DELLAGNELO, Lúcia. **O papel da família nas atividades de aprendizagem remota durante a pandemia.** Doutora em Educação pela Universidade Harvard, é diretora-presidente do Centro de Inovação para Educação Brasileira (CIEB). Correio. 2020, disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/o-papel-da-familia-nas-atividades-de-aprendizagem-remota-durante-a-pandemia/>. Acesso em Nov. 2020.

DELLAGNELO, Lúcia. Escolas conectadas: aprendizagem em tempos de Corona vírus. **Revista Educação**, 2020. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2020/03/17/aprendizagem-coronavirus/>. Acesso em Nov. 2020.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

SFORNI, M. S. F. **Os conceitos científicos na formação do pensamento teórico.** In: Aprendizagem conceitual e organização do ensino: contribuições da teoria da atividade. Araraquara: JM, 2004.

A CULTURA GAÚCHA NA ESCOLA: COMO ENSINAR OS ESPORTES GAUCHESCOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Letícia Zamban Martins

1 Introdução

A partir da década de 1980, os movimentos renovadores da educação física buscaram extinguir a cultura de “prática pela prática” no ambiente escolar, proporcionando um dimensionamento do conhecimento em perspectiva teórico-prática. Isso não significa como alerta Betti (1994) *apud* Bagnara; Perin (2019, p. 105) “transformar a EFE exclusivamente num discurso acerca das práticas corporais, mas preocupar-se, também, com outras dimensões do conhecimento”.

Essas mudanças de perspectivas estão sendo pautadas desde a criação dos documentos norteadores da educação a partir dos anos 1990, tais como: Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s (BRASIL, 1998), Lições do Rio Grande (RIO GRANDE DO SUL, 2009) e, mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017) e o Referencial Curricular Gaúcho - RCG (RIO GRANDE DO SUL, 2018). É importante salientar assim como nos mostra a BNCC (2017, p. 215)

É fundamental frisar que a Educação Física oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo o acesso a um vasto universo cultural. Esse universo compreende saberes corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orienta as práticas pedagógicas na escola. Experimentar e analisar as diferentes formas de expressão que não se alicerçam apenas nessa racionalidade é uma das potencialidades desse componente na

Educação Básica. Para além da vivência, a experiência efetiva das práticas corporais oportuniza aos alunos participar, de forma autônoma, em contextos de lazer e saúde.

O RCG - Linguagens (2018, p. 119) traz em uma de suas habilidades específicas “experimentar, recriar e fruir brincadeiras e jogos populares do Rio Grande do Sul, de outras regiões do Brasil e do mundo, incluindo aqueles de matriz indígena e africana, valorizando a importância do patrimônio histórico-cultural”, o que faz pensar o quão importante é o conhecimento de suas raízes culturais e a formação da população a partir dessas práticas. Por meio disso, este trabalho objetiva apresentar vivências que resgatem valores culturais, possibilitando a identificação do educando com sua origem e lugar onde vive.

O documento gaúcho não faz menção específica sobre os esportes e cultura gaúcha, porém podem ser trabalhados dentro de alguns grupos de unidades temáticas e objetos do conhecimento tais como: esportes de precisão ou esportes de invasão. Além disso, mesmo morando no Rio Grande do Sul alguns educandos desconhecem as práticas vivenciadas no campo nas *lides* diárias campeiras, bem como os esportes que surgem nestas vivências culturais. De que forma a educação pode, através do resgate da cultura, introduzir tais esportes a fim de resgatar suas origens?

2 Metodologia

Esta pesquisa é qualitativa descritiva, pois trata-se de um relato de experiência através de narrativa docente. Por meio de análise dos fatores inseridos no cotidiano que se faz a descrição dos mesmos, sem desconsiderar o olhar específico do pesquisador, conforme afirma Godoy (1995, p. 21):

Um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados

e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno.

Este texto é um relato de vivência que tem como foco analisar a experiência didático-pedagógica desenvolvida por uma professora de EF, que atua na rede pública estadual de ensino de uma cidade dos Campos de Cima da Serra/ RS. A docente é Licenciada em Educação Física pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e Pós-graduada em Supervisão e Orientação Escolar. Exerce suas funções docentes há 11 (onze) anos, nos anos iniciais e finais do ensino fundamental com carga horária de 40h semanais.

A prática pedagógica denominada *Cultura Gaúcha na Escola* é desenvolvida com as turmas de sexto a nono ano do ensino fundamental, no mês de setembro. Este mês que é marcado pela Semana Farroupilha permite compreender e vivenciar os esportes campestres que estão na cultura gaúchesca. Muitos alunos não são familiarizados devido à residência na área urbana ou não terem contato com a “vida do campo”.

As aulas são ministradas de maneira teórico-prática e evidenciam a participação dos alunos que já tem certa naturalidade com os esportes para o auxílio dos que desconhecem. Essa colaboração discente permite uma maior interação entre alunos e uma forma de partilhar conhecimento e construir relações de troca, respeito e admiração, entre outras.

As aulas ocorrem durante todo o mês de setembro, sendo que cada turma tem dois períodos de aula por semana, tendo, portanto, ao final do mês, oito períodos de aula para contato com a cultura gaúcha. Na primeira aula, busca-se apresentar aos alunos um início da história do laço comprido, como tornou-se um esporte tão difundido e praticado não só no Rio Grande do Sul, mas em todo o país. Após apresentar a parte didática, passa-se à parte teórico-prática, o manuseio do laço, como se faz uma armada, a forma de boleio do laço, posicionamento do corpo. Essa primeira etapa, para alguns alunos, estende-se por até três semanas, visto que depende de muito conhecimento corporal, desenvolvimento do raciocínio e assimilação dos movimentos.

Neste ponto das aulas há a maior interação entre os colegas que já detêm a prática com aqueles que desconheciam a mesma. Após um mínimo de interação com a armada, os alunos são encaminhados um a um para que a professora os acompanhe durante toda a sequência do seu tiro de laço, podendo assim explicar detalhadamente a cada aluno de forma individual. Esse contato individualizado permite auxiliar os que têm mais dificuldades, e, assim, possam ter mais consciência corporal, tornando a aula divertida, entusiasmada e criativa. Não há uma disputa e sim uma grande troca de vivências entre todos, visto que, as aulas são realizadas da forma mais lúdica possível, para que não ocorram constrangimentos. Vale ressaltar que para a realização das aulas é necessário ter um laço e uma vaca parada, materiais simples que não dispensam grande investimento financeiro.

Ao final do período letivo do mês de setembro, na última aula, é realizado um rodeio, com inscrição livre, realizada pelos alunos que se sentirem dispostos a participar. Para uma vivência aproximada de uma competição o evento conta até com a narração das ações, disputa e premiação, que é fornecida pela equipe diretiva da escola, que participa, incentiva e auxilia. Além do rodeio é realizado um torneio de futebol de bombacha, onde meninos e meninas participam como forma de confraternizar.

O registro deste projeto em forma de uma narrativa docente se justifica pela auto avaliação e reflexão sobre as práticas e conhecimentos que envolvem os componentes curriculares e suas relações com a cultura local. A criação das narrativas acerca dos aspectos educacionais pode ser compreendida como um “privilegiado dispositivo de construção de conhecimento sobre a organização escolar, sobre a docência em geral e sobre a construção da docência” (MOLINA; MOLINA NETO, 2010, p.168 *apud* BAGNARA; PERIN, 2019, p. 110). Outrossim, narrar o seu operar pedagógico, seus recursos metodológicos e suas decisões, remetem aos conteúdos e discursos pautados pelas suas influências e vivências como docente (MOLINA; MOLINA NETO, 2010).

3 Argumentação

Tratar a cultura gaúcha nas escolas é pensar no resgate das tradições, nos ensinamentos passados de geração em geração, daqueles pequenos detalhes que eram conhecimentos passados nas *lides* campeiras realizadas desde os primórdios no dia a dia do homem do campo.

Neste sentido, desde o ano de 2011, quando iniciei os trabalhos junto às turmas de ensino médio, verifiquei que um pequeno grupo de educandos durante a Semana Farroupilha levava para a escola uma vaca parada e ficava laçando durante os intervalos. Quando eles me pediram para que fosse feito um trabalho diferente com o tiro de laço na vaca parada, durante as aulas de Educação Física, entendi que era uma possibilidade de trazer a cultura gaúcha para as aulas. Desde então foram apresentadas estas vivências aos demais educandos que não tinham esse contato. Percebi que a introdução de nossa própria cultura era um desejo dos mesmos que demonstraram maior interesse em conhecer os esportes, os valores e os costumes desta.

Com o passar dos anos, este trabalho, realizado inicialmente apenas na Semana Farroupilha, e com aprimoramento e o interesse dos educandos, foi sendo expandido para todo o mês de setembro. Há, aproximadamente, seis anos são realizadas aulas de futebol de bombacha e aulas de tiro de laço, que possibilitam o contato daqueles que antes não o haviam tido. No decorrer das aulas deste período é realizada uma iniciação e um reforço das vivências da cultura gaúcha.

Durante o mês de setembro, em todas as aulas de Educação Física, são realizadas atividades didáticas e práticas de como se faz uma armada, como bolear um laço, a distância que se deve ter para conseguir uma armada positiva. Também é apresentada a indumentária do gaúcho, bem como os aperos do cavalo e de onde veio o esporte hoje conhecido como laço comprido, que tem sua origem nas lides de campo. E, como forma de incentivo ao final desse mês de atividades direcionadas a cultura gaúcha é realizado

um rodeio adaptado com inscrições, narrador, disputa, duplas e individual, masculino e feminino onde alunos e professores participam, interagindo e criando, além do conhecimento adquirido uma grande confraternização.

O que eu pude verificar durante todos estes anos realizando tais atividades é que estas aulas possibilitam aos educandos uma compreensão da nossa cultura, bem como melhorar seu conhecimento corporal através do manuseio do laço. Verifiquei ainda, que muito embora vivam no Rio Grande do Sul a maioria dos educandos sequer tem o contato com a própria cultura, e que no decorrer das aulas demonstram uma evolução no manuseio do laço. Embora pareça fácil, é um esporte que requer habilidade, concentração e conhecimento, além de destreza. Exemplificando, no momento da armada, o laçador deve analisar o boleio do laço de forma correta, a distância entre o laçador e a vaca e a força necessária para que o laço atinja o objetivo de laçar a vaca.

Ressalto que são 120 alunos que participam, anualmente, do desenvolvimento destas práticas. Esse trabalho que teve início em uma conversa com alunos que compartilhavam da mesma paixão que eu tenho pelas coisas do meu Estado, hoje é motivo de orgulho. Consigo levar um pouco da essência do gaúcho para cada um deles, resgatando os valores do tradicionalismo, do respeito aos mais velhos, da valorização de seus conhecimentos e ensinamentos, do respeito às pessoas do campo, do amor pelos animais, do ensinar que por mais que o cavalo esteja servindo como instrumento de trabalho, peça fundamental no laço, ele é o grande parceiro do gaúcho, tornando-se muitas vezes o seu fiel amigo.

Compreendo que a minha vivência com essas lides campeiras favorece a articulação deste projeto dentro do componente curricular que tenho licença do estado para ministrar. Participo ativamente de rodeios e provas equestres, na modalidade juvenil participei de seletiva aspirante ao Freio de Ouro Jovem, bem como provas de rédea, onde obtive a segunda colocação no Rodeio Internacional de Vacaria, que reconhecidamente é o maior Rodeio Crioulo da América do Sul.

O trabalho desenvolvido na escola foi reconhecido pela 23ª CRE, que me convidou para fazer uma demonstração da prova de rédeas durante a semana farroupilha organizada por esta coordenadoria. Durante duas manhãs demonstrei aos alunos da rede estadual de Vacaria como se realiza a mesma. Estes momentos contaram com a presença da cavalaria da Brigada Militar. Após a realização da demonstração era proporcionado aos educandos o contato com os cavalos e a oportunidade de montá-los, para muitos pela primeira vez.

Muitas interpretações poderiam ser elaboradas a partir do projeto. É uma ação que pelo tempo de vigência demonstra ter resultados positivos em termos de aprendizagem da cultura gaúcha. E, sobretudo, por ser tratado dentro de um componente curricular que faz parte de sua formação, evidenciando o diálogo entre currículo e cultura local.

4 Considerações finais

A articulação da cultura gaúcha no componente de educação física proporcionou: compartilhar conhecimento regionais com educandos, maior aproximação e ampliação do diálogo com os mesmos, mas acima de tudo possibilitou resgatar um pouco da essência de cada um deles através dos nossos costumes, dos valores passados de geração em geração. Essa ligação entre gerações por meio da cultura é a minha maior gratificação, pois quando de um lado o jovem ensina o mais velho a utilizar a tecnologia, eu me permito mostrar-lhes que os mais velhos, sejam professores, seus pais, avós também têm conhecimentos relevantes a serem transmitidos, estreitando assim os nossos laços de convivência e respeito aos saberes do outro.

Reitero o prazer da troca de conhecimento durante as aulas, pois o professor de forma alguma deve ser o detentor absoluto de determinados saberes, mas um mediador da aprendizagem. Assim, revela-se que sua tarefa é, por meio do conhecimento, promover vivências das mais diferentes culturas, povos e etnias e a renovação do

mundo pelas novas gerações. Isso é possível através da compreensão da cultura que faz parte do cotidiano em que reside.

Concluo que as ações pedagógicas que possibilitam aos educandos conhecer sua história e sua cultura é proporcionar o resgate da essência de um povo. Por fim, pensar a evolução das relações entre os seres humanos e o prazer em saber e compreender a origem de algo que hoje é tão corriqueiro, criado tão próximo de nós, que vem sendo praticado há tantos anos e hoje difundido por todo o nosso país.

Referências

BAGNARA, I. C; PERIN, L. L. O ensino dos jogos eletrônicos na educação física escolar: análise de uma experiência didático-pedagógica. In: MORAIS, C; BAGNARA, I. C; PAIM, V. C. **Docência na educação básica: o protagonismo dos professores**. Cruz Alta: Ilustração, 2020. p. 105-124.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 20 Nov. 2020.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997. Disponível em: portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf. Acesso em: 22 Nov. 2020.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais**. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v.35, n.3, p.20-29 - Mai./Jun. 1995.

MOLINA, R. M. K.; MOLINA NETO, V. Pesquisar com narrativas docentes. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Org.) **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 165-176.

RIO GRANDE DO SUL. **Referencial Curricular: Lições do Rio Grande - Linguagens Códigos e suas Tecnologias, Arte e**

Educação Física. Porto Alegre. Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico, 2009, v.2.

RIO GRANDE DO SUL. **Referencial Curricular Gaúcho:** Linguagens. Porto Alegre. Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico, 2018, v.1.

PROJETO OLIMPÍADAS E PARAOLIMPÍADAS: CONHECENDO O MUNDO E A HISTÓRIA ATRAVÉS DO ESPORTE

Juliano Gonçalves Fernandes

1 Introdução

O ano de 2016 marcou a história do nosso país no mundo esportivo. Era a primeira vez em que um país da América do Sul sediava os Jogos Olímpicos de verão, bem como, os Jogos Paraolímpicos. Diante da realização deste evento, tornou-se oportuno explorar o tema referente aos jogos, com a finalidade de investigar desde sua influência histórica no mundo, até o conhecimento produzido em torno dos esportes.

Nesse contexto, a prática docente aconteceu inicialmente na mediação de conhecimento teórico-prático aos alunos, buscando oportunizar vivências e aproximações aos esportes olímpicos, não habituais do cotidiano. Assim, a educação física escolar, bem como os documentos que a norteiam, indicam que estamos muito além das práticas corporais somos construtores de conhecimentos. A BNCC (2017, p. 215) nos fala que

É fundamental frisar que a Educação Física oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo o acesso a um vasto universo cultural. Esse universo compreende saberes corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orienta as práticas pedagógicas na escola. Experimentar e analisar as diferentes formas de expressão que não se alicerçam apenas nessa racionalidade é uma das potencialidades desse componente na Educação Básica. Para além da vivência, a experiência efetiva das práticas corporais oportuniza aos alunos participar, de

forma autônoma, em contextos de lazer e saúde.

Desta forma, descreve-se a execução de um projeto realizado no ano 2016, por ocasião dos eventos olímpicos e paraolímpicos, justificando-se a proposta pela relevância e atualidade do assunto naquele momento em que os veículos midiáticos voltavam sua atenção para o Brasil, além da importante contribuição ao conhecimento dos alunos, já que contextualiza temas inerentes à sociedade em que vivemos.

2 Organização e acontecimento das aulas

Com o intuito de agregar diversos esportes em um único projeto de trabalho escolar, foi pensado em incluir nos planos de aula, o atletismo, lutas, os esportes de invasão e também os esportes de rede. Assim, iniciaram-se os estudos teóricos e práticos envolvendo atletismo (corridas rápidas, arremesso de peso, lançamento de disco e revezamento), lutas (esgrima), *Rugby* (através do *Tag Rugby*), além dos esportes paraolímpicos, tais como, voleibol sentado e *goal ball*.

Todos estes esportes apresentavam as características de competição, onde eram formadas equipes mistas dentro de cada turma, representando os países participantes dos jogos olímpicos e paraolímpicos. Participavam desse projeto cerca de 300 alunos, das turmas de 6º a 9º anos ensino dos anos finais do Ensino Fundamental, de uma escola pública municipal de Vacaria/RS, no ano 2016.

No início do trimestre foi apresentado o projeto aos alunos, sendo dividido em três etapas: formação dos Países (equipes), conhecimento teórico através de vídeos sobre as Olimpíadas e Paraolimpíadas e Competição Olímpica e Paraolímpica.

Na primeira etapa, cada turma foi dividida em cinco equipes, todas mistas, onde a escolha dos integrantes era feita pelos próprios alunos. Após, cada equipe deveria escolher um país para representar durante os jogos olímpicos e paraolímpicos internos da turma. Eles também deveriam confeccionar uma bandeira em

folha A4 deste país, bem como elaborar uma ficha com os seguintes dados: origem do nome, capital, língua, moeda, esportes mais praticados e destaques nas olimpíadas. Para a entrega de ambos os trabalhos, cada país/equipe confeccionava um cartaz com a ficha e a bandeira para expor na escola.

Na segunda etapa, os alunos assistiram diversos vídeos extraídos da internet, sobre os jogos olímpicos e paraolímpicos. Estes materiais contavam desde a história das Olimpíadas antigas, o surgimento das Olimpíadas modernas, o surgimento das Paraolimpíadas, as modalidades da Olimpíada em Londres (anterior a do Brasil), além de gravações internacionais apontando críticas à Olimpíada em 2016. Complementado o estudo, os discentes realizavam um debate sobre o que haviam assistido, principalmente dos esportes que ainda não conheciam, relatando seu conhecimento prévio, as dúvidas e também a sua expectativa quanto a realização da Olimpíada no Brasil.

Na terceira e última etapa, foi realizada uma competição Olímpica e Paraolímpica interna na referida escola, com o envolvimento da comunidade escolar. A cada semana, as turmas através dos países/equipes, participavam da competição de algum dos esportes selecionados anteriormente. A primeira modalidade foi o atletismo, com algumas provas mais fáceis de serem adaptadas à realidade da escola, contemplando corridas rápidas, arremesso de peso, lançamento de disco e revezamento, todas divididas nos naipes masculino e feminino, com exceção do revezamento, que foi misto.

A segunda modalidade foi a luta, através da esgrima e também de mais duas atividades relacionadas às lutas, porém de forma mais lúdica e recreativa, tais como, luta com prendedores, onde os representantes de cada país deveriam retirar os prendedores dos adversários, e a equipe que conseguisse ficar com o prendedor por último seria o vencedor, além da utilização do símbolo de vários esportes olímpicos de luta; a briga de galo, onde os alunos, de cócoras, deveriam estar um de frente para o outro e então tentar tirar o adversário do lugar para vencer.

Em cada modalidade, o país indicava o seu representante para a prova (masculino e feminino). Na terceira modalidade, caracterizada pelos esportes de invasão, o *Rugby*, através do jogo do *tag rugby* (jogo de iniciação ao esporte, com pouco contato físico), foi o escolhido para a competição dos educandos. Todos os integrantes de cada país/equipe tiveram que participar para que pudesse ter a quantidade necessária de atletas competindo. Nesse jogo os alunos ficaram com uma fita presa a cintura (*tag*), e jogavam com regras similares ao *rugby*, em que um dos jogadores do time, em posse da bola deveria invadir a área ao final do time adversário, sem perder sua *tag*. Os passes da bola só poderiam ser feitos para o lado e para trás. O adversário poderia impedir a progressão do time que está em posse da bola retirando a *tag* da sua cintura.

A quarta modalidade esportiva, representando os esportes de rede e também o primeiro esporte das paraolimpíadas, foi escolhido o voleibol sentado. Nesse esporte, todos os integrantes dos países tiveram que participar, pelo mesmo motivo do *tag rugby*. O voleibol sentado proporcionava diversão aos alunos e não era tão diferente do convencional, exceto pela maior diferença, que é onde os jogadores deveriam estar sentados. Geralmente, o gosto dos estudantes estava relacionado à familiaridade com o esporte já conhecido, e pelo fato de estarem todos sentados, causava estranhamento e “perda de força” nos mais habilidosos, o que promovia uma equiparação de habilidades entre os jogadores.

O último esporte praticado foi o *goal ball*, onde todos os alunos deveriam participar da prática. Nele os alunos ficavam dispostos em uma goleira gigante, sentados com os olhos vendados e deveriam arremessar uma bola com guizos tentando fazer gol na equipe adversária. Para defender a sua goleira os alunos poderiam deitar e estender seus membros inferiores e superiores. Ganhava a equipe com mais gols em um tempo determinado.

Todos os materiais para as vivências das práticas dos esportes (espadas, disco, peso, bastões, bola para *goal ball* e vendas para os olhos) foram confeccionados e/ou adaptados com materiais recicláveis: jornais, cabos de vassoura, pratos descartáveis, meias,

EVA, guizos e bola furada. Esses materiais foram confeccionados pelo professor, anteriormente e durante o projeto, para uma melhor vivência dos alunos aos esportes praticados.

Ao final de cada aula prática, da terceira etapa do projeto, os alunos preenchiam um quadro de medalhas, elaborado no próprio caderno, para que assim acompanhassem os resultados da competição. Torna-se importante ressaltar que os alunos com necessidades educacionais especiais, participaram ativamente das aulas, pois houve adaptações nas práticas, conforme as suas especificidades, tornando possível que realizassem as atividades sem prejuízo.

3 Avaliação dos alunos

Os alunos foram avaliados através de sua participação efetiva no projeto, além de ser realizada uma análise diária através de anotações em seus cadernos que serviam como um diário de bordo, contendo reflexões dos educandos. Foi analisado também o que o aluno possuía como conhecimento prévio dos esportes, das Olimpíadas e Paraolimpíadas, e por meio disso o que aprendeu/construiu ao longo do projeto pelas vivências práticas, teóricas e os debates em aula.

Muito além de notas/números, registra-se a dedicação dos educandos com o processo de sua formação. O comprometimento com o grupo, com as tarefas que exigiam suporte coletivo e não apenas individual, levava ao exercício da cidadania, parâmetro para os acontecimentos da vida.

4 Conclusão

Avisão sobre o percurso do projeto foi incrível, principalmente pela dedicação dos alunos. O conhecimento da cultura e história dos países levantados em suas pesquisas foi imensurável. Embora não fosse o objetivo principal, o caráter de competição também elevou o empenho dos alunos. Os esportes paraolímpicos foram

os que mais me surpreenderam, pois, a participação e motivação deles foi total, ao ponto de ter que realizar outras aulas de *goal ball* e vôlei sentado a pedido dos alunos. A felicidade dos alunos especiais em praticar esportes próprios para eles e não adaptações, também chamou a atenção.

O projeto tinha como objetivo além de praticar esportes olímpicos e paraolímpicos, mostrar tudo que esse evento influencia na nossa sociedade, no caráter histórico e na evolução humana. Portanto, dados os relatos e descrições no decorrer deste texto, houve êxito na proposta, além do que ficará marcado na vida dos alunos que participaram.

Referência

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 08 Dez. 2020.

OLIMPISMO: UMA FILOSOFIA ESPORTIVA NA ESCOLA¹

Uilian Maciel de Almeida

1 Introdução

Os jogos olímpicos originaram-se por volta de 2500 a.C., na Grécia antiga, como homenagem a Zeus, um Deus muito poderoso segundo a mitologia grega. Diversos gregos se uniam no santuário de Olímpia, com a finalidade de realizar disputas esportivas. Nessa época eram feitos festivais assistidos por visitantes de todas as partes, e o evento era tão importante que foram fechados até mesmo acordos de cessar fogo entre cidades rivais antes do início dos jogos. As competições eram livres entre os cidadãos, sendo disputadas provas de atletismo, lutas, corridas de cavalo, boxe e pentatlo. Os vencedores eram consagrados com coroas trançadas por folhas de louro.

O fim dos jogos da antiguidade, como são chamados os primeiros tempos dos Jogos Olímpicos, deu-se por volta do ano 394 d. C., quando o grande Imperador Romano Teodósio II estabeleceu o Cristianismo na Grécia, proibindo então todas as festas pagãs, inclusive os jogos.

Por outro lado, nos “tempos modernos”, Pierre de Coubertin, importante pedagogo francês, que sonhava reviver os jogos da antiguidade, através de adaptações com o mundo da sua época, fundou uma nova proposta de jogos olímpicos, repleta de símbolos, tais como: anéis olímpicos, cerimônias de abertura e encerramento, bandeira, hino e tocha olímpica, sendo esta considerada a mais importante, pois representa a paz, amizade e a perfeição tendo em

1 Projeto desenvolvido no Instituto Estadual de Educação Irmão Getúlio, Vacaria - RS.

vista a vitória. Os primeiros jogos da era moderna foram realizados, em Atenas, Grécia, em 1896.

Ainda sobre os símbolos, os anéis olímpicos representam os cinco continentes envolvidos nos jogos e suas cores são; azul, preto, vermelho, amarelo e verde, que se encontram entrelaçados, simbolizando a universalidade do olimpismo, que nasce a partir dos ideais de Coubertin onde seu conceito/contexto atual aborda valores, como: excelência, amizade e respeito. A ideia é que a prática desses valores ultrapasse as fronteiras das arenas esportivas e influencie a vida de todos. Isto é o olimpismo, por muitos considerado estilo de vida, para outros, uma filosofia.

O olimpismo, ou “espírito olímpico”, como é conhecido popularmente constitui-se na utilização do esporte como instrumento para promoção da paz, da união e do respeito por regras entre adversários. Ele inspira, incentiva e conduz o indivíduo a desenvolver uma série de valores, conduta e disciplina, onde o amor pelo esporte faz um verdadeiro vencedor. Parry (2016) reforça esta ideia nos dizendo que:

O olimpismo, dessa maneira, é uma filosofia social que enfatiza o papel do esporte no desenvolvimento mundial, na compreensão internacional, na coexistência pacífica e na educação social e moral. De Coubertin compreendeu, no final do século XIX, que o esporte estava prestes a se tornar um importante fator de crescimento na cultura popular - e que, como atividade física, tinha o potencial de ser universalizável, proporcionando um meio de contato e comunicação entre culturas.

Seguindo essa linha de raciocínio, é possível entender a importância do olimpismo e seus valores, que acima do esporte atingem o ser humano através da desportividade, estimulando e desenvolvendo a humanidade dos atletas. Além disso, o esporte enquanto fenômeno histórico e sociocultural sempre trouxe diversos ensinamentos ao longo da história e atualmente os Jogos Olímpicos e Paralímpicos são megaeventos esportivos, que têm um caráter extremamente educativo, nos fazendo refletir e aprender

nos mais variados campos do desenvolvimento humano, tais como físico, social e psicológico.

O esporte pode ser compreendido de forma mais ampla não envolvendo somente o condicionamento físico, assim como diz o texto que aborda o mesmo tema, de acordo com Pombo (1995):

[...] os valores são consequência das possibilidades de liberdade humana, que são uma questão de existência e, por sua vez, uma questão do âmbito da educação. Por intermédio da educação é possível despertar nos alunos os valores mais íntimos. Sendo assim, a escola centrada na pessoa tem de procurar proporcionar experiências humanas no seio de uma verdadeira comunidade, através de um ambiente estimulante onde os valores não são tanto pensados, quanto constantemente vividos [...].

Assim, a prática esportiva é de suma importância, porém no Brasil temos uma característica cultural, onde muitas crianças acabam experimentando apenas o futebol, na sua infância e adolescência. Considero importante fazermos uma transposição sobre esta barreira cultural imposta pelo futebol, fato que se deve a ser o esporte com maior veiculação nas grandes mídias, principalmente TV aberta e estimularmos nossos jovens a conhecerem, experimentarem e até mesmo em alguns casos seguir carreira, no que convencionamos, aqui no Brasil, chamar de esportes olímpicos.

Quando falamos em competições entre alunos, referimo-nos de um tipo de atividade que normalmente traz novas vivências e experiências para os alunos em diversos esportes, sejam eles coletivos, ou individuais. Em competições como os JERGS (Jogos Escolares do Rio Grande do Sul), percebemos que muitos alunos que não tinham tanto vínculo ou apreço por determinada modalidade, ao participarem de uma competição acabavam percebendo as características presentes nos esportes, que não são explícitas na sala de aula.

Este tipo de atividade geralmente traz inúmeros benefícios para a formação integral do educando, tendo em vista que estão presentes os aspectos físicos, os aspectos socioemocionais e cognitivos, que são inerentes às práticas esportivas e quando aliados

com um tema como o Olimpismo nos mostram um caminho para a exploração de aspectos filosóficos e culturais dentro do ambiente esportivo, agregando ainda mais ao processo de formação plena dos alunos.

Em se tratando de esporte, o Instituto Estadual de Educação Irmão Getúlio, se destaca pela tradição nas participações de seus alunos em competições municipais, regionais, estaduais e até mesmo nacionais. A referida instituição de ensino considera que o esporte é uma importante ferramenta de desenvolvimento socioeducacional e, por isso, dispõe de um espaço privilegiado para as práticas esportivas, algo que nem todas as escolas têm. Esse espaço conta com uma infraestrutura composta por um ginásio, uma quadra poliesportiva, uma pista de atletismo, um campo de futebol sete e um salão de eventos.

Com base no conhecimento sobre o Olimpismo, amplamente explorado no período em que aconteciam as Olimpíadas no Brasil, no Rio de Janeiro, em 2016, a partir da ampla gama de materiais disponibilizados para atualização dos professores de Educação Física em todo o país, além da oportunidade de participar *“in loco”* nos Jogos Olímpicos, vislumbramos a possibilidade de desenvolver uma Olimpíada Interséries, incluindo vários esportes, alguns olímpicos e outros não. Assim, contando com o auxílio dos alunos na criação e execução do projeto que tinha como objetivo geral, organizar um evento esportivo escolar interno, inspirado nas olimpíadas, com atividades ligadas à gestão, publicidade, propaganda, socialização e gestão financeira.

O projeto foi elaborado e desenvolvido com os seguintes objetivos específicos: - pesquisar sobre os mais variados aspectos, tais como as questões históricas das olimpíadas, dos esportes e da nossa própria escola; - planejar de forma sistêmica os gastos para a competição, prevendo parcerias de patrocínios e apoios para o evento; - identificar as preferências esportivas dos alunos do Ensino Médio do Irmão Getúlio, permitindo-nos criar um programa olímpico específico para nossa competição; - divulgar o evento por meio de variados meios de comunicação digital e

cartazes, banners e folders; - desenvolver múltiplas atividades que permitam o conhecimento interdisciplinar, estimulando os alunos a relacionarem teoria e prática; - realizar atividades culturais e artísticas nos eventos de abertura e encerramento, despertando aspectos de convivência sociocultural da instituição; - promover atividades esportivas competitivas, estimulando a troca de experiências e a socialização em variados esportes; oportunizar o aparecimento de talentos esportivos, culturais e profissionais, aproximando a realidade da comunidade escolar com a sociedade.

2 Metodologia

A organização das Olimpíadas Interséries teve início no ano de 2016. Na época, as turmas 320 e 323, ambas de segundo ano do Ensino Médio, do Instituto Estadual de Educação Irmão Getúlio, Vacaria-RS, disciplina de Seminário Integrador, na qual eu fui professor responsável, foram divididas em 05 grandes grupos, que cuidaram de setores específicos indispensáveis para a realização deste tipo de evento, sendo denominado pelos próprios alunos de “IG Olímpico”. Os grupos em questão foram os seguintes: grupo técnico, administrativo, promocional, artístico e experimental.

A equipe que cuidava dos aspectos técnicos do evento organizou o regulamento geral e o carnê de jogos dos esportes que fizeram parte do programa olímpico do evento, para as seguintes modalidades: Futsal, Futebol 7, Rúgbi 7, Basquete, Handebol, Atletismo, Vôlei, Vôlei de duplas, Tênis, Tênis de mesa, Badminton, Taco, Beisebol, Xadrez e Ciclismo. Além disso, tiveram como incumbência organizar quadras, campos e outros locais de competição e, por fim, também convocaram reuniões para divulgar e discutir com as turmas e professores da escola, assuntos referentes à competição.

O grupo responsável pela administração orçou os valores para todos os itens do evento, listados da seguinte forma: material usado para a tocha Olímpica, medalhas, divulgação. Ainda, o grupo colaborador fez a captação de recursos externos. Para isso, fez visitas

aos setores públicos e privados da cidade como: lojas, prestadoras de serviços, Secretaria Municipais de Esporte, Lazer e Saúde.

O grupo criou a logomarca (disponível nos anexos) e o slogan oficiais do evento. Para divulgar e registrar foi criado, também, uma página no Facebook, ativa até os dias atuais, para comunicação e compartilhamento de fotos referentes à olimpíada escolar. Os cartazes de divulgação foram colocados nos murais da escola e o banner principal foi exposto na cerimônia de abertura. A rádio da escola, Ancorados, foi um meio de divulgação da organização e andamento da olimpíada.

O grupo responsável pela parte artística ficou encarregado pela cerimônia de abertura do IG Olímpico. A cerimônia foi organizada com a entrada de todas as turmas, cada uma representando um país de sua escolha. Na sequência, com hino nacional fez-se o acendimento da tocha olímpica. Após, o juramento e breves apresentações artísticas e esportivas, encerrando-se com o Hino Riograndense.

O grupo experimental trabalhou para construir uma tocha Olímpica que não apagassem em uma situação climática não favorável. Por isso, foi criado um projeto de uma tocha com um reservatório de combustível, garantindo a chama sempre acesa. Tudo isso com a ajuda de especialistas, professores, programas e tutoriais. A tocha foi feita de aço e se baseou na original e acendida nas cerimônias de aberturas do IG Olímpico.

Destacamos que em todos os anos a Olimpíada Intersséries do Irmão Getúlio homenageia uma pessoa como patrono do evento. São personalidades do esporte na cidade de Vacaria, da região, do estado e até mesmo do Brasil. Na primeira edição do IG Olímpico, 2016, o Patrono da competição foi o ex-jogador de Vôlei da Seleção Brasileira Roberto Minuzzi, que veio à Vacaria especialmente para receber a homenagem (foto anexa). Nos anos subsequentes, foram homenageadas pessoas da comunidade de Vacaria e até mesmo alunos que se destacaram em competições escolares, elevando o nome da escola.

O evento acontece geralmente nos meses de novembro e/ou dezembro, em feriados ou fins de semana, com exceção de 2020, devido à pandemia do novo coronavírus. O programa tem esportes variados ao longo das edições, contemplando práticas já abordadas nas aulas de Educação Física. Mesmo sendo realizado em dias não letivos, tem um poder de mobilização de boa parte dos alunos do Ensino Médio da escola. Desde 2019, o evento permite a participação de alunos dos últimos anos do Ensino Fundamental, desde que agregados às turmas do Ensino Médio.

3 Considerações finais

O IG Olímpico é uma atividade que nasceu primeiramente da ideia de trabalhar os ideais olímpicos no ambiente escolar por meio de uma competição que integra os alunos do Ensino Médio diurno e noturno, em uma prática competitiva completamente diversificada. Percebemos que muitos alunos acabam escolhendo o Instituto Irmão Getúlio também pela sua educação esportiva, que traz possibilidades diversas aos alunos, principalmente no que tange à prática de inúmeros esportes, alguns ainda pouco difundidos na nossa cidade, tais como: Badminton, Tênis e Beisebol. Em alguns casos, muitos alunos acabam buscando fora da escola o aprimoramento nestes esportes. Assim, eles tornam estas modalidades uma atividade física para lazer e até mesmo, em alguns casos, para um melhor rendimento.

As Olimpíadas da escola possuem aspecto agregador das turmas, afinal algumas atividades são concomitantes. Isso proporciona maior participação nas atividades, gerando união, amizade e companheirismo, principalmente nas turmas com maior capacidade de organização e mobilização interna.

Enfim, esta prática anual da escola é algo que contribui de diversas formas com a comunidade escolar e, geralmente, é uma atividade prazerosa para os participantes, que acabam se envolvendo e desenvolvendo habilidades físicas, cognitivas, sociais e culturais, que acabam levando para as suas vidas. Por fim, destacamos que

muitos ex-alunos da escola que participaram do evento como atletas geralmente retornam como voluntários no ano seguinte, sobretudo para ajudar na organização. Este fato nos leva a pensar que realmente estamos em um caminho interessante para uma educação integral, que transcenda os bancos escolares e realmente crie laços afetivos entre alunos, professores e escola.

Referências

PARRY, J. Olimpismo para o Século XXI. *Ciência e Cultura*, v. 68, n. 2. São Paulo. Abril- Junho, 2016.

POMBO, M.F.T. **Fenomenologia e educação:** A sedução da experiência estética. Dissertação de Doutorado, Universidade de Aveiro, Portugal, 1995.

METODOLOGIAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA: AULAS PRÁTICAS COM MATERIAIS ALTERNATIVOS

Luciana Aparecida Zelazowski

1 Introdução

Desde pequenos, nós seres humanos possuímos em nossa personalidade a capacidade de nos imaginarmos desvendando todos os mistérios que nos cercam a respeito do universo e dos seres vivos, e quando chegamos a escola, criamos uma expectativa grandiosa na disciplina de Ciências da natureza, é ela que nos dará o suporte necessário para descobrirmos os caminhos que nos levarão a compreensão sobre a natureza. Como docente na área de ciências, tenho presenciado ao decorrer dos anos o interesse dos alunos pela disciplina, isso me faz querer estar sempre atualizada nas novas metodologias de ensino estando apta a proporcionar aos estudantes aulas inspiradoras e criativas, aumentando o interesse pela investigação científica. O presente artigo traz relatos de práticas trabalhadas na escola com materiais alternativos, favorecendo a construção do pensamento reflexivo do estudante.

Compreendemos que o ensino de ciências está interligado com a investigação, observação, troca e compreensão de tudo que nos cerca como docentes. Devemos intercalar as aulas teóricas com as práticas de modo dialogado, onde cada um possa expor seu ponto de vista sobre o assunto abordado, não detendo a fala somente ao professor.

Hoje, ainda observamos que há muita resistência em mudar as metodologias de ensino, mantendo as antigas aulas tradicionais onde o professor detém o conhecimento e o aluno torna-se um

receptor, sem o poder de dialogar. Isso já não pode mais ser aceito pois é através dos questionamentos em sala de aula que os estudantes expõem suas opiniões e dúvidas.

Portanto, com o avanço das tecnologias em prol da educação, não podemos mais estar voltados somente ao velho quadro negro e o giz, mas sim, intercalar aulas dialogadas, expositivas e investigativas. Respeitar o conhecimento do aluno é fundamental para que haja o processo de aprendizagem de forma sólida.

Para Paulo Freire (2011, p. 28)

[...] ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes.

A citação acima reforça o pensamento de que a educação atual precisa estar voltada na troca de conhecimento, na criatividade e na incansável atualização pedagógica. Portanto, quando nos deparamos com um ambiente sem recursos, não podemos fazer o mínimo, mas sim o máximo possível para que consigamos atingir positivamente os estudantes.

Ensinar, no componente curricular de ciências da natureza, não é transmitir conhecimento, é proporcionar questionamentos, instigar a investigação e a aquisição do conhecimento. Segundo Freire (2011, p. 28) “percebe-se assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também, ensinar a pensar certo”. Desta forma, a aquisição do conhecimento será sólida e contínua. O estudante deve ser inserido neste ambiente de questionamentos, levar o pensar, investigar, tirar suas conclusões a respeito daquilo que lhe chama atenção. Freire (2011, p. 47) ainda nos diz que “saber que ensinar não é transferir o conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua construção”.

Para Freinet, a aprendizagem se dá através da prática, do trabalho em si, é praticando que se aprende. Sendo o idealizador da pedagogia do bom senso, baseada nos interesses e vivências dos estudantes, suas culturas, atitudes e valores, Freinet acreditava que a contribuição da educação deveria ir além da alfabetização e pautar-se no conhecimento e desenvolvimento de suas potencialidades e personalidades através da relação dialética teoria e prática. Para ele, se faz importante desenvolver nos estudantes a sede pelo conhecimento. Estes devem sentir interesse pela descoberta do novo e o professor deve possuir papel central na conscientização dos estudantes.

Portanto, ser docente na área de ciências da natureza é tornar-se instigador do pensar científico.

2 Experiências em sala de aula com materiais alternativos

Compartilhamos neste momento, as aulas que deram e continuam dando certo ao longo do percurso docente. Aliando a teoria com a prática, obtivemos um excelente resultado, mesmo não possuindo os recursos físicos e materiais próprios para o ensino de Ciências. Assim, nas aulas que necessitamos realizar experimentos para a compreensão dos temas, utilizamos materiais recicláveis, tais como, vidros de conservas, potes, garrafas *pet*, entre outros materiais. Com isso, os estudantes aprenderam que nem tudo é resíduo que deve ser excluído e desta forma compreenderam na prática, a necessidade de cuidar e zelar por um ambiente sustentável e organizado, já que proteger o meio ambiente requer ações de conscientização contínua e é na escola que os estudantes aprendem e repassam esse conhecimento à sociedade, gerando um impacto positivo e duradouro.

3 Materiais e métodos

Por meio do presente trabalho, oferecemos algumas sugestões de materiais alternativos, que possibilitam com

segurança, a efetivação das experiências. Para ilustrar, em aula onde foi abordado o tema “misturas” utilizamos para nossa prática uma bancada improvisada e os recipientes supracitados, por não possuir laboratório em nossa escola: vidros pequenos de conserva, palitos de churrasco, areia, sal, óleo, corante alimentício, água, pó de café e açúcar.

Tal experimento aguçou o interesse dos estudantes nas aulas de ciências, sendo que realizaram as misturas, conforme orientação docente, e concluíram os resultados com base nos questionamentos acerca do tema. O tema de estudo abarcava os tópicos misturas homogêneas e heterogêneas. Com base nos resultados, os estudantes escreveram relatórios e ilustraram conforme observação do experimento.

Em outro momento, a partir do tema “propriedades do ar” utilizamos em sala, os seguintes materiais: dois potes de sorvete (vazio), um balão de aniversário, água quente, manuseada pela professora e água gelada. Com esse experimento, os estudantes observaram que a variação de temperatura altera o volume do ar dentro da garrafa. Dessa maneira, o balão enchia e esvaziava conforme mudávamos a garrafa de vasilha.

Já, na aula sobre “erosão do solo” foi confeccionado um simulador de erosão, e para realizar esse experimento foram utilizados: três garrafas pet de 2litros, três caixas de sapatos, solo, folhas secas de árvores, mudas de vegetação, três potes e água. O objetivo deste simulador foi observar como ocorre a erosão do solo, suas consequências e como prevenir esse processo.

Além destes exemplos, para o tema de aula “estudando os vulcões”, utilizamos: argila, caixa de sapato, frasco de xarope ou uma pequena garrafa pet, corante alimentício (vermelho ou laranja), pedregulhos e cinza (resíduo de fogão a lenha). Para esta proposta o objetivo da prática foi possibilitar aos estudantes a classificação de cada estrutura que formam um vulcão, relacionando com o conhecimento adquirido nas aulas sobre as movimentações das placas tectônicas.

Por tudo isso, entendemos que são inúmeras as possibilidades de intervenções pedagógicas que podemos realizar com a certeza que será sucesso dentro das diversas habilidades de ensino.

Outrossim, tenho referenciado nossas aulas a partir dos estudos do pedagogo Freinet, o qual propõe saídas de campo e aulas passeio. Vivenciamos que estas dinâmicas podem ser exploradas dentro da própria escola, no pátio e nos arredores da instituição. Especificamente nas aulas de Ciências, podemos explorar os tipos de vegetação, os insetos, o solo, entre elementos, sendo fundamental para que o estudante tenha contato com a natureza, e complementando os assuntos abordados em sala. Além de proporcionar experiências acerca da consciência ambiental e aprimorar as relações interpessoais, estimulando a criatividade e a curiosidade, assim como construir uma conduta de respeito e compromisso, estamos contribuindo para constituir um ser humano ativo na sociedade, com valores éticos que são essenciais para os dias de hoje.

Exposto isso, entendemos que quando decidimos ser professores, optamos por uma vida de estudos, dedicação, entrega, amor, respeito e trabalho de qualidade. Somos instrumentos de mudanças, crescimento e superação.

4 Conclusão

Dentro das propostas apresentadas e desenvolvidas, concluímos que os objetivos foram alcançados. Claro que podemos fazer cada dia mais, por melhorias no ensino. A utilização de materiais alternativos nas aulas, proporciona possibilidades de criatividade, ação, socialização e igualdade, assim como as saídas de campo são importantes para a motivação e aprendizagem dos estudantes, proporcionando o desenvolvimento do pensamento crítico e do pensar científico.

Notamos que os estudantes se doam mais, com essas estratégias de ensino, participam com entusiasmo em busca

de resultados para suas indagações, sendo considerado muito importante para que a construção do conhecimento seja efetivada em cada um. Entretanto, subjaz a compreensão de que não precisamos de espaços especiais, materiais específicos para elaborarmos aulas que introduzam os estudantes no mundo do conhecimento com ampla participação, já que um bom planejamento, com criatividade e dedicação, possibilita a efetivação de uma educação de qualidade.

Referências

FREINET, C. **Ensaaios de Psicologia sensível**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LÜCK, H. **Pedagogia interdisciplinar**: fundamentos teóricos metodológicos. Petrópolis: Vozes, 1994.

SUPERMERCADO DO APRENDIZ: O ENSINO ALÉM DA MATEMÁTICA

Márcia de Aguiar Constante

1 Considerações iniciais

Ao nos dispormos, como professores, a ensinar devemos prezar pela iniciativa do protagonismo dos educandos, fazer com que eles sejam os produtores do seu conhecimento vivenciando as práticas educativas de maneira a ser parte integral do processo. O Supermercado do Aprendiz foi planejado dessa forma. Com o objetivo de proporcionar aos envolvidos o conhecimento sobre a tributação fiscal de produtos e como isso impacta os cofres públicos, possibilitando aos educandos compreender a importância da educação fiscal e como isso interfere no cotidiano das pessoas.

Dessa maneira é necessário salientar que além do ensino científico é importante para os alunos conhecerem seus direitos e deveres como cidadão. Como a ética e o respeito com os demais precisam estar vinculados além do conhecimento prático, justificando o projeto.

2 Procedimentos metodológicos

Esse projeto foi aplicado no ano de 2018, em uma turma de terceiro ano do ensino fundamental com vinte e dois alunos, de uma escola municipal de Vacaria/RS, localizada em um bairro de periferia. Nesta turma haviam alunos repetentes e alunos com idade/ano escolar correta em processo de alfabetização, alguns com bastante dificuldade de aprendizagem. O tempo de duração do projeto foi de 15 dias entre todas as etapas que serão descritas logo abaixo.

Além do objetivo principal, esse projeto contou com outros objetivos mais específicos, sendo eles:

- Descobrir rimas para criar versos e estrofes;
- Entender a importância do desconto na compra de qualquer produto (imposto);
- Identificar onde o dinheiro dos impostos deve ser aplicado;
- Conscientizar-se de que pedir a nota fiscal é um direito do consumidor;
- Compreender o que é sonegação fiscal;
- Separar e classificar objetos;
- Identificar validade de produtos;
- Compreender a lei que proíbe o uso de bebidas alcoólicas e cigarro para menores de idade;
- Certificar-se do risco em usar remédios sem receita médica;
- Associar alimentos e suas origens;
- Distinguir alimentos produzidos conforme o clima;
- Realizar cálculos com operações simples;
- Preencher nota fiscal;
- Classificar dinheiro e fazer troco;
- Comportar-se em praça de alimentação;
- Desenvolver a leitura e dicção;
- Cantar, dançar e gesticular;
- Identificar gírias.

Inicialmente começamos o trabalho com as rimas. Em duplas as crianças criaram frases que depois foram espalhadas pela escola. Essas foram as rimas criadas pelos alunos:

“Você vai ter uma surpresa
Com o supermercado do aprendiz
Com certeza!”

“Venha ser feliz
No mercado do aprendiz.”

“Não compre em outro lugar
Logo o mercado do aprendiz
Vai inaugurar!”

“Leve sua família no Super Aprendiz
E seja feliz!”

“Compre mais barato
E ainda leve um retrato!”

“O supermercado do Aprendiz aceita cartão
E você fará um amigão!”

“O supermercado do Aprendiz vai ser massa
Verdade mesmo
Sem trapaça!”

“No mercado do Aprendiz
Seu dinheiro vai sobrar
E você vai poder assear.”

“O supermercado do Aprendiz
Dispõe de uma farmácia
Compre lá seu remédio
E evite o tédio.”

“Depois de suas compras
Sem confusão
Dirija-se à praça
De alimentação!”

Todos os dias, os alunos espalhavam os versinhos pelo corredor da escola, fazendo a propaganda do Supermercado. Além de que eles também deveriam trazer embalagens vazias de alimentos, material de limpeza, medicamentos e bebidas para serem expostas como mercadoria.

Durante esse período, também estudamos que a história relata que foi na Idade Média que se deu início à cobrança de impostos. Mais tarde, com o advento da democracia e a

distribuição de serviços públicos nas cidades de Atenas e Roma, os impostos se tornaram organizados e formais, o que podemos dizer que foi o início da administração tributária. Ainda assistimos um vídeo sobre os impostos e onde são usados os valores arrecadados e construímos um texto coletivo.

Em uma outra aula vimos a importância da nota fiscal, através de um vídeo onde mostrava como é importante exigirmos esse documento quando fazemos qualquer compra. Analisamos notas fiscais e percebemos o valor que está descontado e que vai diretamente para o município. Mas então, para que serve esse dinheiro? Foi então que entendemos que é com o dinheiro dos impostos que as ruas são calçadas, os postos de saúde conseguem atender as pessoas, as escolas são reformadas e mantidas e que quando não pedimos a nota fiscal esse dinheiro não cai nos cofres do município e isso chama-se sonegação fiscal, o que é um crime.

Para a montagem do Supermercado do Aprendiz, solicitamos uma sala desocupada e conforme chegavam as embalagens íamos classificando e montando o mercado. Na sala de aula, em duplas, colocávamos os preços dos produtos nas embalagens e exercíamos a função de comprador e caixa, um aluno era o comprador e o outro fazia o troco, bem como preenchia a nota fiscal da compra.

Quando chegamos nas embalagens de bebidas alcoólicas e cigarros, estudamos a Lei 8.069/90 que proíbe a venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos, e a Lei MURAD 9.294/96 que proíbe a venda de cigarros a menores. Além desses itens polêmicos, também estudamos sobre o perigo da automedicação e o que isso pode afetar na saúde das pessoas.

Aproveitando ainda as embalagens de alimentos, estudamos a origem dos mesmos, bem como quais poderiam ser produzidos, ou não, em nossa região devido ao clima frio e como cada tipo de alimento precisa de um clima específico para ser cultivado.

Nosso mercado foi tomando forma, e então dividimos a sala de aula por alas: alimentos, materiais de higiene, materiais de limpeza e farmácia. A inauguração já estava próxima e os alunos

envolvidos no projeto apresentariam os objetivos para um grupo composto por convidados na escola. Então além dos afazeres diários, ensaiávamos para o show de inauguração a música Super Água, que fala sobre o meio ambiente e eu “Quero apenas” do Roberto Carlos que fala sobre as coisas boas da vida. Produzimos os convites para a Direção, Supervisão, CPM e Conselho Escolar. Para a inauguração, colocamos as mesas de duas em duas com 4 cadeiras para que as crianças sentassem após o corte da fita. A diretora da escola foi a escolhida para fazer o corte da fita de inauguração e a supervisora do turno da tarde foi a primeira cliente, os demais convidados também fizeram suas compras. A escolha dos alunos que seriam os caixas do supermercado, foi através de sorteio.

Os alunos fizeram a apresentação musical e após os convidados serviram-se no bufê de salgadinhos e suco. A diretora fez um discurso elogiando o trabalho dos alunos e todos foram cumprimentados, encerrando nosso projeto.

3 Considerações finais

O Supermercado do Aprendiz foi um projeto interdisciplinar que teve como princípio, o papel ativo dos alunos na construção do conhecimento, fazendo com que o processo se tornasse significativo para a vida das crianças. Desse modo, o projeto repercutiu na comunidade escolar. Os alunos contavam o que aprendiam para os colegas de outras turmas, explicavam aos familiares a importância de exigir a nota fiscal para que os impostos fossem recolhidos e o município tivesse condições de fornecer os serviços públicos básicos.

Desenvolver bons cidadãos, conhecer seus direitos e deveres, saber se posicionar nos ambientes formais, praticar a leitura, escrita e raciocínio lógico, ter o conhecimento das leis que regem nosso país, além de saber sobre as culturas alimentícias, esse projeto teve um valor e significado que não cabem mensurar no papel. Foi na vivência, no brilho dos olhos dos participantes que ele se fez importante.

Referências

BRASIL. **Lei 8069/90**. Acesso em: 19 Jan. 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm.

BRASIL. **Lei 9294/96**. Acesso em: 19 Jan. 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9294.htm.

AS CORES A NOSSA VOLTA: UMA PROPOSTA DE EXPERIMENTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Fabíola Boff Borges

Se há uma fase na vida que pode ser definida como colorida, sem dúvida é a infância. Época na qual o indivíduo, independentemente de sua cultura ou condição social, é infinitamente criativo, curioso e motivado pela simplicidade.

Este incrível potencial criador das crianças, bem como seu encantamento com o universo que as rodeia, foi o que nos serviu de inspiração para o projeto relatado, o qual foi realizado em 2019 com uma turma de crianças pequenas na Educação Infantil.

A motivação deste trabalho foi a realização de uma Mostra Pedagógica, proposta pela equipe diretiva da Escola Municipal de Educação Infantil, do município de Vacaria, na qual atuo como docente. Ao pensar num tema para tal, se queria algo que fosse além de estereótipos comuns desta etapa escolar, algo distinto, um tema que permitisse despertar o interesse, estimular a investigação e preservar a alegria das crianças durante as atividades. Pois como afirma Paro (1998, p. 301):

[...] não basta a escola “preparar para” o bem viver, é preciso que, ao fazer isso, ela estimule e propicie esse bem viver, ou seja é preciso que a escola seja prazerosa para seus alunos desde já. A primeira condição para propiciar isso é que a educação se apresente enquanto relação humana dialógica, que garanta a condição de sujeito tanto do educador quanto do educando.

Nesta mesma época havia sido realizada uma atividade de identificação das cores, em objetos trazidos pelas crianças e classificados conforme tal característica, em sala de aula, além de

termos vivenciado um momento de pintura com tinta, no qual as crianças envolveram-se bastante. Assim, associando tais situações, surgiu a ideia do Projeto descrito a seguir:

Título: As cores à nossa volta
Problema: De onde surgem as cores?
Justificativa: As cores estão presentes em tudo que nos cerca, desde nosso corpo até os objetos e ambientes que temos acesso. Nos primeiros anos de vida a cognição das crianças se expande rapidamente e se mostra extremamente receptiva a estímulos. O ambiente escolar tem um grande papel mediador, possibilitando experiências e descobertas às crianças. Percebendo o interesse da turma pelas atividades que envolvem materiais coloridos apresentados de diversas formas, bem como a importância de propiciar a elas momentos de contato e exploração de diversos recursos relacionados às cores.
Objetivo Geral: Investigar a origem das cores e as possibilidades que estas nos oferecem, estimulando o potencial criador de cada criança.
Objetivos Específicos: - Observar o ambiente e objetos do cotidiano; - Dialogar sobre a origem das cores; - Levantar hipóteses sobre o tema; - Desafiar as crianças a ampliarem o pensamento, questionando suas hipóteses; - Perceber as cores nos recursos naturais e artificiais; - Identificar e nomear cores; - Ampliar a imaginação e criatividade; - Coletar junto à família materiais relacionados à temática; - Estimular o pensamento e o raciocínio lógico; - Aumentar o vocabulário e as formas de se compreender a realidade; - Aprimorar a linguagem oral; - Trabalhar em equipe, respeitando as diferentes opiniões do grupo; - Utilizar diversos materiais para ampliar as possibilidades de criação e expressão; - Experimentar recursos variados para criar produções artísticas; - Valorizar suas produções pessoais e as dos colegas; - Expor suas produções à comunidade escolar.

Atividades/ Estratégias/ Vivências

- Conversas com o grupo a respeito do tema cores;
- Brincadeiras livres e dirigidas;
- Jogos pedagógicos;
- Canções;
- Vídeos;
- Atividades de criação e expressão, envolvendo: pintura, desenho, recorte, colagem, modelagem, com a utilização de diferentes recursos físicos (mão, dedo, boca, pé...) e materiais (tintas, corantes, giz de cera, caneta hidrocor, cola colorida, pincel, haste de algodão...)
- Coleta de materiais com auxílio das famílias.
- Produção de tintas com recursos naturais.
- Estimulação da percepção visual, observando as cores nos momentos rotineiros, bem como em objetos do cotidiano.
- Preparação da sala da turma, com exposição das produções, bem como fotos dos processos desenvolvidos durante a Mostra Pedagógica.

Avaliação: Ocorrerá ao longo do projeto, tendo o intuito de fornecer informações sobre o andamento das investigações e produções, bem como avaliar o interesse das crianças pelas atividades propostas, além de permitir analisar se os objetivos estão sendo alcançados.

Após elaborado e compartilhado com a equipe diretiva, passamos então para o momento mais esperado, a execução do nosso projeto colorido. A realização deste projeto foi planejada levando em conta as características das crianças da turma, formada por 9 meninos e 7 meninas, com idades de 4 e 5 anos, todas com muita energia e entusiasmo. Teve-se sempre em mente que:

Um projeto é uma abertura para possibilidades amplas de encaminhamento e de resolução, envolvendo uma vasta gama de variáveis, de percursos imprevisíveis, imaginativos, criativos, ativos e inteligentes, acompanhados de uma grande flexibilidade de organização. Os projetos permitem criar, sob forma de autoria singular ou de grupo, um modo próprio para abordar ou construir uma questão e respondê-la. A proposta de trabalho com projetos possibilita momentos de autonomia e de dependência do grupo; momentos de cooperação do grupo sob uma autoridade mais experiente e também de liberdade;

momentos de individualidade e de sociabilidade; momentos de interesse e de esforço. (BARBOSA, 2008, p. 31)

Para iniciar o projeto realizou-se uma conversa com as crianças, questionando-as acerca da pergunta principal e levando-as a elaborar hipóteses. Dentre perguntas feitas pela professora e respostas dadas pelas crianças, surgiu o seguinte diálogo:

- Como as cores existem? Existem no mundo!
- Quem inventou elas? A lojinha, pintor, Jesus, vendedor...
- Como é que as cores vão parar nas coisas? É que a gente mistura a tinta!
- O que precisamos para fazer as cores? Pintar!
- O que usamos para pintar? Tinta, pincel...
- De onde vem as cores das tintas? Do céu, do mundo...

As criativas respostas, a falta de receio em participar, a ansiedade por externar seu pensamento estiveram presentes durante a conversa toda. A empolgação que as crianças expressam é algo incrível, e nunca pode deixar de ser levado em consideração em qualquer atividade proposta para elas. Analisando suas reações acredita-se ter havido êxito na escolha do tema.

Esse momento inicial foi compartilhado com as famílias, através de vídeo gravado em sala de aula e enviado para o grupo dos pais no *WhatsApp*, recurso este, que já utilizávamos como ferramenta de comunicação na nossa turma. Considera-se este canal extremamente benéfico e facilitador do processo comunicativo entre a escola e a família, auxiliando a troca de informações e encurtando distâncias, a fim de enriquecer a aprendizagem da criança e a participação da família na rotina escolar. Neste caso em específico foi explicado às famílias o que estávamos analisando e solicitamos sua colaboração através do envio de materiais relacionados ao projeto.

Importante aqui fazer uma referência à participação das famílias. Neste ano, nossa turma esteve composta por crianças pertencentes a famílias extremamente comprometidas e presentes em todas as atividades propostas pela escola. É imprescindível

citar como exemplo notável as entregas das avaliações periódicas, momento este em que todas foram entregues em todos os trimestres, fato este inédito na carreira docente, a qual conta com 20 anos de experiência. Este envolvimento dos pais nas atividades escolares revela o comprometimento dos mesmos com a vida escolar de seus filhos.

Como esperado, muitos foram os materiais enviados pelas famílias para o desenvolvimento de nossas atividades com as crianças. Esta colaboração das famílias foi muito positiva, mostrando o interesse e responsabilidade das mesmas, bem como auxiliando no trabalho docente, pois manteve-se a convicção que:

De modo geral, a participação dos pais deve se concretizar no auxílio à atuação pedagógica escolar. Isso implica propiciar à escola o suporte necessário para que a educação escolar seja o fruto de coordenação e coerência entre as atuações dos professores e da família.” (LÓPEZ, 1999, p. 77)

Reunidos então, materiais trazidos de casa pelas crianças e recursos existentes na escola, foi composto um cenário significativo e diversificado, contendo elementos da natureza, alimentos, esmaltes, maquiagens, tecidos, tintas, papéis coloridos, creme dental, colas, entre outros. Então os recursos foram identificados e deixados acessíveis em livre demanda para que as crianças realizassem uma criação.

Figura 1: Disposição dos materiais. Acervo próprio



Acervo próprio.

A criação livre foi então, a atividade inicial, na qual as crianças escolheram, individualmente, seus materiais bem como encontraram a forma de adequação de seu corpo que lhes favorecesse a execução da atividade. Ao longo do trabalho, puderam diversificar recursos e misturar elementos conforme sua curiosidade.

Figura 2: Crianças em atividade. Acervo próprio.



Acervo próprio.

Toda atividade na Educação Infantil, quando baseada na intencionalidade do educador, traz em si uma gama de significados e objetivos capazes de estimular muito além do que se pode imaginar. Enquanto educadores, temos que realizar nosso planejamento tendo sempre responsabilidade e comprometimento, afinal:

O pensamento criativo, a sociabilidade e a arte de fazer, manter e administrar amizades, a consciência essencial de ser e das coisas, as bases do pensamento lógico, a abertura infinita das inteligências, a plenitude das capacidades cognitivas, emocionais e motoras, o sentido da independência, o verdadeiro espírito de iniciativa, a sensibilidade para identificar, analisar e resolver problemas, a criação da hipótese, a segurança na expressão de sentimentos e opiniões, o controle do corpo e a imagem positiva de si mesmo que fundamenta a autoestima, se constroem nos primeiros anos de vida, com o auxílio de professores preparados e em ambientes seguros. (ANTUNES, 2004, p. 42).

Ressalta-se que durante o projeto mantivemos outros momentos em nossa rotina, priorizando a brincadeira e a interação no ambiente escolar, sempre respeitando seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento da criança, elencados na Base Nacional Comum Curricular, que são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se, os quais

[...] asseguram, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural. (BRASIL, 2018, p. 37)

Seguimos então dando continuidade as atividades planejadas, realizando-as com as crianças de acordo com as circunstâncias que surgiam, muitas sendo interligadas entre si. Descrevemos então os principais momentos:

Criação de tintas: Muitos elementos serviram de matéria prima para experiências, levantamento de hipóteses, testes e adequações. Realizou-se experimentos com diversos ingredientes: feijão, erva, flores e folhas naturais, papéis, sucos em pó, corantes alimentícios... Alguns recursos eram diluídos em água, outros ficavam por um período imersos em álcool, os líquidos coloridos também foram encorpados com farinha de trigo ou papel picado.

Figura 3: Criação de tintas. Acervo próprio.



Acervo próprio.

Colagens: Muito além do papel picado, foram utilizados muitos recursos, inclusive os naturais, como as pétalas das flores das quais retiramos pigmentos, além de tecidos, erva-mate, materiais alternativos, como rolinhos de papelão.

Pinturas livres: Individualmente ou em grupo as crianças foram convidadas a se expressarem como desejassem. Utilizando diferentes recursos para produzirem suas obras, bem como distintas bases e em diferentes posições. Foi visado valorizar além da expressão artística também a corporal. Nas práticas tradicionais a criança normalmente fica sentada e deve pintar com tinta guache em uma folha tamanho A4 disposta sobre a mesa, todas em um mesmo ambiente, e esse era um padrão que se pretendia alterar nessa proposta.

Posições e ambientes diversos estiveram presentes no decorrer do processo, inúmeros recursos foram utilizados: tinta produzida, aquarela, caneta hidrocor, lápis de cor, giz de cera, pincel, ramos naturais, esponja, rolo de pintura, canudo, borrifador, cartolina, placa de papelão, papel pardo, caixa acrílica, até mesmo as janelas da sala viraram tela.

Figura 4: Crianças em ação.



Acervo próprio.

Criação com tampinhas: A utilização de recursos alternativos é uma constante em nossa prática docente. Foi feito o uso de tampinhas plásticas para produção com tinta, utilizando

este recurso como um carimbo, bem como as utilizamos como o principal e único material para criar formas, compondo desenhos sobre um tema sugerido, através da combinação de diversas cores deste material. Criamos nessa última atividade uma mini exposição das obras, para que as crianças apreciassem as criações umas das outras.

Pintura com água na calçada: Parece soar estranho, mas sim, esta pintura é muito versátil quando nosso artista tem pouca idade e é dotado de muita criatividade e encantamento pela vida. Desenhar com pincéis molhados sobre a calçada leva às crianças a uma série de constatações, como a existência de cores neutras distintas daquelas habituais, mas que tem sua tonalidade alterada com a ação da água.

No aspecto lúdico constituiu-se num momento de muita diversão em dias de calor. Outro importante ponto a ser mencionado aqui é a importância da utilização dos espaços externos pelas crianças, vivemos num contexto em que a utilização dos ambientes ao ar livre se faz urgente nas escolas da infância.

Experimento com esmalte: Essa atividade ressaltou a importância e o significado da descoberta na Educação Infantil. Foi para nós, para as crianças e para os visitantes da nossa Mostra, um grande aprendizado oriundo de um acidente! Durante a pintura com esmalte de unha uma criança derrubou acidentalmente o vidro na bandeja de isopor na qual havíamos colocado os esmaltes, após realizadas as pinturas, durante o momento da organização dos materiais percebemos que o isopor havia derretido. Assim indagamos às crianças sobre o que havia ocorrido e propomos às crianças despejar outros esmaltes nas bandejas de isopor a fim de observar o resultado. Foi uma experiência muito divertida, que despertou o interesse e a participação de todos, que aguardaram ansiosos pelos resultados.

Modelagem: realizada com um recurso nada novo, mas bastante lúdico, necessário e versátil: a velha e boa massa de modelar não poderia ficar de fora do nosso projeto. Material importante,

acessível e muito desafiador nesse período escolar sempre é bem recebida pelas crianças. Além de estimular a criatividade, permite a criança criar e recriar, desenvolvendo processos e atingindo diferentes resultados. Também pode ser um bom meio de estimular o uso da tesoura e a interação das crianças em pequenos grupos. A proposta de utilização deste material foi a criações livres em duplas.

Organização dos trabalhos para Mostra Pedagógica: as crianças auxiliaram na preparação do espaço com suas produções, ficando felizes em observar o resultado das atividades.

Durante a visitação, ocorrida num dia em que a escola foi aberta apenas para tal evento, exibiam orgulhosos suas criações a seus familiares e amigos. Além da exposição dos trabalhos foram mostradas fotos das etapas do projeto, por meio de projeção de imagem na parede, a qual ocorreu também posteriormente para as crianças reverem suas ações geradoras de belos resultados.

Como já referido anteriormente, outros aspectos da rotina foram mantidos, enquanto o projeto era desenvolvido. Citamos como exemplos as atividades de leitura de histórias e observação de livros onde levamos títulos relacionados ao tema, canções, reconhecimento das cores durante os momentos de alimentação ou higiene e durante as brincadeiras, buscamos ainda, vincular o tema com datas comemorativas existentes no período.

Os processos desenvolvidos para a Mostra Pedagógica possibilitou uma experiência investigativa que superou as expectativas, e confirmou que: *“Tanto do ponto de vista das crianças como dos adultos, em cada momento da vida cotidiana existe uma extraordinária potência para construir conhecimentos.”* (FOCHI, 2018, p.21).

Ao final das atividades, foi possível levantar com a turma uma série de constatações as quais consideram-se muito pertinentes ao nosso projeto e que foram expostas num painel na sala, juntamente com as produções das crianças. O intuito era informar aos visitantes que o material exposto não eram apenas pinturas, mas sim o resultado de toda uma experimentação realizada.

Conversando, observando e experimentando, descobrimos que:

- A tinta extraída do feijão deve ser usada em seguida, pois azeda logo.

- Aquarela é uma tinta muito legal.

- O esmalte de unha derrete isopor.

- Trabalhos feitos com erva-mate misturada com água e cola mofam.

- As cores estão em infinitos lugares, pensamos que foi Deus quem as criou.

- Podemos extrair a cor de vários elementos da natureza, como flores, folhas e vegetais.

- A mistura de duas ou mais cores gera uma nova cor.

- É possível pintar com diferentes recursos.

- Tampinha e esponja servem para carimbar.

- Temos muitos objetos coloridos em nossos lares.

- Pintar em materiais suspensos é muito divertido.

- As roupas têm cores variadas.

- Tampinhas coloridas podem virar muitos desenhos.

- Podemos fazer arte com suco e canudinho.

- A farinha de trigo endurece as tintas que criamos, mas clareia as cores destas.

- Frutas, verduras e legumes possuem diversas cores.

- Temos brinquedos e criamos jogos coloridos.

- Cada pessoa tem sua preferência de cor.

- O desenho feito no vidro pode ser visto de dois lados.

- Massinha de modelar colorida se transforma em muita coisa nas nossas mãos.

Após a realização da Mostra Pedagógica as produções individuais foram entregues para as crianças autoras. As produções coletivas foram divididas de modo que cada criança pudesse

também ter como recordação uma produção da qual foi coautora. Isso é o que presenciamos, contudo o que acredita-se que o que as crianças levaram consigo foi algo bem além destes materiais.

Pela vivência desta experiência se arrisca afirmar que este breve porém, intenso e colorido período na escola, foi por estas crianças levado na mente, e o mais importante, no coração, pois foi isto que aconteceu conosco. Através de práticas docentes bem sucedidas preservamos a convicção de que os pequenos seres humanos, que são a nós confiados nas escolas, são fascinantes e *“Por isso quero ensinar as crianças. Elas ainda têm olhos encantados. Seus olhos são dotados daquela qualidade que, para os gregos, era o início do pensamento: a capacidade de se assombrar diante do banal.”* (ALVES, 2001, p.66). Esta afirmação mantém-se consonante com a opção pela área de atuação, a qual fiz no início da carreira.

Figura 5: Turma



Acervo próprio.

Desde a elaboração do projeto até a culminância com a Mostra Pedagógica transcorreram dois meses de intensas atividades, contudo tendo em vista o interesse que o tema despertou nas crianças propusemos ainda, um momento de apreciação de obras de arte, após a finalização do projeto.

Levamos para as crianças conhecerem cartões e materiais impressos com reproduções das obras produzidas pelos artistas da

Associação dos Pintores com a Boca e os Pés, instituição composta por artistas que utilizam estas partes do corpo para pintar suas telas. Este momento de observação dos materiais resultaram em duas novas atividades de criação artística pelas crianças: a pintura com a boca, utilizando pincel e tinta; e a ilustração com os pés, utilizando canetas hidrocores. Foram novas ocasiões de descobertas e desenvolvimento da empatia, onde foi necessário o trabalho em equipe e a solidariedade.

Práticas pedagógicas dinâmicas requerem empenho e responsabilidade do educador. Um aspecto que sempre primamos em nossa prática pedagógica é pela organização, acreditamos que o bom andamento das atividades e a eficácia de uma rotina produtiva exigem um ambiente organizado e harmonioso, que seja convidativo e agradável para as crianças. Desta forma ao final das atividades elas participavam da arrumação do ambiente utilizado e da limpeza dos materiais.

Acredita-se ter atingido os objetivos elencados no projeto descrito, principalmente porque as práticas educativas que devem ser consideradas ideais, nesta etapa da educação básica, tem de ser capazes de auxiliar no processo de construção da autonomia e das aprendizagens das crianças, valorizando sua identidade e envolvendo ações pautadas em princípios éticos, priorizando o afeto na relação com e entre as crianças, as quais devem ser o foco de qualquer ação no ambiente escolar.

Lembremos ainda que, no contexto atual, qualquer prática educativa deve integrar dois aspectos indissociáveis para o pleno desenvolvimento da criança: o Cuidar e o Educar.

Esperamos que o trabalho possa inspirar outros educadores que, assim como nós, acreditam numa Educação Infantil que valoriza a criança e suas potencialidades, que prioriza a brincadeira e os momentos de convívio e interação social, que possibilita a investigação e a descoberta, e que torna a escola um ambiente acolhedor e feliz!

Referências

ALVES, Rubem. **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas: Papirus, 2001.

ANTUNES, Celso. **Educação infantil: prioridade imprescindível**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FOCHI, Paulo. (Org.). **O brincar heurístico na creche: percursos pedagógicos no Observatório da Cultura Infantil – OBECI**. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2018.

LÓPEZ, Jaume Sarramona i. **Educação na família e na escola: o que é, como se faz**. Madrid: PPC, Editorial y Distribuidora, 1999.

PARO, Vitor Henrique. A gestão da educação ante as exigências de qualidade e produtividade da escola pública. In: SILVA, Luiz Heron da. (Org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 300-307.

PINTORES COM A BOCA E OS PÉS. Disponível em <https://www.apbp.com.br/>. Acesso em 18 de dez. de 2020.

PROJETO ESPORTES COM TACOS E RAQUETES – UM OLHAR DIFERENCIADO AOS ESPORTES NÃO TRADICIONAIS

Juliano Gonçalves Fernandes

1 Introdução

A implementação da BNCC, a partir de 2017, fez com que novos saberes fossem introduzidos a Educação Física, onde novas vivências se fazem necessárias ao conhecimento dos alunos. Estes que se acostumaram com os esportes tradicionais trabalhados nas aulas de Educação Física: futebol, futsal, voleibol, basquete e handebol e para conseguir contemplar os novos conteúdos se fez necessária a introdução de novos saberes às aulas de educação física. Nesse ponto os esportes que utilizam tacos e raquetes podem ser uma alternativa a novas práticas para a ampliação da chamada cultura corporal do movimento.

O objetivo do projeto foi de permitir aos educandos vivenciar alguns esportes que utilizam tacos e raquetes, bem como o seu contexto histórico, a localidade ao qual surgiram e sua expansão a nível mundial. O que faz possível relacionar os esportes não somente à prática, mas também na importância que eles têm na sociedade, pois

Cada prática corporal propicia ao sujeito o acesso a uma dimensão de conhecimentos e de experiências aos quais ele não teria de outro modo. A vivência da prática é uma forma de gerar um tipo de conhecimento muito particular e insubstituível e, para que ela seja significativa, é preciso problematizar, desnaturalizar e evidenciar a multiplicidade de sentidos e significados que os grupos sociais conferem às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento. Logo, as práticas corporais são textos culturais passíveis de leitura e produção (BRASIL, 2017, p. 214).

Esse projeto, foi aplicado no ano de 2018, em turmas de 6º a 9º anos das séries finais do Ensino Fundamental, de uma escola pública Municipal da cidade de Vacaria/RS e contou com a participação de cerca de 300 alunos.

2 O decorrer das aulas

No início do trimestre foi apresentado o projeto aos alunos e os objetivos que deveriam ser alcançados ao término. Para isso, as turmas foram divididas em equipes mistas, de número iguais de integrantes, e cada equipe deveria dar um nome a ela e desenvolver um escudo. Após, ficariam incumbidos de desenvolver uma raquete e um taco utilizando de materiais recicláveis para a sua confecção.

Nas aulas seguintes, foram apresentados alguns vídeos retirados da internet com dicas de confecção de raquetes e de tacos com diversos materiais recicláveis para auxiliar na elaboração dos mesmos pelos alunos. Na sequência, foram vistos outros vídeos com apresentações dos esportes que utilizam tacos e raquetes demonstrando sua prática, as regras e o seu contexto histórico. Nessas aulas foi possível que os alunos debatessem sobre o seu conhecimento dos esportes apresentados e o porquê da sua pouca divulgação nas mídias brasileiras e nas escolas.

No decorrer das próximas aulas, os alunos apresentaram suas equipes para a turma, explicaram o significado do nome da mesma, bem como o seu escudo e suas cores, além de entregarem ao professor seus tacos e raquetes confeccionados.

Nas aulas posteriores, a cada semana foi desenvolvido a prática de um dos esportes seguindo a ordem: tênis, tênis de mesa, *basebol*, *softbol*, *hockey*, *badminton*, *squash* e *pádel*. Primeiramente foi realizado uma apresentação do esporte tema da aula, explicando as regras, a forma de jogar e uma exibição do jogo para o conhecimento. Após, eram realizadas competições mistas e/ou por gênero entre as equipes de cada turma, utilizando os tacos e as raquetes confeccionadas anteriormente.

Essas competições tinham formato de campeonato, valendo pontos para as equipes vencedoras. A competição não tinha caráter avaliativo e sim motivacional. Os alunos com necessidades educacionais especiais participaram de todas as modalidades, onde foram feitas adaptações em suas práticas para que estivessem integradas às aulas e contassem com a participação efetiva de todos.

3 A avaliação

Os alunos foram avaliados através de sua participação nas aulas, quanto ao seu entendimento dos esportes, a confecção dos materiais necessários e seu desenvolvimento durante o projeto, levando em consideração o que o aluno tinha como conhecimento prévio e o que ele adquiriu ao longo do período através de anotações diárias das aulas.

4 Conclusão

O projeto foi de grande valia, pois fez com que alunos que não gostam de praticar os esportes tradicionais tivessem a oportunidade do conhecimento de novas modalidades esportivas como alternativas para a sua vida, o que é sugerido pela BNCC (2017, p. 213) onde

[...] é possível assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade.

Quanto ao uso de materiais recicláveis, ele se fez necessário devido à falta de materiais nas escolas públicas, de modo geral, o que faz com que para suprir essa carência sejam confeccionados e reutilizados os materiais que seriam descartados. Dessa maneira não há impedimento quanto a realização do projeto, porém se faz necessário planejamento prévio de professor e alunos para a

obtenção, limpeza e armazenamento dos materiais anteriormente à sua utilização.

O objetivo principal, além de seguir as novas implementações da BNCC, era apresentar novos esportes ao convívio do aluno e isso foi alcançado ao final do projeto, pois se obteve uma grande participação e dedicação dos alunos aos esportes apresentados, bem como alguns tornaram se parte do cotidiano deles.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 08 Dez. 2020.

SOBRE OS AUTORES

Adair Adams - Doutor em Educação nas Ciências (UNIJUÍ). Professor do IFRS – Campus Vacaria. E-mail: adair.adams@vacaria.ifrs.edu.br

Adriana Aparecida de Almeida Marcolin - Doutoranda em Educação no PPGEdu/UCS. Mestre em Educação no PPGEdu/UCS. Professora na Rede Municipal de Educação de Vacaria/RS e na Rede Estadual de Educação do Rio Grande do Sul. E-mail: adrianamarcolin@gmail.com

Daniela Corte Real - Doutora em Educação no PPGEdu/UCS. Mestre em Educação pelo PPGEdu/UFRGS. Licenciada em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (UFRGS). E-mail: danielareal.inclusao@gmail.com

Fabíola Boff Borges – Formada no Curso de Magistério pelo Colégio São José em Vacaria/RS. Graduada em Pedagogia (habilitação em Matérias Pedagógicas do Ensino Médio e Séries Iniciais do Ensino Fundamental) pela Universidade de Caxias do Sul. Especialista em Psicopedagogia pela Universidade de Caxias do Sul e em Gestão Escolar pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como professora de Educação Infantil na Rede Pública Municipal de Ensino de Vacaria/RS. E-mail: faboff@hotmail.com

Geraldo Antônio da Rosa - Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST). Mestre em Educação, pela Universidade do Extremo Catarinense. Graduado em Estudos Sociais – Fundação Educacional de Brusque. Professor na Graduação, Mestrado e Doutorado, na Universidade de Caxias do Sul. E-mail: garosa6@ucs.br

Juliano Gonçalves Fernandes - Licenciado em Educação Física pela Universidade de Caxias do Sul, Especialista em Educação Física Escolar, Ludopedagogia e Psicomotricidade pela Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranaíba. Professor da rede municipal de educação na cidade de Vacaria/RS e na rede estadual de educação do estado do Rio Grande do Sul. E-mail: julianof3rnandes@gmail.com

Letícia de Lemos Perin – Licenciada em Educação Física pela Universidade de Caxias do Sul (UCS – Campus Vacaria/RS). Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pelo IFRS – Campus Vacaria. Especialista em Docência na Educação Básica pelo IFRS – Campus Vacaria. Atua como professora de Educação Física, nos anos iniciais, na Rede Municipal de Ensino de Vacaria/RS. E-mail: lettylperin@gmail.com

Letícia Zamban Martins - Formada em Licenciatura em Educação Física pela Universidade de Caxias do Sul. Especialista em Administração Escolar - Supervisão Escolar e Administração Escolar - Orientação Educacional, ambas pela Faculdade Metropolitana do Planalto do Norte (FAMEPLAN). Atua como professora de Educação Física na Rede Pública Estadual de Ensino do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: leticiazamban01@gmail.com

Luciana Aparecida Zelazowski - Formada no Magistério pela Escola Estadual Vidal Ramos Júnior - Lages/SC. Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário Uniasselvi em Lages/SC, especialista em Educação Ambiental pela Faculdade Dom Bosco no Paraná. Atua como professora de Ciências na Rede Municipal de Ensino na cidade de Vacaria/RS. E-mail: lucizelaz@gmail.com

Márcia Boell - Mestra em Computação Aplicada pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Doutoranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (DINTER UCS/UNIPLAC). Membro do grupo de pesquisa: Tecnologia e educação: perspectivas

para transformação e potencialização dos processos de ensino e de aprendizagem - UCS; Grupo de Pesquisa “Formação Cultural, Hermenêutica e Educação da Serra Gaúcha” - GPForma Serra - UCS; Grupo de Pesquisa “Sistemas, Tecnologias e Educação” – EDUTECS/UNIPAL. Laboratório de Pesquisa de Inteligência Artificial Aplicada à Saúde, do Grupo de Inteligência Aplicada da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. E-mail: marcia.boell@gmail.com

Márcia de Aguiar Constante - Formada pelo Magistério Escola Rainha da Paz em Lagoa Vermelha, Pedagogia na Universidade de Caxias do Sul (UCS) com pós-graduação em Psicopedagogia pela Faculdade de Amparo/SP. Professora aposentada do Estado do Rio Grande do Sul e professora em exercício pela Prefeitura Municipal de Vacaria há 24 anos. E-mail: constantemarcia369@gmail.com

Marli Borsoi Pereira - Mestre em Engenharia e Ciências Ambientais UCS. Pós Graduada em Metodologia do Ensino e da Pesquisa em Educação Ambiental e Sanitária (FIA/SP) e em Gestão Escolar (IDEAU/RS). Licenciada em Biologia (UNISC/RS). E-mail: marliborsoi@hotmail.com

Nilva Michelson - Professora da Rede Pública Municipal e Estadual no Município de Vacaria, Mestre em Informática na Educação(IFRS), Especialista em Orientação e Administração Educacional(FB), Tecnologias da Informação e Comunicação no Processo de Aprendizagem(UFRGS) e Mídias na Educação (UFRGS), graduada em Letras (FALEV/UCS), palestrante e formadora de professores. E-mail: michelonnilva@gmail.com

Paula Marchesini - Coordenadora Pedagógica no Ensino Fundamental. Mestranda em Educação na Universidade de Caxias do Sul (UCS). Membro do grupo de pesquisa “Incluir”. E-mail: pmarches@ucs.br

Uilian Maciel de Almeida - Especialista em Educação Física: jogos, recreação e abordagens interdisciplinares, pela FAMEPLAN. Especialista em Formação Docente para EAD, pelo Centro Universitário Internacional. Licenciado em Educação Física, pela UCS/CAMVA. Bacharelado em Educação Física, pela UNISA. Professor de Educação Física da Rede Pública Estadual do Rio Grande do Sul. E-mail: uilian.maciel@hotmail.com

NARRATIVAS SOBRE AÇÃO DOCENTE

PROJETOS DESENVOLVIDOS NO ÂMBITO ESCOLAR

“A pluralidade humana, condição básica da acção e do discurso, tem o duplo aspecto da igualdade e diferença. Se não fossem iguais, os homens seriam incapazes de compreender-se entre si e aos seus antepassados, ou de fazer planos para o futuro e prever as necessidades das gerações vindouras. Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todos os que existiram, existem ou virão a existir, os homens não precisariam do discurso ou da acção para se fazerem entender. Com simples sinais e sons poderiam comunicar as suas necessidades imediatas e idênticas.

No homem, a alteridade, que ele tem em comum com tudo o que existe, e a distinção, que ele partilha com tudo o que vive, tornam-se singularidades e a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade dos seres singulares”.

(Hannah Arendt)